

MARCELO GRUMAN

SOCIABILIDADE E ALIANÇA ENTRE JOVENS JUDEUS NO RIO DE JANEIRO

ORIENTADORES: BILA SORJ; PETER HENRY FRY

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro/2002

RESUMO

A dissertação trata da construção da identidade judaica por parte de um grupo de jovens judeus cariocas de classe média. O estudo enfatizou dois dos processos de identificação com a etnia, os espaços de sociabilidade e a questão da manutenção das fronteiras comunitárias via casamento endogâmico.

Até a entrada na faculdade, a identidade judaica se exerce fundamentalmente no interior da comunidade judaica, seja na escola judaica, nos movimentos juvenis ou nas viagens a israel organizadas por instituições sionistas ou pelas próprias famílias. Neste momento, este jovem terá à sua frente, pela primeira vez na maioria dos casos, o "outro" de forma concreta. Terá de lidar com a possibilidade de fazer amigos e iniciar relacionamentos afetivos com não-judeus (ou não-judias). Também a partir da entrada na faculdade, a falta de opções não-religiosas para o exercício da "judeidade" leva muitos deles a freqüentar uma sinagoga ortodoxa apesar de não serem religiosos.

O estudo analisa o porquê deste fenômeno se, aparentemente, a ortodoxia desafia seu estilo de vida moderno. A intenção é mostrar como que, integrados à sociedade brasileira, levam à frente o diálogo entre tradição (representada pelo princípio da matrilinearidade) e modernidade (representada pela liberdade de escolha), ou seja, como este diálogo se apresenta, a partir da religiosidade, das relações de amizade e afetivas, na construção de sua identidade judaica.

Ficha catalográfica

Gruman, Marcelo

Sociabilidade e aliança entre jovens judeus no Rio de Janeiro/ Marcelo Gruman.
Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2002

xi, 143p. il.

Dissertação- Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGSA

1. Juventude Judaica 2. Identidade Judaica 3. Etnicidade 4. Modernidade 5. Tradição 6. Endogamia 7. Dissertação (Mestr.- UFRJ/PPGSA). I. Título

Introdução

Objetivo e definição do objeto

A pesquisa realizada para a dissertação de mestrado centrou-se na questão da manutenção de fronteiras étnicas. Interessa-me analisar os processos utilizados por um grupo de jovens judeus cariocas de classe média na elaboração de sua identidade judaica levando em conta sua inserção na sociedade brasileira, sem a sombra do anti-semitismo, ao menos na forma institucionalizada que caracterizou uma parte da história européia e brasileira anterior. Qual o significado que estes jovens dão à sua judeidade ? Por que é importante para eles se afirmarem enquanto parte de uma minoria num país que tem, na ideologia assimilacionista, a base de suas relações sociais ? Qual a importância, hoje, dada à endogamia, historicamente um importante determinante na definição de quem é e quem não é judeu ?

Os jovens entrevistados são parte da classe média e alta, cuja idade varia entre 20 e 30 anos; moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro; estudaram em escolas judaicas até a faculdade ou pelo menos até a 8ª série do ensino fundamental; se socializaram em movimentos juvenis sionistas e quase todos já viajaram para Israel num dos programas financiados por instituições judaicas ou com familiares; realizaram os rituais de passagem da religião judaica, o “brit-milá” (circuncisão), o “bar-mitzvá” (a maioridade religiosa, aos 13 anos de idade) para os homens e, muito mais raramente, o “bat-mitzvá” (a maioridade religiosa aos 12 anos), para as mulheres. Não se consideram religiosos, ao contrário, não seguem os preceitos religiosos da alimentação e das rezas diárias nem fazem o descanso semanal (chamado “guardar o shabat”), considerado um dos principais mandamentos de Deus. Todos eles trabalham ou fazem algum tipo de estágio na área em que pretendem continuar profissionalmente.

A idéia de estudar o que pensam e o que fazem os jovens judeus cariocas surgiu, literalmente, numa conversa de botequim, e modificou a proposta de trabalho da dissertação. Quando entrei no mestrado, minha intenção era realizar um estudo sobre a ascensão social de parte da população negra do Rio de Janeiro, dando continuidade ao trabalho iniciado na graduação. Desde o terceiro período estive inserido num projeto, sob orientação da professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, sobre “estudos de

comunidade” e, especificamente, a trajetória pessoal e profissional do sociólogo paulista Oracy Nogueira, cujos trabalhos na área das relações raciais foram de suma importância para o entendimento da “democracia racial” brasileira.

Numa quente noite de dezembro de 1999, eu e alguns amigos, meninos e meninas, todos judeus, decidimos comer uma pizza e tomar chopp no “Sindicato do Chopp”, um bar-restaurant em Copacabana. A conversa, não me lembro do que tratava. Até que, num dado momento, encaminhou-se para a questão do namoro e casamento com não-judeus. Todos na mesa, com a minha exceção, concordaram que a exogamia era o maior perigo que a comunidade judaica carioca corria se desejasse perpetuar-se pelas futuras gerações. O que mais preocupava o pessoal não era tanto a exigência da religião judaica com relação ao casamento endogâmico, justificado e legitimado pelo princípio da matrilinearidade, mas sim a dificuldade de convencer o cônjuge não-judeu a dar uma educação judaica à prole, quer dizer, fazê-la crescer “como judia”.

Àquela época, todos os meus relacionamentos afetivos se haviam dado com não-judias e coloquei a possibilidade de negociar, com a esposa “goy” (não-judia), o tipo de educação e sociabilidade a que os filhos teriam acesso. Informado pelas leituras antropológicas que me diziam que a identidade étnica é construída, modificada e, por que não ?, abandonada, propus que se desse aos filhos o direito de incorporar, ao longo da vida, o sistema simbólico que mais lhes agradasse. A resposta do pessoal foi que, na teoria, isto é muito bonito mas que, na prática, não ocorre.

Como em qualquer assunto polêmico, cada um dos lados tentava convencer ou, pelo menos, tornar mais plausível seu ponto de vista. Criou-se um clima de tensão que foi aliviado com mais algumas rodadas de chopp e coca-cola e frases, em tom de ironia, do tipo “você não é judeu...” dirigidas a mim. O que me impressionava era o fato de uma das moças sentadas à mesa estar, na época, namorando um não-judeu mas com a certeza de que ele não seria o “pai de seus filhos”. Contou-me que conversava abertamente com o rapaz sobre a impossibilidade de o namoro seguir em frente por muito mais tempo. Ele lia livros sobre judaísmo e dizia aceitar a conversão caso um dia decidissem se casar. Fiquei imaginando a angústia desta moça, por gostar tanto do rapaz e saber que o relacionamento não teria futuro (apesar da conversão nem sempre aceita pelos “judeus verdadeiros”). Incomodava-me, particularmente, o tom de inexorabilidade do casamento endogâmico, a

idéia de um futuro pré-concebido, “vou casar com uma judia”, e a influência da religião na definição da identidade judaica.

Nestas conversas informais, o direito de escolher o marido ou a esposa, característica moderna, confundia-se com a exigência moral, tanto da religião quanto dos pais, de “manter o judaísmo” pelo casamento endogâmico, característica da Tradição. A verdade incontestável, guia do comportamento social dos membros do grupo no período pré-moderno, tradicional, convive hoje com a liberdade de escolher seu estilo de vida, o modo de agir e pensar típicos de uma sociedade moderna e ocidental. Neste sentido, estes jovens judeus cariocas me parecem presos num dilema moral, exemplificado pelo caso de “amor proibido” descrito acima: devo seguir meu coração, meu desejo, ou aceitar as coisas como eles são, segundo o que os outros dizem e com as quais não necessariamente concordo? Foi naquela noite de dezembro que decidi levar adiante estas inquietações: Quem é o jovem judeu carioca no ano de 2001 ? O que pensa e onde está ? Por que ser judeu ? Por ser judeu, e por não concordar com a essencialização da identidade judaica, achei que este era um esforço válido.

Afastado da vida comunitária, namorando não-júdias e tendo a maioria de meus amigos além das fronteiras da comunidade judaica, o primeiro obstáculo a ser ultrapassado era saber onde estes jovens judeus estavam. Por meio de informes via correio eletrônico anunciando festas e eventos, e de amigos e conhecidos judeus, soube que a sinagoga Beit Lubavitch, da corrente ortodoxa Habad, estava atraindo boa quantidade de jovens nos serviços religiosos de sexta-feira à noite, o “shabat”, quando inicia-se o descanso semanal dos judeus, segundo os preceitos religiosos. Passei a freqüentá-la há mais ou menos um ano e meio, logo encarando uma espécie de rito de passagem, quando um dos rabinos da congregação me fez diversas perguntas sobre minhas origens, meu sobrenome (um dos meios de identificação étnica), meus estudos etc. Sendo reconhecido como judeu, senti-me à vontade para tirar dúvidas sobre aspectos da religião judaica, por exemplo, o significado dos “tefilin” (os filactérios).

A sinagoga passou a ser um novo espaço de sociabilidade para muitos jovens judeus. Mesmo que seja apenas para ouvir os cinco minutos finais da reza, para cantar uma das poucas músicas com que se tem familiaridade ou mesmo “fazer o social”, quer dizer, encontrar os amigos e combinar de sair para bares, restaurantes e boates da cidade, a

sinagoga virou um ponto de encontro já que, durante a semana, estão ocupados com a faculdade ou com o trabalho, com a correria da vida de uma metrópole como o Rio de Janeiro. Exceção feita à minoria de religiosos, seguidores da teologia da congregação, todos os jovens, moças e rapazes, vestem-se como qualquer carioca da mesma faixa etária e classe social. Eles chegam de calça jeans ou social, camisa social de manga curta ou comprida, camiseta “polo”, sapatos ou tênis. Elas, com saias, vestidos e calças tipo “stretch” (um jeans maleável), camisetas tipo “top” realçando as formas do corpo ou “blazers”, além da maquiagem.

Numa das sextas-feiras conheci dois rapazes que integravam um grupo chamado “Kadima” (“pra frente”, em hebraico), responsável por atividades sócio-culturais para a juventude judaica carioca, basicamente festas e viagens. Quase todos os seus membros freqüentavam o Lubavitch, embora não houvesse nenhum vínculo institucional entre os dois. Marquei com um deles um almoço para que me explicasse mais detalhadamente os objetivos do grupo. Numa sexta-feira à tarde nos encontramos num restaurante no bairro do Leblon e passamos cerca de duas horas conversando sobre diversos assuntos, sempre ligados à comunidade judaica e à sua juventude.

Ficou claro que a preocupação do grupo era com relação aos casamentos “mistos”, ou exogâmicos, que, segundo ele, vêm aumentando assustadoramente. A proposta do grupo era criar um canal de aproximação para os jovens judeus desgarrados de suas “origens”, impedindo a assimilação ao mundo não-judeu, e para os que continuavam ligados à comunidade mas não encontravam opções para exercer a sociabilidade interna ao grupo. Disse-lhe que estava fazendo uma pesquisa sobre a juventude judaica, o que ela pensava sobre sua identidade, e que gostaria de fazer parte do grupo (não necessariamente com a intenção de desenvolver uma análise sobre suas atividades). Creio que minha entrada no grupo foi facilitada pelo fato de eu ser filho de um ativista da comunidade e colega da época de escola de alguns dos membros.

As reuniões do “Kadima” aconteciam, geralmente, todas as terças-feiras. No início, um dos fundadores oferecia seu apartamento, num apart-hotel do Leblon, e a preocupação com a realização de eventos que causassem impacto na comunidade era evidente. A idéia era a seguinte: festas e viagens bem programadas, em locais definidos como “de alto nível” são um chamariz para aqueles jovens judeus que querem manter

vínculos com o judaísmo, manter a sociabilidade no âmbito comunitário mas, quando saiam da escola judaica e do movimento juvenil, não sabiam como. A maioria dos membros do “Kadima” trabalhava ou estagiava, por isso as reuniões eram marcadas para a parte da noite, por volta das 21:00. O grupo durou alguns meses e, já nos seus últimos momentos, passou a organizar as atividades na Cobal do Leblon, um complexo de bares em frente ao Clube de Regatas do Flamengo. Além de poderem “beliscar” alguma coisa, tanto moças quanto rapazes gostavam da idéia de poder acompanhar a movimentação dos freqüentadores, principalmente da juventude (não-judaica), e também encontrar, esporadicamente, conhecidos judeus.

No período em que participei do “Kadima” tive a oportunidade de organizar, juntamente com os outros membros, uma festa numa cobertura da Avenida Atlântica, exclusiva para a juventude judaica. Nós nos revezávamos na entrada, recebendo o convite dos que o haviam adquirido antecipadamente, ou cobrando dos que souberam do evento apenas naquele dia. Estas festas são um outro espaço de sociabilidade usado pelos jovens judeus cariocas. Nelas, é possível rever velhos amigos, antigos colegas da escola judaica e, quem sabe, conhecer uma menina (ou menino) interessante, um (a) futuro (a) namorado (a). Não se pode esquecer que um dos objetivos do grupo era dar a oportunidade da juventude judaica se freqüentar, seja para manter os vínculos de amizade ou para iniciar um relacionamento afetivo-sexual. Por trás de todos os eventos programados para este público específico está a preocupação com a “assimilação” (via casamento misto). Outra festa da qual participei como “observador participante”, foi a “Noite da Pizza”, na pizzaria Gattopardo, no bairro da Lagoa, alugada para o evento e organizada pelo departamento juvenil da sinagoga Beit Lubavitch.

Foi destes espaços de sociabilidade, a sinagoga, as festas/eventos exclusivos e a Cobal do Leblon que surgiu o meu objeto de estudo. Num primeiro momento, será feito um “inventário” da sociabilidade juvenil judaica. Começando pela convívio na escola e nos movimentos juvenis e continuando após a entrada na faculdade, a manutenção de vínculos comunitários inclui festas, viagens e outras atividades, inclusive no interior da Beit Lubavitch entre outras sinagogas(jantares japoneses, por exemplo) porém atraindo, além dos que marcam presença praticamente toda sexta-feira, jovens que, não necessariamente, freqüentam-na no “shabat”. Num segundo momento realizo um corte, concentrando-me na

análise da sinagoga ortodoxa como espaço de convivência juvenil na época da faculdade e o que leva parte dos jovens entrevistados a procurar a ortodoxia na medida em que esta concepção de mundo contradiz, aparentemente, o estilo de vida moderno que adotaram. Não tenho a pretensão de achar um padrão de comportamento destes jovens, mas tentar entender um pouco melhor o modo como eles constroem sua judeidade, as fronteiras entre o “nós” e o “eles” que, como veremos ao longo do trabalho, é flexível e mutável de acordo com a situação, o contexto.

Foram realizadas 20 entrevistas, consumindo cerca de vinte e cinco horas de gravação. Alguns dos entrevistados me foram indicados por meio de amigos em comum, e o primeiro contato feito através de correio eletrônico e do telefone. Todos foram muito simpáticos e solícitos, transformando as entrevistas num gostoso bate-papo em clima bastante informal. Na verdade, o que houve, do início ao fim, foi uma troca enriquecedora de experiências, de maneiras de encarar o pertencimento à etnia judaica. Acredito que o fato de ser judeu facilitou bastante o desenrolar das conversas quando o assunto era a sexualidade e os relacionamentos com pessoas de fora da comunidade judaica, os chamados “goyim”.

Parece-me que surge, aqui, a lógica do “você sabe com quem está falando ?” (DaMatta,1979), na medida em que eu, enquanto judeu, faço parte, segundo os entrevistados, do mesmo universo cultural, partilho com eles uma afinidade simbólica, entendo o seu sentimento de pertencer ao grupo. A descontração se relaciona, entre outras coisas, ao fato de eu ser visto como um “igual”, alguém que pensa e sente como eles, alguém que partilha determinados valores (sobretudo em relação a namoros e casamentos extra-comunitários) e as mesmas dúvidas sobre manter ou não a endogamia. Era como se me considerassem uma “persona” (Mauss,1974), alguém inserido em relações morais e pessoais. Exemplos desta pretensa cumplicidade são expressões e palavras em hebraico sem a devida explicação por parte dos entrevistados, pressupondo meu conhecimento prévio do significado.

A definição da hora e do local da entrevista ficou a cargo dos jovens. Houve os que me convidaram às suas residências, mas a maioria preferiu marcar o encontro num local público, bares da zona sul e do centro da cidade. Aqueles que trabalham ou estudam no centro da cidade escolheram, por exemplo, um lugar chamado “Arco do Teles”, onde

executivos e estudantes universitários costumam ir para o “happy hour”, logo após o expediente, para conversar com os amigos e relaxar depois de mais um dia de trabalho. Outro local foi a própria empresa, na hora do almoço, numa sala reservada. Para aqueles que preferiram marcar em bares da zona sul, as escolhas foram o “Caneco 70”, na Avenida Delfim Moreira, em frente à praia do Leblon, e o restaurante Cervantes, em Copacabana.

A sinagoga e as festas possibilitaram o primeiro contato com estes jovens. Ao longo das conversas, ficou claro que são duas entre as diversas estratégias utilizadas na manutenção das fronteiras étnicas. São duas peças no processo de construção da identidade judaica, cujo início deve ser buscado a partir da socialização primária com os amigos da escola. Esta pesquisa está centrada no trabalho de campo e nas entrevistas. Baseado na trajetória pessoal de cada um dos entrevistados pretendo analisar, entre outras coisas, o porquê de ir à uma festa que, de antemão, é classificada como “um porre” e que, aparentemente, não tem nada de judaica ou à sinagoga ortodoxa, apesar de não serem religiosos.

Continuidades e rupturas

A vida social destes jovens tem início numa das escolas judaicas da cidade do Rio de Janeiro. Desde o maternal até o terceiro ano do ensino médio ou, ao menos, o oitavo ano do ensino fundamental, a criança judia cria os primeiros vínculos de amizade com os colegas de turma. Brincam na hora do recreio e estendem a diversão para além do horário escolar.

Nos sábados à tarde freqüentam um dos movimentos juvenis sionistas existentes onde, além das atividades voltadas para a conscientização política, passa-se o tempo jogando bola e pintando as paredes da casa ou apenas batendo papo com os amigos. No movimento juvenil, além dos colegas da escola que eventualmente iam juntos, brinca-se e diverte-se com aqueles que lá foram apresentados e que não estudam juntos. Já na fase adolescente estes jovens, cujas amizades se estendem para além das paredes da sala de aula, acham no cinema, no teatro e nos pique-niques nos parques da cidade outras formas de entretenimento. A socialização se restringe, na grande maioria dos casos, à comunidade judaica. Também durante a fase adolescente, e até a entrada na faculdade, viagens a Israel,

programadas por instituições judaicas ou pelas próprias famílias, são outra maneira de criar vínculos com o judaísmo e expandir o círculo de amigos.

A entrada na faculdade marca o início de um novo momento nas relações sociais destes jovens. Agora, eles são parte de um universo completamente distinto daquele existente na escola judaica. Em vez do contato ser mediado pelo sobrenome típico, o que impera é a relação impessoal do número de inscrição. É na faculdade, também, que a maioria deles toma consciência de sua condição judaica, surgindo aquilo que Cardoso de Oliveira(1976) chamou de “identidade contrastiva”, quando a separação entre o “nós” e o “eles” torna-se evidente. Creio que a entrada na faculdade deve ser lida como o primeiro desafio à manutenção das fronteiras étnicas, é o momento de decidir quem vai ser amigo e quem vai ser apenas colega de turma, cujo contato maior se dá na época de provas e trabalhos pela troca de informações, ajuda nas matérias em que se é deficiente, trabalhos em grupos etc. É aqui que o jovem judeu depara-se com questões do tipo “continuo sendo judeu se tenho amigos não-judeus?”, “devo afirmar minha identidade judaica para meus amigos não-judeus?” ou ainda “quem são meus amigos de verdade?”. Fora isso, há a possibilidade de sentir-se atraído por um (a) colega não-judeu, criando um conflito de valores relativos à endogamia.

Porém, tanto para os jovens que construíram bases sólidas de amizade no período escolar e dos movimentos juvenis, quanto àqueles que se afastaram do convívio comunitário mas que desejam manter vínculos, surge um problema para que se desenvolva a sociabilidade juvenil: a falta de opções. A reclamação mais comum é com relação à falta de espaços que possam reunir a juventude judaica carioca no intuito de fortalecer laços de amizade e permitir que moças e rapazes se conheçam para o início de um relacionamento estável, namoro e, quem sabe, casamento. O Clube da Barra, por exemplo, é considerado muito afastado (no final do bairro da Barra da Tijuca) e o Hebraica (em Laranjeiras) é classificado como “decadente” e “feio”. É neste contexto que entendemos o surgimento do grupo Kadima, entre outros, e da sinagoga Beit Lubavitch como espaços de convivência social.

Com relação ao Kadima, vimos que seu objetivo era reunir jovens judeus para evitar a assimilação. As festas eram organizadas em locais fechados para o evento, e o interessante é que não havia nenhum símbolo que expressasse seu caráter judaico. Na

verdade, qualquer tentativa de enquadrá-la ou rotulá-la de “judaica”, seja pela música em hebraico ou pelo uso de comida “kosher” (preparada segundo os preceitos religiosos da alimentação) era rechaçada. A sinagoga, por sua vez, passou a ser um ponto de encontro de amigos. Além disso, jantares japoneses, servidos exclusivamente para o público juvenil após a cerimônia do “shabat”, servem como chamariz, tendo como objetivo principal a oportunidade de colocar em contato judeus e judias com vistas ao casamento endogâmico.

A pergunta a ser feita é “por que exatamente a sinagoga Beit Lubavitch, que segue a ortodoxia, se estes jovens não são religiosos?”. Três pontos devem ser levados em consideração: o primeiro é que a identidade judaica destes jovens está baseada mais na subjetividade, no “sentir-se judeu”, do que na elaboração de um discurso coerente, encadeando fatos e parte de um conjunto de valores; o segundo ponto é a preponderância da religião na definição da identidade judaica, o que nos ajuda a entender a centralidade da sinagoga na demarcação de fronteiras sociais; o terceiro ponto diz respeito à falta de alternativas do mundo não-religioso na afirmação desta identidade, incapaz de desenvolver atividades no sentido de estabelecer laços de solidariedade interna, principalmente a partir da entrada na faculdade.

A religião passa a ser um dos poucos caminhos legítimos no alcance deste sentimento de pertencer ao grupo. O Lubavitch, especificamente, parece expressar, para muitos dos jovens, aquilo que se chama de “judaísmo verdadeiro”, sendo o rabino de chapéu e barba seu maior símbolo. Alia-se a este poder simbólico o fato de a congregação aceitá-los como eles são, ou seja, jovens judeus e cariocas. O “sushi”, o “top” e a informalidade do serviço religioso são uma adaptação da tradição religiosa aos tempos modernos característicos do Rio de Janeiro do ano de 2001.

Percebe-se que o assunto “casamento” perpassa tudo que esteja ligado à sociabilidade juvenil, com maior ou menor intensidade de acordo com o jovem entrevistado. O modo de comportar-se nas festas exclusivas, evitando o contato sexualizado com o outro, de desqualificar moralmente o relacionamento com não-judeus preservando a “pureza” étnica, ou a ambigüidade do discurso quando se trata de amor e desejo revela o quão difícil é o processo de construção da identidade judaica conciliando aspectos tradicionais e modernos. De um lado, há a exigência de casar endogamicamente, conforme

o princípio da matrilinearidade, de outro, a liberdade de escolher o cônjuge e passar, pela negociação, os ensinamentos da cultura judaica.

Até a entrada na faculdade não há, de um modo geral, grandes diferenças na trajetória social do jovem judeu carioca. Seguindo este raciocínio, no capítulo I o foco aponta para sua vida social comunitária desde o colégio judaico até a faculdade, incluindo os eventos que ocorrem a partir deste momento tanto dentro da Beit Lubavitch quanto em locais reservados por seu departamento juvenil; organizados pelo Grupo Kadima; organizados por outros grupos juvenis; e espaços “apropriados” por jovens judeus, “judaizando-os”, nos fins-de-semana, como a Cobal do Leblon. No capítulo II faço um corte, concentrando-me na análise da escolha feita por uma parcela deste jovens pela Beit Lubavitch como espaço de sociabilidade, o porquê de escolherem uma sinagoga ortodoxa apesar de não serem religiosos. O terceiro e último capítulo trata da questão do casamento e do perigo da “assimilação” representado, ao menos no discurso, pela exogamia. Esta preocupação não é exclusiva dos jovens que freqüentam a sinagoga ortodoxa, vai além das escolhas individuais referentes à identidade judaica asumida.

Tento mostrar neste trabalho alguns aparentes paradoxos sempre presentes no estabelecimento de relações de amizade ou afetivas por parte destes jovens, totalmente integrados à sociedade brasileira e, particularmente, à realidade social carioca. O primeiro mostra como a cultura leiga é assimilada através do sushi ou da música “funk”, muitas vezes em festas judaicas que não exibem nenhum símbolo tradicional judaico. O segundo aponta para o fato de jovens não-religiosos serem admiradores e freqüentadores de uma sinagoga tradicional, ortodoxa. O terceiro é o conflito entre a liberdade de escolha do (a) parceiro (a) e o controle da instituição “comunidade judaica” relativo à endogamia.

Seu estilo de vida está baseado no princípio social da igualdade e liberdade, valores característicos da ideologia moderna ocidental, dando ao “indivíduo humano” o direito de escolher, a cada situação, os atributos que mais o atraem para a manifestação desta ou daquela identidade. Por outro lado, o estabelecimento de determinados padrões de comportamento por meio da tradição religiosa, como a endogamia, retira do “indivíduo” o poder de decisão, passando-o às mãos da “comunidade”, tomada como uma instituição acima dos desejos individuais. A pesquisa tenta compreender de que modo estes jovens judeus cariocas lidam com esta dupla concepção de mundo, uma individualista e outra

hierárquica (Dumont,1995), onde muitas vezes o sagrado vira profano e o profano vira sagrado. Como é a relação entre a Modernidade e a Tradição na elaboração desta identidade étnica juvenil ? Até que ponto a cultura não-religiosa é assimilada ? O casamento exogâmico ainda é um assunto tabu ?

Capítulo 1- Redes de sociabilidade

1. O círculo de amigos

Certa vez, um ex-colega do colégio, que havia encontrado na cerimônia do “shabat” no Lubavitch, e que não via há bastante tempo, me ofereceu carona na volta para casa. Conversávamos sobre os mais variados assuntos, sempre ligados à comunidade judaica, quando me aconselhou a aparecer mais nos eventos programados exclusivamente para a juventude judaica. “Aparecer”, neste caso, significa participar dos eventos para ser reconhecido enquanto judeu, é mostrar que se tem o direito de estar dentro de um ambiente amigo e receber a solidariedade por parte dos outros membros. Não adianta, portanto, simplesmente dizer “sou judeu” sem tornar esta afirmação concreta, representando este pertencimento no circuito de atividades específicas para os jovens.

Dois exemplos confirmam esta idéia. O primeiro deles ocorreu num jantar japonês realizado após o “shabat” no Lubavitch, exclusivo para jovens. Conversando com o mesmo rapaz que me dera carona dias antes, questionei a ausência de dois outros, muito amigos dele, que respondeu de maneira sarcástica “eles não são judeus”, talvez por não comparecerem regularmente aos eventos. O segundo ocorreu na reunião de um grupo de jovens que discutiam o resultado de uma festa por eles organizada. Soube-se que houve um prejuízo de cerca de R\$1 mil, levando um dos organizadores a pedir festas mais baratas com o argumento de que “judeu não paga mesmo, não”¹. Uma menina, porém, tocou no ponto que parece ser o mais sensível de todos, a “assimilação” via namoro ou casamento com não-judeus. Disse ela que o prejuízo se deveu, também, além do preço considerado alto (R\$25,00 na hora), à ausência de pessoas que, teoricamente, deveriam ter comparecido. Após citar vários nomes afirmou que “essas meninas não vão mesmo, se converteram.

¹ Este tipo de comentário tem um duplo significado. O primeiro, como veremos no capítulo 3, a estigmatização da festa judaica leva muitos jovens, que desejam continuar freqüentando estes ambientes, a procurar outros caminhos que não pagamento do ingresso (por exemplo, conseguindo convites com os organizadores). O segundo diz respeito às ‘piadas de judeu’, comuns no meio judaico, ridicularizando a suposta avareza do povo judeu, uma característica quase que hereditária.

Estão com a ‘goyzada’ (modo pejorativo de se referir aos não-judeus, “goy” significa não-judeu).

Negar a sociabilidade é negar uma forma importante de construir a identidade judaica. O que é considerado mais grave, além do não-comparecimento, é a união com pessoas que estão além das fronteiras do grupo, a “goyzada”. Esta idéia de manchar “pureza” identitária, ainda que não consensual entre os entrevistados, é uma preocupação que surge já no fim da adolescência, quando há maior contato com pessoas não-judias, seja na faculdade ou ambientes “neutros” como boates, bares e praias. Se pensarmos no círculo de amigos como um tipo ideal, veremos que ele segue uma determinada ordem. O jovem judeu, ainda criança, entra numa escola judaica; participa de movimentos juvenis sionistas; vai a clubes judaicos; viaja a Israel com os pais ou através de programas educativos/turísticos. No momento de entrar na faculdade, já tem um grupo de amigos dentro da comunidade judaica.

O novo ambiente abre um leque de opções, pois pode ampliar suas amizades ou ignorar este espaço e permanecer com os velhos e fiéis companheiros. Tanto este quanto aquele, no entanto, sentem falta de atividades voltadas para sua faixa etária, universitária, no interior da comunidade. O jovem que fez novas amizades, não-judias, que sente vontade de manter-se ativo dentro dela, e o que nem mesmo se distanciou, então, elaboram estratégias que permitam dar continuidade à sua identidade judaica. Na verdade, integrar-se socialmente na faculdade não significa, necessariamente, o abandono da judeidade, mas uma negociação de identidade de acordo com a situação social apresentada. A formação, manutenção e ampliação do círculo de amigos e suas variações internas serão analisadas adiante.

1.1 O circuito interno

Os primeiros quinze anos de parcela significativa dos jovens judeus cariocas se passam, de um modo geral, em ambientes considerados judaicos. Praticamente desde o nascimento o indivíduo frequenta escolas judaicas onde tem os primeiros contatos com os futuros “amiguinhos”. A formação escolar, que inclui matérias específicas do judaísmo (hebraico, história judaica e estudos da bíblia) e gerais, como qualquer escola não-religiosa

ou “neutra”, caminha junto com a formação da identidade étnica. À medida em que os anos passam, novas atividades são oferecidas aos jovens, como clubes e movimentos juvenis, funcionando como uma extensão da sociabilidade escolar. Há uma preferência por não abandonar aquilo que já se conquistou, quer dizer, além de serem amigos, são amigos judeus, com uma identificação particular. Manter-se vinculado às raízes também pode ajudar no momento de procurar a chamada “cara-metade”, o (a) namorado (a). As viagens para Israel, organizadas por instituições judaicas e que têm, hoje, um objetivo muito mais cultural do que propriamente doutrinário, ou seja, de convencer os jovens a fazer “aliá” (emigrar para Israel e colonizá-la, afinal lá seria a “terra dos judeus”), é um outro caminho para a integração dos jovens num ambiente judaico. Muitas vezes o círculo de amigos estende-se além das fronteiras geográficas, indo até São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba. A distância física não impede que haja uma ligação social baseada tanto na afinidade juvenil quanto no fato de o parceiro ser judeu e, portanto, igual a si mesmo.

“Eu fiz ‘Nachat’ (passar um mês em Israel), estudei no Eliezer, estudei no Liessin, trabalho no Eliezer e danço dança israeli, e faço faculdade. Se for pensar, tive muito mais oportunidade de conhecer judeus do que não-judeus. Eu tenho amigas não-júdias, mas tenho muito mais amigos judeus, não que eu tenha alguma coisa de diferença por não ser judeu, mas simplesmente porque não aconteceu conhecer. Mas eu tenho bons amigos na faculdade que não são judeus” (D., professora de história judaica)

“A maioria das minhas amigas são júdias, me dou com outras pessoas, saio com não-judeus mas a maioria dos amigos que eu tenho, que eu tô sempre saindo são judeus e é uma coisa que eu busco estar sempre...não me afastar. Estar sempre com eles, pra não perder o que eu tive a vida inteira, a minha base, que foi sempre...eu quero continuar pela minha vida. Então, eu acho importante frequentar os lugares, estar sempre no meio para manter os vínculos” (I., estudante de arquitetura)

“90% (dos amigos está) na comunidade judaica. É uma consequência de convivência de anos dentro deste ambiente. Hoje, já não é nenhuma opção...quer dizer, eu conheço muita gente da comunidade judaica, então acaba que é uma consequência. Você vai nos lugares e as pessoas sabem quem você é, você vai nas festas, você frequenta...Eu vou falar, é uma consequência mas também é uma opção, eu não quero mudar isso. Eu não corro atrás, não faço questão de mudar isso” (B., estudante de jornalismo)

“Vieram da escola, do ‘Nachat’ que foi essencial, eu falo com um monte de gente até hoje, e do clube” (B., estudante de medicina)

Estudar num colégio judaico é um meio de fundar bases sólidas com relação à vida cultural e social. Aprender que se é parte de um grupo particular e com uma história específica, da qual se deve ter orgulho e pela qual se nutre sentimentos de pertencimento, caminha lado a lado com a importância de se criar vínculos afetivos que resistam ao tempo.

Manter os vínculos com a comunidade judaica, freqüentando atividades exclusivas ou se divertindo com amigos judeus é fundamental. A escola judaica fornece um vasto campo de possibilidades para que esta identificação ocorra e, apesar de alguns jovens justificarem a saída do colégio judaico, no período próximo aos vestibulares, através de argumentos práticos, o fato é que educação judaica e sociabilidade estão bem misturados.

“Você já viu alguém do Eliezer repetir em hebraico ou Tanach (estudos da bíblia), ou qualquer outra coisa ? Porque eles têm medo que os pais tirem as crianças da escola judaica, porque em outras escolas eles não vão ser repetentes. Se alguém for repetir em hebraico, eles vão tirar e vão colocar no Princesa Isabel que também tem um monte de judeu, e não tem hebraico. Acho que o ensino...se a gente preza tanto a cultura, a educação, não acho que tem que ser voltada só pro vestibular, que é uma coisa imediatista” (I., advogada)

“Eu levava uma hora pra chegar no Liessin (colégio judaico, em Botafogo), já não era um colégio tão bom e o Bahiense é do lado da minha casa, cinco minutos, e é um colégio ótimo” (S., estudante de desenho industrial)

“Porque era na frente da minha casa (o Bahiense). Eu fiz o maior esforço a minha vida inteira pra ir pro Eliezer, porque eu achava importante você conhecer todo o grupo e ter toda a educação judaica (...). Eu não agüentava mais ir pra Laranjeiras (onde fica o Eliezer) todo dia e eu achava que tudo o que eu queria ter aprendido numa escola judaica, eu tinha aprendido (até a primeira série do segundo grau)” (B., estudante de medicina)

Ainda durante o período escolar, e geralmente nos primeiros anos do ensino fundamental, surge uma nova oportunidade de ampliar o leque de “amiguinhos” que já se tem na escola, ou criar os primeiros laços caso a adaptação não tenha sido satisfatória. O novo espaço é o movimento juvenil e a gênese deste tipo de organização não pode estar separada do contexto histórico.

1.2 Os movimentos juvenis

Todos os movimentos juvenis, até hoje, se definem como sionistas (consideram Israel o lar dos judeus) e a maioria se identifica com as idéias socialistas. No período anterior à criação do Estado de Israel e no imediatamente posterior, os movimentos juvenis arregimentaram centenas de jovens, doutrinando-os no sentido de “fazer aliá” e colonizar o recém-criado Estado Judeu. Era preciso fortalecer o território trabalhando a terra e estabelecendo definitivamente as fronteiras do tão sonhado lar nacional judaico. A única chance de o povo judeu sobreviver sem qualquer perigo exterior, pensava-se, era via

imigração. Os movimentos ligados ao socialismo² vislumbravam o “novo homem judeu” regenerado pelo trabalho agrícola e industrial, dentro dos “kibutzim”, as fazendas coletivas cujos meios de produção são propriedade de todos. Exortava-se os “chanichim” (educandos) a abandonar as faculdades e ingressar em cursos profissionalizantes.

Apesar de atraírem muita gente, poucos se aventuraram a dar o último passo, abandonar a família, amigos e o trabalho para lançar-se numa terra desconhecida. Já naquela época, anos 50, boa parcela já tinha possibilidades de entrar numa faculdade, tornar-se “doutor”, sonho de pais e mães que viveram dificuldades seja como imigrantes ou filhos de. Os anos passaram, e os jovens de hoje, crianças de ontem, não encaram, com raríssimas exceções, o movimento juvenil como um ponto de passagem obrigatório entre a diáspora e Israel. E nem mesmo a doutrina continua ortodoxa como no passado. Dois ex-madrachim (educadores) contam como é a metodologia educacional dos movimentos juvenis hoje, de modo geral.

“O sionismo, hoje, já não é a mesma coisa. Todos eles têm...o sionismo passa uma relação muito íntima com Israel, pelo menos os movimentos juvenis que eu tenho mais contato. A Chazit, ela tenta influenciar um pouco mais pra ‘aliá’, mas não tá dando muito porque as pessoas não têm vontade de ir. Muitos sim, mas a maioria não. Lógico que não dá pra fazer uma lavagem cerebral e nem a gente quer isso” (B., estudante de jornalismo)

“Fui pra ficar um mês, duas vezes. Tinha um programa, a gente passou uma semana na ‘gadná’ (exército), uma semana no kibutz do Shomer (há movimentos juvenis que constroem seus próprios “kibutzim”. O “Hashomer Hatzair” significa “Jovem Guardião”), tipo um albergue, e lá tinha seminário de ‘hadrachá’ (educação). A gente ficou aprendendo liderança, espírito de grupo, como ensinar isso para os ‘chanichim’, digamos assim. Passou uma semana no kibutz, e aí tinha gente que trabalhava na terra, que cortava grama, eu trabalhava...dei muita sorte, trabalhava na lavanderia. Na verdade, eu só dobrava roupa. Foi legal, divertido, nada do outro mundo. E passou duas semanas viajando, conhecendo Israel. Passou uma semana em Praga, isso foi legal, maneiro pra caramba, e depois a gente foi...esqueci o nome do lugar...a gente foi ver o campo de concentração que tem ali perto, do lado de Praga (...). Na verdade, eu sou contra ‘aliá’, eu sou contra ‘shnat’ (passar um ano em Israel, com vistas à ‘aliá’). Acho que Israel não precisa da gente, Israel não precisa de peão de obra pra ir lá e ficar trabalhando no kibutz, mas isso foi quando Israel precisava realmente. A ideologia do movimento é a seguinte: ou você faz ‘aliá’ ou trabalha pela comunidade, existe esta brecha. Sionismo é você ajudar o Estado de Israel, talvez agora. Israel não precisa de dinheiro, ganha dos EUA quatro bilhões de dólares (...). Imagine você pegar quinhentos mil dólares e investir em projetos da comunidade judaica do Rio ou do Brasil” (D., estudante de direito)

A ideologia sionista e socialista deixa de ser um motivo, ao menos o principal deles, que induz o jovem a entrar no movimento. Nem antes nem depois de já incorporado ele se mira nas suas idéias e propostas para definir aquele com que mais se identifica. O movimento juvenil, cujas reuniões fixas ocorrem aos sábados de tarde, é uma

² Para a análise de um dos movimentos juvenis sionistas socialistas, ver Pinsky (2000).

opção para aqueles que desejam manter o vínculo com a comunidade judaica, via amizade, fora das atividades formais do colégio. Para uns ele se torna um vínculo quando se abandona a escola judaica, para outros é uma continuidade dela. Há os que vêem a oportunidade de estar mais próximo da garota por quem se está apaixonado ou um incentivo para se mudar de país.

“Eu não queria perder o laço com a comunidade, e eu não ia à sinagoga. Aí eu falei ‘vou entrar num movimento que já é alguma coisa’. Sempre acrescenta, não necessariamente do lado judaico, mas como pessoa mesmo, você aprende a se virar, conhece gente nova, viaja muito, dancei pelo movimento. (Fui) pelas pessoas que vão, porque não adianta nada você ficar num lugar que as idéias são um máximo se você não gosta de ninguém. Quando eu freqüentava eu sabia (a ideologia), hoje em dia eu não sei mais nada” (S., estudante de desenho industrial)

“Eu lembro que eu jogava futebol a tarde inteira, sujou aquele negócio inteiro, de pintar os quartos...ia só jogar bola. No final, tinha o...todo mundo fazia o grito de guerra, sei lá o que era aquilo, contava quantas pessoas tinham e depois eu ia embora. Eu não ia nas ‘peulot’(atividades) até porque na minha ‘shirvá’ (grupo de idade, faixa etária), as pessoas se amarravam em jogar futebol, Maracanã, era o que eu fazia na época. Eu passava a tarde literalmente jogando bola” (R., estudante de comunicação)

“Meu melhor amigo da escola era do Shomer e me obrigou a ir. Eu tinha uma concepção muito clara: pra quê eu tinha que ir no movimento se meus amigos são da escola ? As pessoas da minha sala são do Shomer, então eu vou pra ver as mesmas pessoas de novo ? Ia esporadicamente, aí fui uma vez, duas vezes, três, gostei e comecei a freqüentar sempre” (D., estudante de direito)

“Porque minhas amigas tavam indo e eu fui na aba mesmo. Na época eu sabia (a ideologia), hoje em dia...A Shomer eu sei que é o movimento mais revolucionário, mais pra fazer ‘aliá’, tem muita coisa também da parte política (...). Não sei, eles seguiam lá uma linha, eles eram meio...como é que eu vou dizer ? Eu não sei explicar isso...eles seguiam uma linha mais rigorosa, eram mais tumultuados. Não era aquela coisa ‘ah! A paz’, era tudo pro tumulto. Eu entrei pra conhecer gente” (S., estudante de marketing)

“Por que eu fui pra Chazit ? Porque os meus amigos iam na Chazit. Aliás, tem uma história engraçada: eu comecei a ir mesmo na Chazit porque tinha uma garota lá que eu gostava, e eu queria ficar perto dela” (B., estudante de jornalismo)

“Quando eu voltei (de Israel), eu tava com a mente muito voltada pra Israel, queria fazer ‘aliá’, queria ir morar num kibutz. Eu cheguei a ir na Chazit e percebi que eles não tinham nenhum conteúdo pra passar. Todo mundo que fez Nachat comigo era do Shomer, então, o quê acontecia ? A Chazit tava uma merda, eu tava de saco cheio, atravessava a rua e ia visitar os meus amigos. E, várias vezes, calhava de ir lá na hora da ‘peulá’, e sempre tratava de Israel naquela época porque os ‘madrachim’ tinham acabado de voltar de Israel, de passar um ano. Eles também voltam muito impressionados e eu tava numa onda muito parecida com a dos ‘madrachim’ que era falar de Israel (...). Aquilo passou a me interessar muito mais do que ficar falando de sacanagem. (...) No Shomer tinha a hora da sacanagem mas tinha um certo conteúdo” (I., advogada)

A irrelevância da orientação política do movimento vai ter, na amizade, sua contrapartida para a diferenciação interna. Se, como veremos, na escola todo mundo parece igual porque todo mundo é judeu e pertence, grosso modo, a uma mesma classe social, a lógica que vai conduzir as relações entre as diversas agremiações é a do “amigo” *versus*

“não ir com a cara de fulano”. Para muitos, o movimento juvenil é visto como uma segunda casa, onde se pode falar de problemas pessoais com o seu “madrich”, brincar com os amigos, fazer passeios, participar de colônias de férias organizadas para os membros, arranjar a primeira namorada e ter os primeiros contatos com a sexualidade. Há certos acontecimentos, temporalmente determinados, que marcam esta diferenciação interna aos movimentos. Um deles é o festival de dança israeli (típica judaica), que ocorre anualmente.

Num domingo à noite, fui ao Clube Hebraica, em Laranjeiras, onde ele se realizaria. Participaram do evento diversos grupos representando clubes judaicos e os movimentos juvenis. Desde o momento em que cheguei apresentaram-se os representantes do clube Hebraica, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo; do CIB (Clube Israelita Brasileiro), do Rio de Janeiro; dos movimentos Chazit Hanoar (RJ), Habonim Dror (RJ), Hashomer Hatzair (RJ), Bnei Akiva (RJ) e outros de São Paulo e Curitiba. A maioria deles possuem sedes nas cidades que contam com população judaica daí que, por exemplo, a Chazit Hanoar está presente em Porto Alegre além do Rio de Janeiro.

O festival aconteceu no ginásio do clube, que estava completamente tomado. O palco foi montado entre as duas arquibancadas de concreto, encostado à parede onde há um placar eletrônico. O preço dos ingressos variava de acordo com o local escolhido para se divertir: pagava-se R\$10,00 (não-sócios do clube) para as arquibancadas e R\$20,00 para as cadeiras colocadas no piso onde, geralmente, os associados e seus convidados costumam jogar a famosa “pelada”. Cada movimento juvenil leva sua própria torcida, posicionadas numa das arquibancadas e vestindo suas camisas, como clubes de futebol. A cada anúncio do próximo grupo, uma grande gritaria tomava conta do ambiente, e os movimentos davam um show à parte cantando seus gritos de guerra, tocando bumbos e tambores e agitando bandeiras com o desenho de seus ícones.

Atrás do palco, havia um telão onde, antes de cada nova apresentação, aparecia escrita a sinopse da coreografia, o nome do coreógrafo responsável e o significado daquela dança. Um dos grupos apareceu trajado com roupas “desérticas” e uma música que lembrava as “1001 noites”, trazendo a herança das migrações do povo judeu pelo deserto e a influência sofrida pelo contato com populações árabes. Um outro lembrou da passagem dos judeus por terras ibéricas antes do período inquisitorial, com roupas flamencas e o uso de castanholas. Um terceiro tinha a intenção de apresentar uma dança que “mostrasse a

riqueza do nosso povo. Não a riqueza material, mas a que realmente conta e nos torna um povo especial, a riqueza cultural”. A Hashomer Hatzair comemorou, no palco, 50 anos de atividades no país tentando, neste período, “passar idéias sionistas e socialistas de maneira informal”. Mas o grupo que mais chamou a atenção foi o do movimento Chazit Hanoar. Ele incorporou a “Primavera” de Vivaldi, a 9ª Sinfonia de Beethoven e o “Can Can” dos cabarés parisienses à sua coreografia. Para completar, no ato final as moças dançaram a “dança da bundinha”, oriunda dos bailes funk dos subúrbios cariocas, causando uma gritaria ensurdecadora.

No final, todos saíram vencedores, porque há uma grande confraternização entre os participantes, amigos que moram em diferentes cidades se reencontram e colocam o papo em dia. Muitos retornam para suas cidades na mesma noite, nos ônibus que ficam estacionados na porta do clube, principalmente aqueles que vêm da região sul, cujo trajeto leva muitas horas.

1.3 Viagens a Israel

O movimento juvenil também é um dos meios pelos quais é possível travar os primeiros contatos com Israel, afinal de contas todos eles são sionistas. Muitos organizam excursões que variam no tempo de duração. Pode ser uma experiência de um mês ou de dois. Além dos movimentos juvenis, outras instituições, como a Organização Sionista Unificada, promovem estas excursões. Neste caso, contudo, é necessário passar por uma seleção onde se exige conhecimento de história e religião judaicas. A partir dos 12 anos já se pode conhecer os lugares que sempre se ouviu falar na escola, como o Mar Morto ou o Muro das Lamentações. O “shnat”, a experiência que dura um ano, ocorre numa fase posterior e não precisa estar vinculada ao movimento. Programas destinados para jovens universitários, que estão fora dos movimentos mas que desejam manter o contato com a comunidade judaica, são bastante procurados.

Para uns, é extremamente importante tornar a comunidade judaica coesa e homogênea, facilitando estratégias preservacionistas em vista de futuras tragédias. Assim, sua auto-imagem de jovem judeu terá, como um de seus traços, Israel como único lugar

capaz de lhe dar um sentimento de segurança e pertencimento ao povo judeu. A amizade, então, se confunde com a idéia de nacionalidade.

“Eu tenho parentes em Israel, meus primos de primeiro grau moram lá. Eu fiquei dois meses no kibutz, então, em dois meses eu aprendi a falar fluentemente hebraico. Primeiro, que passar dois meses num kibutz, e o kibutz é uma experiência totalmente diferente do que a gente vive, então isso mudou muito comigo (...) Eu acho que Israel é um ponto de referência (...), eu acho que hoje em dia você ter um lugar em que você estuda tudo isso a vida inteira na escola, e Tanach, que Avraham saiu daqui prali, que David conquistou aqui e ali, entendeu ? E você chegar lá e ver que a bíblia não foi uma invenção, alguém alucinado que resolveu escrever, é alguma coisa que aconteceu realmente, que tem seu fundo de verdade. Pode visitar lugares, saber a história, eu acho que saber a história de teu povo é muito importante, fora que Israel é um país judeu, então você sabe que, o dia que você tiver qualquer problema, você tem um lugar de refúgio, um ponto que você vai ser acolhido de qualquer forma. Sinceramente, depois dessa última viagem que fiz, penso (em fazer ‘aliá’). Eu tenho muitos amigos em Israel, eu tenho família lá, eu saí muito, me diverti muito, fui ao teatro, fui à manifestação pela paz, eu vivi de novo o país, entendeu ? E, hoje em dia, eu acho que o advogado é muito mais respeitado que aqui, lá tenho mais possibilidades de crescimento profissional. Eu me sinto bem em Israel, fui à sinagoga uma vez, fui ao ‘kotel’ (o Muro) zilhões de vezes. (Numa delas, de madrugada) foi uma coisa linda, eu nunca tinha sentido nada indo ao ‘kotel’, era uma parede como outra qualquer. Nesse dia, eu senti alguma coisa, foi legal, parecia que tava eu e Deus conversando ‘tête-a-tête’. Aqui, no Brasil, nunca tive uma experiência de sentir isso, esse sentimento de pertencer. Aqui, eu não me sinto parte, eu acho que as pessoas têm um pensamento mesquinho (na comunidade judaica). Na minha casa, existe o problema de não ser judeu. Eu tenho um amigo, no mestrado, que é homossexual, aí ele foi lá em casa...primeiro, é ‘goy’, ‘ah! É goy’ e não sei o quê. A minha mãe e a minha avó só deixaram ele ir lá porque ele é homossexual, porque não tem nenhum risco de eu me envolver com ele” (I., advogada)

Neste depoimento, a certeza de que sua raiz está em outro lugar a transforma numa estranha de seio da comunidade judaica diaspórica. Apesar de laica, não-religiosa, é um símbolo religioso (o Muro) que vai moldar sua memória individual, o “ser judia”, e coletiva, ser parte do povo judeu cuja pátria é Israel. Além disso, a facilidade de achar um cônjuge judeu é, segundo ela, maior lá do que aqui, somando-se a questão profissional. Pertencer àquele país e àquela identidade tem motivações subjetivas (estar “conversando com Deus”) e pragmáticas (achar um bom emprego). Outro jovem, que não pretende sair do Brasil, utiliza a segurança de maneira prática, sem o conteúdo nacionalista.

“Israel tem a maior importância do mundo. Eu só moro aqui com segurança porque Israel existe, se Israel não existisse eu estaria aqui com medo de ser discriminado, de anti-semita, de ter um gueto e ninguém pra me defender, de não ter nenhum lugar pra ir. Por isso, eu sempre digo, acho muito importante as campanhas que se arrecada dinheiro pra mandar pra Israel, acho Israel tudo. A coisa mais importante pros judeus é existir um Estado próprio e, ainda mais Israel com o poder militar que ele tem e o poder de penetração na mídia e em tudo. Israel é tudo, Israel é a salvação” (Z., empresário)

Para a maioria dos jovens entrevistados, entretanto, as viagens para Israel, tanto aos 12 quanto aos 20 anos, passa a ter um significado diferente daquele que associava o fato de ser judeu à sua sobrevivência física e moral na nação de “origem”. A formulação

deste judaísmo jovem carioca associa elementos relacionados tanto à tradição religiosa judaica, apesar de não serem religiosos, quanto elementos modernos (a música “funk”, por exemplo). Não é contraditório, pois a definição desta identidade social baseia-se na multiplicidade de referenciais e tem um caráter muito mais emocional e subjetivo que reflexivo e discursivo. Surgem outras referências, que não Israel, as “conexões laterais”³, como visitas a campos de concentração, revelando os diversos referenciais apropriados na construção da identidade judaica. Por isso, o bilhete aéreo é de ida e volta, Tel Aviv/Jerusalém e Rio de Janeiro. Israel é, agora, um espaço de sociabilidade, para lá levam-se os velhos amigos fortalecendo os laços de amizade e, de lá, trazem-se novos amigos cuja relação será estreitada aqui. A decisão de ir ou não na excursão pode até passar por uma análise custo-benefício, mas o valor simbólico e subjetivo é o que mais interessa neste caso, afinal são amigos e judeus.

“A primeira vez eu fui pra fazer turismo, de conhecer mesmo, Israel terra dos judeus. A segunda foi o Nachat, que eu acho que foi muito importante, viagem em grupo, eu aprendi hebraico. A terceira foi o ‘bar-mitzvá’ (a cerimônia de maioridade religiosa, aos 13 anos) do meu irmão, a gente decidiu fazer porque ‘fazer aqui ou viajar?’. Essa era a dúvida, gastar a maior grana com festa e não sei o quê, a gente completamente contra essa festas de gastar não sei quanto, não dá pra fazer uma festas dessas e gastar pouco, porque é muita gente que você tem que chamar. Então, a gente uniu o útil ao agradável, viajou, foi maravilhoso, foi pra Europa e pra lá. Fiz quinze anos e ele, treze. É a última vez foi com as minhas amigas e, desta vez, eu nem participei tanto do roteiro, elas que tavam mais envolvidas. Eu acho que você tem que conhecer, faz parte do judeu ir lá, ver o quê se fala, ver os judeus de lá, ver a língua. Eu gosto de lá, eu me sinto bem, se não fossem as guerras talvez eu fosse mais” (B., estudante de medicina)

“(Fui) pela diversão mesmo, pelo grupo que tava indo...eu acho que, com certeza, sempre se aprende alguma coisa, uma experiência única que você vive lá, de passar uma semana no exército, de uma semana no kibutz, é uma experiência nova viver em comunidade. Você pensa pelo seguinte: durante aquele período de sua vida, não vai se repetir de novo, você não vai ter uma oportunidade que nem essa, de tá indo com 16, 17, 18 anos pra Israel, com todo o pessoal da tua idade viajar pro mesmo lugar (...). Pelo tempo que você passa, pelas coisas que você faz, pelo número de pessoas que vão, é uma viagem relativamente barata. Você passa mais ou menos 40 dias, você conhece Israel inteiro, conhece vários lugares diferentes, tipo deserto, Jerusalém, a praia que, com esse dinheiro você não aproveitaria nem metade dessa viagem que você faria se pegasse esse dinheiro e fizesse outra viagem com as mesmas pessoas e um guia” (R., estudante de administração)

“A (fulana) disse que ia, falou o preço, falou que era uma oportunidade super legal...eu achei legal porque eu ia viajar com uma amigaça minha, o preço era legal e ia mais jovens. Não era uma viagem, era um grupo de jovens como se fosse uma excursão. Com a grana que foi a viagem, eu podia ir pra Teresópolis ! Falando sério, foi muito barato (...). Foi uma viagem bem instrutiva, até porque o sentido era provocar o sentimento de, de repente, fazer uma ‘aliá’, passar um tempo mais lá. Eu tô bem aqui, não tenho vontade de morar lá, não tenho vontade de sair do Brasil, pra começar” (S., estudante de marketing)

³ Clifford, James “Diasporas” in *Routes, travel and translation in the late twentieth century*, Cambridge, Harvard Univ.Press, 1999

“Eu quero ir pra Israel, mas com uma escala bem grande nos EUA porque eu gosto muito, sempre fui muito americanófilo. Todo mundo deve dar um pulo lá (Israel), seja criança, programa educativo, quanto mais melhor, de repente” (M., estudante de jornalismo)

Israel é um destino entre tantos outros que os jovens podem escolher e se divertir com os amigos. Este descentramento identitário, que relativiza a importância de viver no território de referência (Israel), se expressa na prioridade dada à família e aos amigos. São fundamentais para a manutenção da identidade judaica. O medo da guerra e a procura de um bom emprego, pelo lado material, e o sentimento de pertencer tanto a um país quanto ao outro, também são fatores que influem na decisão de emigrar ou não.

“Eu moraria em qualquer lugar do mundo. A única coisa que não me faz sair do Rio de Janeiro, nunca, são as bases que eu construí, familiares, laços de amigos. Tudo o que eu construí aqui, não tem como eu sair daqui e deixar pra trás. Se eu morasse em Israel e nascesse lá e criasse tudo que eu criei aqui, eu ficaria com o maior prazer. Mas eu tô aqui, minha vida aqui é um paraíso” (Z., empresário)

“Eu adoro aquilo lá, eu tenho muita vontade de passar um tempo longo de novo, fazer um mestrado ou pós-graduação (...) mas eu não sei se eu quero fazer ‘aliá’, não. Primeiro, porque ‘aliá’ não é casa, comida, roupa lavada e cartão de crédito, não é, tem que ralar muito, não é viagem, não é passeio. Segundo, eu tenho o meu trabalho aqui, eu já construí alguma coisa, eu tenho minha família, eu tenho meus amigos. Tenho amigos lá, tenho família lá, mas eu não sei se eu quero criar meus filhos lá porque é tenso, a questão da guerra” (D., professora)

“Não tem nada que me prenda aqui, tenho minha família, a coisa mais importante que eu tenho aqui, e meus amigos. Eu não penso em morar em Israel como ainda não pensei em morar fora do Brasil, não é uma coisa que eu nunca faria na minha vida. Ninguém vai mudar de país se não tem um ideal, acho que as pessoas que freqüentam movimentos juvenis têm esse ideal de morar fora, que é Israel. Eu não tenho isso, então, eu não iria morar fora se não fosse pra estudar ou pra trabalhar, ou por um motivo mais forte” (I., estudante de arquitetura)

“Moraria por um tempo, fazer ‘residência’ fora, Israel é um centro super avançado na medicina. (Tirando a tecnologia) eu não moraria lá. Se eu levasse todos os meus amigos e toda a minha família, eu moraria lá porque o eu mais importante são os meus amigos e a minha família” (B., estudante de medicina)

“Há um clima de tensão muito forte lá, eu não moraria lá por livre e espontânea vontade” (R., estudante de administração)

“Eu vou e quero levar minha avó, que não conhece também, e seria muito emocionante ir com ela. Israel é a nossa casa, entendeu ? Ali está toda a história nossa, o Muro das Lamentações (...). Todo judeu que tiver necessidade, a gente sabe que Israel vai estar de braços abertos pra ele, espero não sair daqui. Se eu sair daqui, vai ser pra um lugar muito bom, no lado profissional. Não fecho a porta, mas por vontade própria eu não saio, não moraria em Israel, adoro o Brasil. Adoro, nada me tira daqui, o clima, tudo aqui é a minha cara. É difícil” (R., estudante de jornalismo)

“Eu não descarto (fazer ‘aliá’). Hoje, eu tenho uma vida muito estabilizada, mas se tiver que voltar pra Israel... não é uma coisa que eu queira agora, mesmo porque eu ainda tô começando minha vida profissional aqui, mas não é um país ruim pra viver (...). Se eu tivesse que ir, iria ‘amarradona’, da mesma que eu estou aqui ‘amarradona’. Sei lá, hipoteticamente, uma oportunidade de trabalho maravilhosa, alguma coisa do gênero (...). (O que a une aos outros jovens judeus cariocas) O que me faz, por exemplo, ir

domingo à noite na Cobal. Eu acho que eu tenho em comum, com essas pessoas, uma tradição, uma história, entendeu ? Eu vou no 'Carioca da Gema' (onde se toca "chorinho"), que eu adoro, com meus amigos, frequento o Rio de Janeiro, os lugares legais. Eu sou muito carioca, eu acabei de fazer um curso no IAB, 'Espaços do Rio', a gente foi visitando os bairros, a arquitetura. Não só sou brasileira, sou carioca, é muito forte. Mas a gente também o outro lado, eu acho que não é excludente, não acho que uma identidade tem de sobressair, dá pra equilibrar" (M., historiadora)

A socialização primária destes jovens, tanto na escola judaica quanto no movimento juvenil sionista, é marcada pelo fortalecimento de uma identidade étnica não-religiosa. A frequência às sinagogas limitavam-se às cerimônias de "bat-mitzvá" dos colegas de turma (ou do "bat-mitzvá", mais raro) e às festividades mais tradicionais do calendário judaico, como o Rosh Hashaná (Ano Novo) e Yom Kipur (Dia do Perdão, quando se jejua por 24 horas).

1.4 O circuito externo

O momento da passagem da escola judaica para a universidade é marcado pela tomada de consciência, geralmente pela primeira vez de modo concreto, de que se é judeu (ia) porque os outros não são. Enquanto os jovens vivem num ambiente judaico, fazendo sempre o mesmo percurso, casa- escola - escola ou casa- movimento juvenil- casa, e não se conhece pessoas que pensam diferente, a identidade judaica não é ameaçada. A ambigüidade que aparece no depoimento da jovem que se diz judia e carioca, junto com os outros, é o símbolo desta passagem entre dois mundos bem distintos: o judaico, com seus supostos padrões de comportamento, e o "goy", com sua variedade de idéias e costumes. A faculdade, e as diferentes situações sociais que dela decorrem, é o primeiro momento em que o jovem judeu tem de lidar, na prática, com o "outro".

A escola judaica representa, para muitos deles, as fronteiras da comunidade, onde em seu interior todos são parecidos. As relações afetivas que se desenvolvem ao longo dos anos de estudo não são esquecidas com o vestibular, apenas são transferidas para outros lugares. A distância social entre judeus e não-judeus permite que o contato com pessoas "impuras" mantenha as fronteiras do grupo. Às vezes o próprio contato físico é evitado. A comunidade, para eles, é como um corpo: está aberto a tudo aquilo que não prejudique sua saúde e fechado ao resto, ela é como um microorganismo que só aparece quando focalizado pela lente, num espaço enorme ele é amorfo, sua particularidade só aparece se estiver separado do todo. Por isso, é apenas no particular, no pequeno mundo judaico que é

possível, para alguns, sentir-se parte de um grupo e compartilhar sentimentos de amor, ódio, tristeza e alegria enquanto, para outros, o isolamento impede experiências enriquecedoras.

“A comunidade vive um...não sei o quê que é, cara...vive pra comunidade. Tem umas idéias meio preconceituosas. Eu organizo uma ‘pelada’ toda quinta-feira à noite no Clube da Barra. Tem gente que é contra tu poder levar ‘goy’, eu levo ‘goy’ e ninguém me critica por isso. Por que ? Porque é um pensamento de comunidade, pequeno, fechado” (R., estudante de jornalismo)

“Amigas mesmo, não (na faculdade). Eu não procurei fazer amizade lá porque eu já tinha as minhas amigas pra eu ficar. A gente fala pra fazer trabalho, mas quando tá de férias todo mundo se afasta. Eu também odeio ‘fazer social’ na faculdade, eu vou lá, não tem aula, eu vou embora. Não fico lá no mio da zona, ‘fazendo social’, aquela galera. Não é uma coisa que me acrescenta, não é nenhuma amiga, são colegas. É aquela coisa, você tá num lugar pequeno, você quer ir prum lugar maior; você tá num lugar maior, você não vê...não sei se é coisa minha, ou da faculdade, ou das pessoas. Se fosse todo mundo judeu ali...pode ser que tenha influenciado” (I., estudante de arquitetura)

O amigo que estuda na mesma sala do colégio judaico está inserido num contexto maior, onde as relações pessoais prevalecem sobre a letra fria da lei. Junto com o amigo vêm, a reboque, seus pais e familiares, a diretora e até os funcionários responsáveis pela limpeza. Tudo se passa como se o todo, a comunidade, dependesse do bem-estar de cada um de seus membros. Numa de suas prédicas, o rabino do Lubavitch disse que cada judeu é fiador dos outros, cada um é responsável pelo outro. Se, por um acaso, um aluno é reprovado, sai da escola e entra num cursinho pré-vestibular, a própria substância formadora da família judaica estaria se perdendo sendo, nestes casos, mais importante utilizar um código moral, e por isso pessoal, do que a inflexibilidade do estatuto.

“Meu pai foi da coordenação, da tesouraria, na diretoria do Barilan (colégio religioso localizado em Copacabana). Então, chegava lá, aquela coisa, todo mundo conhece quem é meu pai, minha mãe, minha irmã, quem sou eu” (Idem)

“O que acontecia no Liessin (colégio judaico em Botafogo) era uma coisa muito curiosa. As pessoas te conhecem como o Daniel, filho do fulano de tal. Lá existia uma super proteção, ‘os aluninhos’, não por questão de ensino. Existe aquela coisa ‘a escola judaica...’. Na escola, raramente expulsavam alguém, reprovavam alguém, era uma dificuldade extrema, só se o cara era realmente incapacitado” (D., estudante de direito)

“É uma escola pequena (o Eliezer), todo mundo se conhece, eu me sentia em casa ‘ah! Fala porteiro, fala faxineiro’, não sei, eu me sentia muito bem. (No Bahiense) eu não fazia questão de falar com ninguém porque eu não queria me aproximar de nenhum garoto, falava o básico, não tinha paciência porque eu achava diferente. No Eliezer, eu achava que todo mundo era igual...se meus pais não conheciam seus tios, conheciam seus primos, alguém da família, ‘ah! O Marcelo é de boa família, pode ficar tranqüila’. Todo mundo era amiguinho, eu sabia que tinha aquela coisa de comunidade, que todo mundo se conhece...não que todo mundo seja bom, mas aquela coisa de idealizar” (B., estudante de medicina)

A partir da escola judaica surge uma espécie de “família extensa”. Ela vai ser responsável pela prestação de casamento ao ceder uma de suas filhas para a continuidade do povo judeu, além dos apoios material e moral quando houver necessidade de dinheiro ou consolo na perda de um ente querido. É provável, caso não haja rupturas, que esta família extensa dure pelo resto de sua vida, com a possibilidade de incorporação de novos membros. Se usarmos a perspectiva do “dentro” *versus* “fora” ou “amigo” *versus* “hostil”, é possível dizer que escola e família se confundem, em oposição à impessoalidade da universidade ou sua fragmentação de identidades. Na “escola pequena”, como foi dito, o jovem judeu tem sua identidade social bem definida, ele tem um nome (e um sobrenome) que são o passaporte de entrada no mundo das relações morais. Na faculdade, ele é “mais um no meio da multidão”, é um número de matrícula. Um número não tem cara, não tem rosto, por isso não tem uma identidade que lhe dê o direito de exigir respeito, compreensão, afeto, amor ou intimidade.

“Por exemplo, (a escola judaica) não reprova aluno...reprova, mas não é que nem o Santo Agostinho ou uma faculdade, que tu pega a primeira nota, soma com a segunda, divide por dois, não passou tá reprovado, cabou. Quer reclamar ? Faz um requerimento por escrito, os caras literalmente pegam o estatuto, e aquilo que tá escrito é o que vale. E na escola judaica não, ‘mas meu filhinho...tá, eu entendo seu problema’. No colégio, você é o Daniel e na faculdade você é o número noventa e nove mil...tu chega na faculdade e tu é um número, literalmente, você entra na lista com mais oitenta” (D., estudante de direito)

Há conseqüências consideradas positivas por alguns destes jovens ao abandonar o “paternalismo” existente na escola. Em primeiro lugar, a individualização dá oportunidade do jovem procurar seu lugar ao sol e provar sua competência sem a ajuda ou empurrão de conhecidos bem posicionados na hierarquia educacional. Aqui, a lógica da eficiência prevalece sobre a lógica moral. Teoricamente, aqui se vai “ensinar a pescar ao invés de dar o peixe” e todos estão submetidos à lei, “aos amigos tudo, aos inimigos a lei”. A lei é inimiga de todos os alunos. Preparar-se para a concorrência do mercado sem ter o “amigo de fé, o irmão camarada” ao lado é um desafio encarado depois de um rito de passagem.

“O meu irmão, quando chegar no segundo ano (do ensino médio) tem que sair do Eliezer. Colégio judaico é um paternalismo absurdo, tu é o Marcelo Gruman lá e, na PUC ou onde tu for estudar, tu vai ser a matrícula tal. No Bahiense eu era mais um (...) é uma diferença, lá tu tem que correr atrás, no Eliezer não. Se tu não correr atrás em colégio que não seja judaico, tu perde tudo. No Eliezer não, te

ligavam, até davam na carteirinha, papelzinho pra casa...quantas vezes eu levei papelzinho pra casa porque eu saí de aula ! Uma pessoa que sai de um colégio judaico direto pra uma faculdade, se sente perdida. Uma amiga minha saiu do Liessin e foi pra PUC, sofreu, só conhece a comunidade. Tu vai chegar num meio novo, tu vai ficar perdido, vai ter que correr atrás porque é uma faculdade, é diferente do colégio. Colégio judaico faz por ti, me passaram dois anos, na sétima e na minha segunda oitava, porque eu era bom garoto. No Bahiense não fariam isso por mim, acho que é um estágio pra tu pegar uma faculdade, que não vai ser aquele meio judaico que você vive” (R., estudante de jornalismo)

O rito de passagem mostra que se pode fazer novas amizades além das fronteiras da comunidade judaica, adaptar-se ao novo meio, que a judeidade não desaparece, que é possível modificá-la incorporando novos costumes e conceitos. O jovem pode dizer “sou judeu” quando vai à sinagoga ou “sou carioca” quando vai tomar um chopp com amigos não-judeus ou ainda “sou judeu carioca” quando vai à praia com amigos judeus ou não-judeus, tudo de acordo com a negociação de identidade própria da situação. Se ele acha que a judeidade é estática, pode construir barreiras contra reinterpretções. A vivência no ambiente universitário propicia certa abertura de horizontes.

“Adorei, achei ótimo, conheci mais coisa, tinha uma cabeça muito fechada, não conhecia nada do mundo, sabe ? Tudo era muito certinho, muito fechado na comunidade. Conheci gente nova, porque eu conhecia sempre o mesmo grupo, comecei a sair, a ver outras coisas, viajei com o pessoal do colégio (não-judeus)” (S., estudante de desenho industrial)

“Tem uma diferença muito grande: numa escola judaica todo mundo te conhece pelo nome e sobrenome, todos os professores sabem da sua vida, sabem que você estuda ali desde pequeno, você se identifica com a escola. Quando você vai pra faculdade, você é mais um ali, ninguém te conhece, você se sente meio isolado no começo e não se identifica com a maioria das pessoas pelo lado da religião porque a maioria não é do mesmo meio que você. Mas isso é um ponto a favor, você conhece novas pessoas e frequenta novos ambientes, a faculdade pra mim está sendo super tranqüila. O pessoal sabe (que é judeu) porque eu falei” (R., estudante de administração)

“Hoje em dia, as pessoas já começaram a me ver que...que eu sou a Dani, que eu sou assim e assado, dou aula de hebraico e também (ênfase) sou judia. Não é só aquilo, entendeu ? Eles começaram a se interessar por esse lado, mas não que seja o meu único lado” (D., professora)

“Hoje, eu tenho quatro grandes amigos, e três não são judeus e são da faculdade. Têm o maior respeito, o maior interesse, inclusive a gente vive emprestando livro do Noah Gordon uma pra outra, ficção, nada...” (M., historiadora)

Poder modificar a própria identidade no contato com pessoas diferentes toca num ponto fundamental da construção do círculo de amigos na escola: o padrão de comportamento. Até o momento em que todos eram iguais a você porque viveram no mesmo meio, pensavam da mesma forma e gostavam das mesmas coisas, o conceito de “amigo” se restringia ao mundo judaico. A percepção de que se pode ser “carioca” sem

abdicar do judaísmo, ser um judeu carioca, abre as portas da casa para amizades não-júdias.

O desafio ao padrão também diz respeito a tabus sexuais.

“Eu me encontrei mais (no CEAT, do que no Liessin), era mais livre, sabe ? Ninguém implicava com ninguém, ninguém tinha que se fechar em determinados estereótipos. Cada um era cada um, com suas particularidades, mas era mais descontraído, uma cabeça mais arejada do que no Liessin. Na minha cabeça, o meio (judaico) devia ser mais arejado porque, justamente, é um povo que passou todo esse horror do holocausto e, quando você conhece a discriminação de uma forma tão potente quanto conheceram no holocausto, era para o meio judaico ser mais arejado. Mas não, a vivência que eu tive no colégio é que era...eu percebia preconceito, discriminação, era um ambiente carregado, as pessoas implicavam umas com as outras. Você tinha que obedecer um determinado padrão de comportamento, tinha que ser um tipo de modelo e ter um padrão de interesse, era mais fechado. (...) Quem não se parece com a maioria, quem não era enturmado era posto de lado” (D., jornalista)

“Lá (na faculdade) você tem tudo, todos os grupinhos de tudo quanto é tipo, e você vai se identificando com algumas pessoas daquele mundo de gente. (Na escola) é diferente, tem os grupinhos dentro do grupo, é todo mundo judeu, se conhece a mil anos...são todos iguais. Se faz as mesmas coisas, os pais se conhecem, é todo mundo igual, a família, conhece a avó, o tio, a prima é tua amiga também...e nisso vão se dividindo em cinco. Cada um vai fazendo o seu grupinho. E, na faculdade não, são dez grupos...tem de tudo, tem as patricinhas, tem os mauricinhos, tem os maconheiros, tem não sei o quê, tem os loucos, tem os artistas. (Os judeus) freqüentam os mesmos lugares, fazem as mesmas coisas, na faculdade todo mundo pensa diferente, o pessoal que eu cresci pensa praticamente igual” (I., estudante de arquitetura)

“A gente fez agora, em dezembro, uma festa no Clube da Barra que foi isso: eu sabia quem era judeu e quem não era pela maneira de vestir, que segue a mesma...o judeu segue um ‘script’ de se vestir, é verdade, não tem que esconder. A cabeça é diferente, o cara que tá no terceiro ano do Bahiense pensa em pegar onda, ficar ‘sarado’, pensa em fazer jiu-jitsu. Tem uma interferência...quando tinha greve, todo mundo ia pra praia mas ninguém pegava onda, ficava as meninhas de biquini e todo mundo com vergonha de mostrar o corpo. Os caras de bermuda e short e ninguém com sunga. Hoje mudou, o pessoal já é mais assimilado, já vive fora da comunidade, já tem vida própria fora da comunidade” (R., estudante de jornalismo)

“Mesmo que as pessoas fizessem, não era uma coisa aberta (fumar e transar dentro da comunidade). Então porque conhecia todo mundo, então não pode mostrar, não pode falar quem fumava ou ‘dava’ pra não sei quantos. Não era uma coisa aberta. E, quando eu cheguei no Bahiense, ninguém tava nem aí pro que o outro pensava, ninguém conhecia aquela família, ela podia fazer o que ela quisesse. Mal ou bem o Eliezer segurava” (B., estudante de medicina)

“Tem uma questão de imagem, de que os judeus tem de estar com uma certa imagem que foi projetada sobre eles. Eles têm que fazer jus à essa imagem e os outros não, não tem peso, não tem preocupação, passou por experiências porque as experiências são enriquecedoras mesmo...não tem muito a dever a ninguém nem muito à imagem. Eu acho que tem menos peso sobre elas, elas devem menos a uma determinada imagem. É um ambiente fechado (a comunidade judaica), você pega os pais dos jovens judeus, a maior parte deles se parece, é mais ou menos o mesmo padrão de vida, tipo de pensamento e elas são massificadas por isso. Tudo é meio planejado: você vai estudar em colégio judaico até o final; depois, vai fazer engenharia ou direito ‘que é a minha profissão’; depois, vai casar com um judeu, vai ter filho judeu, vai continuar freqüentando a sinagoga. E, normalmente, fora não é tanto assim, não tem que casar com pessoa da mesma religião, não tem que fazer direito e engenharia. Talvez aconteça de ter uma descontração” (D., jornalista)

O componente econômico ajuda a definir que padrão de comportamento é este. Oriundos das classes média e alta do Rio de Janeiro, estes jovens freqüentam bares e

boates na moda entre a juventude carioca e viajam para as cidades com maior apelo da mídia. Se, por um lado, a etnia (na maioria das vezes igualada à religião) é um ponto de discordância entre dois jovens, o pertencimento à mesma classe social, com seus gostos e costumes, pode aproximá-los. Neste caso, a identidade de classe se sobressai e o fato de um dos parceiros não ser judeu não é fonte de preterição. A relação pode ser circunstancial ou duradoura, dependendo dos objetivos de cada um.

“Não (ficam deslocados, certos casais mistos), pelo menos nesse pessoal que eu saio, porque acaba que...eu acho que é muito também de nível. Então, não tem tanta diferença, é só a religião. É diferente do pessoal da faculdade, que tem a religião e nível, de não sair pros lugares. A (diz o nome de uma amiga) estuda na Santa Ursula, muitas amigas não-júdias são da Santa Ursula porque são amigas dela também e são não-júdias com dinheiro. Então, eu saio com elas porque a gente vai pros mesmos lugares (...). Talvez, se eu estudasse numa PUC, eu tivesse muito mais amigas que saísse e não fossem júdias, diferente da UERJ” (B., estudante de medicina)

“As pessoas com quem eu convivi no CEAT, principalmente, tinham menos tabu do que as pessoas do colégio judaico. Eu não sei se os judeus seguem mais uma linha de mauricinho e patricinha, mas me ficou na cabeça o padrão mauricinho e patricinha, é mais fechada em conceitos, tem a cabeça mais fechada” (D., jornalista)

“Começaram a dividir as turmas e eu fiquei numa turma muito maneira. Eu sempre falei com todo mundo, e aí agora eu fiz várias amigas. Eu falei ‘sabe de uma coisa ? Todo mundo tem coisa pra acrescentar, pára de frescura aguda’, não fazia questão de ficar no grupo. Acaba que os programas que eles fazem são diferentes dos meus, uma mora no Méier, outra na Vila da Penha, que eu nem sei onde fica. (...) Não saio com eles. Essas da faculdade não iam se encaixar (com os amigos judeus) em termos de afinidade (...), o papo. A minha amiga que mora no Méier com a (diz o nome de uma amiga júdia), que tem muito dinheiro, não vai dar certo porque os programas vão ser diferentes, o dinheiro é diferente. Uma vai querer ir numa boate e a outra não vai querer porque é caro, entendeu ?” (B., estudante de medicina)

“No colégio judaico, com raras exceções...agora já tem gente assim porque foi criado num mundo fora. Todo mundo é igual, a moda agora é passar carnaval em Arraial D’Ajuda, agora esse ano foi em Salvador” (Idem)

O caráter superficial ou profundo da relação de amizade também é influenciado por sua memória individual e coletiva, aquilo que embasa a identidade. Todos eles têm parentes que sofreram, direta ou indiretamente, os horrores da perseguição nazista. O jovem judeu pode, então, escolher trazer para sua casa somente aqueles que compartilham uma história, sentimentos e valores em comum. A identificação se baseia, aqui, no sofrimento vivido por tabela, através de histórias e lembranças de sobreviventes, parte da “família extensa” e da “nuclear”. A “rua” é o lugar da discriminação. Aqui, a faculdade e os amigos não-judeus de outras situações estão para as instituições judaicas e as atividades exclusivas da juventude assim como a “casa” está para a “rua”, são dois mundos

que devem permanecer separados. A identidade social passada na “rua” é uma, em “casa” é outra. Mesmo quando os colegas não-judeus sabem de sua identidade judaica, pode ocorrer uma negociação no sentido de fazer prevalecer uma terceira (“flamenguista”, “vascaíno”, “inteligente”, “burro”, “gente boa” etc.). É apenas com a definição da situação que surge esta dicotomia, judeu e não-judeu.

“Eu sempre morei num condomínio em que a maioria das pessoas não eram judias, então os meus amigos de infância não eram judeus (...). Eu sempre soube lidar mais ou menos, com o que era da comunidade e o que não era. Eu, às vezes, acho que eu deveria preferir andar ou me voltar mais para a comunidade. Durante um tempo, eu me volvei mais para o pessoal fora da comunidade e me distanciei dos meus amigos da escola. (...) Não tinha um grupo de amigos, saía muito com os dois lados mas na hora do vamos ver, faltava alguém, um grupo. O pessoal (judeu) começou a me ligar, a gente começou a viajar junto e formar um grupo sólido. Hoje em dia, o pessoal é bastante amigo. Bem ou mal, são as pessoas que nunca vão me dar as costas, eu sei que no momento que eu precisar...não que fora da comunidade isso não exista, mas se, um certo dia, vai que comece a existir uma onda de neonazismo novamente, essas pessoas que são judias se identificam comigo. Com certeza não vão me virar as costas nunca, os outros eu não posso responder” (R., estudante de administração)

“A gente tem uma coisa no Shomer, você pro seu ‘chanich’ você é um exemplo pra ele. Você não se abre com ele, não fala da sua vida pessoal com ele, e você procura saber dele tudo, ajudar ele, auxiliar. Por acaso, na faculdade, até involuntariamente, eu sigo essa linha, acho que eu nunca trouxe alguém na minha casa (...), não ficava falando dos problemas do namorado da outra...involuntariamente. Era um pessoal que eu saía pra ‘night’, ia zoar, ia tomar chopp, ia jogar bola mas ninguém conhece muito da minha vida, eu não me abria pras pessoas. Eu pus limite, ‘o cara é maneiro mas até certo ponto’, involuntariamente a hora que eu quiser eu posso me afastar. (...) No Shomer é diferente, parece que as amizades vão durar pra sempre, tem gente que já saiu há três anos e eu me dou super bem, saio sempre, vou no cinema. (...) As pessoas não conhecem a minha vida pessoal, é restrita aos meus amigos verdadeiros, não àqueles amigos de faculdade que, no fundo, eu conheci agora, não tem um ano, e eu não sei se...” (D., estudante de direito)

A frase “são as pessoas que nunca vão me dar as costas” equívale a “nunca vão bater a porta na minha cara”, ou seja, sempre o considerarão um membro legítimo do grupo com todos os direitos e deveres daí decorrentes. As portas da “casa” estarão sempre abertas, a solidariedade incondicional está no lema “um por todos e todos por um”. Através da classificação/hierarquização do tipo de amigo (“da faculdade”, “do movimento”, “de momento”, “pra sair”, “pra sempre”, “confiável”), é possível analisarmos a construção de uma certa identidade jovem judaica carioca. A expressão ou não da judeidade se dá à luz de novas formas culturais e estilos de vida e comportamento fornecidos pelos mais variados grupos que compõe a estrutura social da cidade do Rio de Janeiro. A manutenção da judeidade é uma questão de opção. O judeu “sarado”, que gosta de ir ao Maracanã e de

ouvir “funk”, é uma prova de que ela depende muito mais da existência de fronteiras sociais do que de atributos objetivos, rígidos⁴.

1.5 Espaços de encontro e reencontro

A maior preocupação de jovens e instituições que se relacionam com a juventude, na fase pós-escola, é fornecer meios que a resgatem de ambientes considerados perigosos em relação à assimilação (via casamentos mistos). Continuar freqüentando o meio, como dizem os entrevistados, é uma forma eficaz de manter vínculos com a comunidade judaica. Grupos de jovens que surgem especificamente para elaborar atividades que atraíam o maior número possível de pessoas, com idades que variam entre os 18 e 30 anos (“idade de casar”, diriam alguns) e departamentos juvenis de instituições judaicas se responsabilizam pelo fortalecimento e manutenção das fronteiras comunitárias.

Em duas oportunidades recebi, na sexta-feira após o “shabat” do Lubavitch, propagandas de eventos. Uma delas convidava para uma festa na boate El Turf, no bairro da Gávea, num domingo à noite. Avisava que não haveria cobrança de entrada nem exigência de consumação mínima e, no verso, estava escrito “Gerson Bergher (na época, presidente da câmara de vereadores da cidade do Rio de Janeiro, em 2000) oferece STAR PARTY, a mega festa da comunidade ! Show com o dj Saddam”. A outra convidava para uma “festa de Halloween para jovens” (já mencionada) realizada pelo grupo ALUAP, que logo se desfez. Anunciava comida e bebida liberadas a noite inteira caso se pagasse R\$15,00 pelo ingresso. O curioso é que o “folder” tinha o fundo preto e, numa tarja branca, ao lado da palavra “jovens” se adicionou a expressão “da comunidade”. Provavelmente, na confecção, esqueceu-se de especificar que tipo de jovem é bem-vindo, “da comunidade”. Um outro grupo, que sobreviveu bem mais tempo que o ALUAP, chamado “Kadima” (“pra frente”, em hebraico), foi responsável por diversas atividades e, por ter conseguido me tornar membro, pude participar de reuniões onde se discutiam as carências e necessidades da juventude judaica do Rio de Janeiro. Aquilo que é tido como mais atraente varia pouco de grupo para grupo, como veremos.

⁴ Barth, Fredrik “Grupos étnicos e suas fronteiras” in Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne *Teorias*

1.5.1 O “Kadima”

Numa das sextas-feiras em que compareci à cerimônia do “shabat” no Lubavitch, conversava com um conhecido e perguntava se continuava freqüentando, além da sinagoga, a comunidade. Me disse que havia um tal grupo Kadima, organizador de atividades para a juventude. Na semana seguinte, já durante a confraternização que se segue ao ritual, o “kidush”, descobri que dois dos fundadores estavam presentes. Depois de certificar-me de que eram eles realmente, toquei no ombro de um deles que, ao se virar, se mostrou surpreso por não me reconhecer. Me apresentei como o “filho do Jacques” e continuei com “você não deve me conhecer” ao que ele respondeu “claro que sim”, numa tentativa de descontrair o ambiente. Perguntei do quê se tratava o grupo e, sempre com o amigo ao lado, disse que a idéia era promover o encontro de jovens judeus que estão espalhados e sem um local de encontro, ou reencontro. Já haviam organizado uma viagem ao hotel do Frade, na cidade de Angra dos Reis, em 1999, tida como “um sucesso”. Quis saber se podia me tornar um membro, e recebi “sim” como resposta.

Marquei um almoço com J. Conteí que estava realizando um trabalho sobre a juventude judaica, sobre quem eram os jovens judeus cariocas e o que pensavam de sua identidade judaica. Queria que ele me explicasse melhor qual era o objetivo do grupo. O discurso era ambíguo, era senso comum a necessidade de se criar espaços de sociabilidade que reunissem os jovens judeus que não tinham a oportunidade de se freqüentarem no cotidiano no intuito de evitar a assimilação, mas a idéia de “arranjar marido/esposa” não era explicitada, preferindo-se os termos “reencontros” e “rever os amigos”. A maioria não pensa em casar-se ainda, e é compreensível que a pressão que o termo “casamento” exerce pode afugentar potenciais presenças. Questionei-o sobre a possibilidade de tornar-me membro do grupo, e ele me disse que iria propor minha “filiação” aos outros membros.

Depois daquela tarde, quando almoçamos num restaurante perto de sua loja, esperei alguns dias até o dia da reunião. Como não me retornou a ligação, resolvi procurá-lo no seu telefone celular, e soube que minha aceitação ainda estava em discussão. Uma semana depois me deram as boas-vindas. Fui indicado por um dos integrantes, o próprio J., e por dois outros integrantes que já me conheciam do colégio. Não sei se J., passou aos

outros integrantes que estava realizando a pesquisa ou que estava lá sem nenhum interesse a mais que não ajudar a “unir” a juventude judaica.

Programar viagens a hotéis da região dos lagos ou serrana é um dos caminhos a ser seguido. Ao ser aceito, soube que já estava programada uma viagem para o hotel São Moritz, em Nova Friburgo. Em anúncio publicado num jornal da comunidade judaica carioca, “Alef”, há todas as informações necessárias para a inscrição:

“MUITO ASTRAL E DIVERSÃO EM FRIBURGO !!! Quem participou da última viagem para o hotel do Frade, no ano passado, curtiu 3 dias de pura diversão. Já quem não foi...Mas não tem problema, são águas passadas, pois nos dias 2, 3 e 4 de junho acontecerá outra *trip* da nossa comunidade para o renomadíssimo hotel São Moritz, em Friburgo. Novas amizades, reencontros com velhos amigos, videokê, boate, uma enorme piscina térmica, passeios a cavalo, esportes, debates sobre judaísmo, enfim, atividades para todos os gostos são ingredientes garantidos desta viagem imperdível”

É dito, ainda, que o hotel estará fechado para o grupo, e os preços eram “inacreditáveis”. Fazer novos amigos parece ser um dos objetivos de quem vai.

“Eu ia (na viagem) porque eu ia encontrar um monte de judeu. Eu acho que falta isso na comunidade, o meu sonho era que o clube virasse um ‘point’ que nem tem a Hebraica de São Paulo. O pessoal vai porque sabe que vai encontrar alguém, eu queria que fosse assim, só que sempre voltava e falava pra minha mãe ‘mãe, impressionante, as pessoas não se unem! Grupinho que não faz questão de conhecer gente nova’ e não tinha muita atividade pra unir essas pessoas. Então era assim, ‘estou viajando com essas pessoas’ mas não era uma coisa de integração, você integra se quiser” (B., estudante de medicina)

“Eu queria ver como é que era, queria ver se era legal, até porque se você tá num meio que você conhece várias pessoas de vista, já é mais fácil de rolar integração. Quer dizer, a gente achava que era mais fácil de rolar integração, até porque tinha estudado na escola, porque sempre o pai de fulano conhece a mãe de sicrano, ou você é primo sempre de alguém. Tem um pouco de afinidade do que você pegar e ir, do nada, pra Bahia. Eu esperava voltar com pessoas conhecidas, trocar telefone, tá saindo aqui no Rio de Janeiro, expandir o elo de amizade” (Idem)

Conhecer novos amigos e arranjar um (a) namorado (a) são dois aspectos de um mesmo problema: o medo da assimilação. Esta idéia ficou clara numa das reuniões do grupo, que contou com a presença de uma moça que foi fazer a propaganda de uma excursão a Israel para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Ela queria saber a que veio o Kadima. Primeiro falou M., outro membro, ressaltando seu caráter apolítico, não estando associado a nenhuma instituição educacional ou religiosa podendo, assim, realizar eventos sem a obrigação de ter comida “kosher”, por exemplo. Já J. foi mais direto, disse que o grupo não tinha nada de cultural ou beneficente já que o ideal é o

“social”, ou seja, reunir a juventude judaica a fim de “procriar”(palavras dele), “eu quero é fazer festa mesmo !”.

O caráter preventivo de tais eventos se explica pela preocupação de manter a distância social entre os que são de “dentro” e os “de fora”. Há situações em que a consciência étnica é chamada para que se evite a perda de controle da entrada de elementos que possam eliminar esta distância. Neste sentido, a quantidade de intrusos é o que importa. Na viagem a Friburgo, o Kadima se viu às voltas com uma situação desagradável. Um dos integrantes avisou um amigo não-judeu e convidou-o, e a questão que se colocou foi “devemos aceitá-lo ou não?”. Dizendo-se um humanista, condição surgida com o incidente, achava que não haveria problemas em chamar um ou outro não-judeu pois a maioria seria judaica. Este dilema não é exclusivo do Kadima, uma organizadora de festas diz o seguinte, sobre os eventos no clube da Barra:

“As festas da comunidade que eu fiz lá no clube, a gente sempre discutia essa coisa de chamar gente de fora ou não. Muita gente defendia que sim, que não teria o menor problema e muita gente dizia que não. Eu sou defensora-mor de não chamar, você tá fazendo a festa com um propósito. O propósito não é fazer uma festa de entretenimento pra sociedade brasileira, carioca, você tá a fim de reunir as pessoas. Tipo, você namora uma pessoa que não é, é claro que você vai levar; você tem um amigo que não, é claro que você vai levar, nessas situações (...). Mas eu não vou ligar pras minhas amigas da faculdade e falar ‘hoje vai ter uma festa, vamos !’” (B., estudante de medicina)

Na primeira reunião do Kadima da qual participei, na casa de um dos membros, no Leblon, discutia-se a realização de um debate entre rabinos seguido de um grande “shabatton” (jantar para jovens após a cerimônia do “shabat”. Neste caso, o jantar não seria na sexta-feira). O que mais preocupava o grupo era como arrecadar fundos para a sua realização. Cogitou-se apelar às sinagogas, proposta bastante contestada. Envolvendo a discussão estava a ajuda aos judeus carentes através da doação de agasalhos e alimentos. No ato da doação, aqueles que tivessem entre 18 e 35 anos receberiam um convite para o jantar. O debate, por sua vez, seria aberto e divulgado, entre outros meios, pela FIERJ. Um membro contestou a doação somente para instituições judaicas pois “vivemos num país miserável”. Foi aí que D. disse que 6 mil judeus, num universo de 25 mil, precisando de ajuda, e esta ajuda seria uma afirmação da identidade étnica. A solidariedade que envolve historicamente o povo judeu é um dos motivos que levam à restrição das doações apenas à comunidade judaica.

“O que mais me orgulha é essa união da comunidade. Apesar de ter gente que diz que a comunidade é fechada, a comunidade é muito fechada mas se ajuda. Se eu tiver precisando de alguma coisa hoje, eu vou conseguir porque alguém da comunidade vai me dar a mão para eu poder sair daquele problema. É histórico isso, todo mundo fala, todo mundo sabe que um ajuda o outro. Se tu for um advogado e eu tiver algum problema, eu vou procurar um advogado da comunidade. Isto é o maior exemplo de que, tudo que passou no holocausto, eram perseguidos a vida inteira, isso fez um povo forte, que tem orgulho das tradições. A história do povo é bonita, é sofrida mas que, no final, tudo acaba bem” (R., estudante de jornalismo)

Ainda em relação ao debate, questionava-se a validade de uma confrontação de idéias ou exposição de crenças. Foi consensual a inevitabilidade de “baixarias” caso houvesse o debate, e isso o grupo não queria, principalmente J., que não via qualquer utilidade neste tipo de iniciativa. Outra questão era a escolha dos rabinos, “os mais representativos”, quais os critérios a serem utilizados e as perguntas a serem feitas. Uma delas seria sobre o que eles achavam da decadência econômica da comunidade judaica carioca, outra sobre o papel da mulher no judaísmo e uma terceira sobre o antagonismo entre ciência e religião, “você acredita na construção do mundo em sete dias?”. Na reunião seguinte, a idéia do debate foi abandonada pois não acreditava-se na possibilidade de um diálogo produtivo entre eles.

Os esforços, então, concentraram-se na organização do jantar, a ser realizado no “playground” de uma das integrantes, moradora do Leblon. Para receber o convite, deveriam ser efetuadas doações, um quilo de alimento não perecível. Na verdade, a campanha era dirigida para o público em geral, mas o jantar era especificamente voltado para a juventude. As doações poderiam ser feitas em qualquer sinagoga e J. perguntou o quê os rabinos lucrariam com isso, pois estariam sendo usados pelo grupo. Acreditava-se, no entanto, que isto era uma “mitzvá” (mandamento divino) juntar a juventude para dançar e comer pães e frios num ambiente judaico. Para J., era importante mostrar a grandiosidade do Kadima, realizando eventos de impacto e fugindo das “furadas”, com pouco apelo. O financiamento seria conseguido com os mais velhos “que tem grana”, incentivados pelo fato de o Kadima ser um grupo sério, mobilizado na tentativa de reunir os jovens judeus e arranjar casamentos, admitido por alguns membros. J., inclusive, lembrou que várias pessoas pediram a ele uma festa para maiores de 21 anos no intuito de “desencalharem” e arrumarem um (a) parceiro (a)⁵.

⁵ Na edição de maio/junho 2000, o jornal “Alef” traz, na parte voltada para a juventude, duas notas relativas a encontros para solteiros. A primeira diz: “O I Encontro de Singles ocorrerá nos dias 24, 25 e 26 de novembro

O jantar também não vingou. Surgiu, então, a idéia de realizar um “Queijos & Vinhos” elitizado, quer dizer, com as pessoas mais bonitas da comunidade além da boa qualidade da comida e da bebida. Nem todos os integrantes faziam questão de colocar salame “kosher” na mesa de frios, mas retirou-se do cardápio o salaminho e os canapés de camarão. Segundo M., “nem 8 nem 80”, já que a presença de carne “treif” (impura), principalmente carne de porco, inibiria jovens religiosos que seguem os preceitos alimentares da religião judaica⁶. No papel distribuído para os jovens, convidando para o evento, lia-se o seguinte

“Depois do sucesso da viagem para o Saint Moritz com mais de 200 jovens, o GRUPO KADIMA, preocupado em oferecer a você momentos de descontração, lazer e reencontros, anuncia: o 1º QUEIJOS & VINHOS DO GRUPO KADIMA, 16 de setembro a partir das 21:30 h.

- o local é uma cobertura duplex no 16º andar da Av. Atlântica, com a vista mais maravilhosa da cidade
- o traje é esporte fino, pois a noite será de gala.
- A comida e a bebida serão liberadas.

Assim como na viagem, esta festa terá convites limitados !!!

Comida

- canapés de kiwi com kani kama, pepinos japoneses recheados com atum, papaia com azeitonas gregas.
- Mesa de buffet com cesta de pães variados e torradas, mousse de roquefort com maça ácida ricota com ervas finas, pasta de salmão defumado, pasta de beringela e tábua de queijos variados (minas, prato, brie, camembert, provolone, gouda, fundido, roquefort, emental, padrão, reino, edan), mel, manteiga e geléia.

Bebida

- coca-cola (light e normal), guaraná(light e normal), coquetel de frutas, sangria, vinho branco, vinho tinto e água mineral.

Preço

R\$20,00 até 9 de setembro

R\$25,00 até 15 de setembro

Naquela noite, os membros do grupo (eu, inclusive) se revezavam na porta de entrada, cobrando ingresso de quem não havia comprado antecipadamente. Juntamente

na Hebraica de SP. Além da integração dos jovens da comunidade judaica de todo o Brasil, haverá atividades sócio-culturais e de lazer. Silvio Leider, um dos coordenadores do Grupo Chai, da ARI (Associação Religiosa Israelita, sinagoga localizada no bairro de Botafogo), que reúne semanalmente singles entre 30 e 55 anos, foi uma presença marcante da primeira reunião preparatória para o evento, ocorrida no final de abril”. A segunda nota diz “Encontro para jovens solteiros em Israel. Centenas de jovens do mundo inteiro estarão participando do programa ‘Yachad’ (“juntos”, em hebraico), que acontecerá entre os dias 10 a 19 de julho. A primeira etapa da viagem passa por Vilna e Minsk, na Rússia. Depois os participantes embarcam para Israel (...)”

com o bilhete de entrada dava-se um cartão quadrangular onde se lia, no alto, “Shabatón” e uma grande estrela-de-David ocupava o espaço. Era a propaganda da reinauguração do salão de festas da sinagoga Beit Lubavitch, e prometia comida e bebida liberadas. A organização ficou a cargo do departamento juvenil da sinagoga. Mesmo enquanto desempenhava o papel de caixa podia ouvir a música que o dj contratado tocava. Predominavam os ritmos “dance”, “pop” nacional e internacional e o funk carioca.

Na reunião seguinte, propus que puséssemos algum símbolo que expressasse o caráter judaico do evento, numa tentativa de provocá-los. A reação foi inesperada, pois D. disse que seria discriminação, “certa vez, disse, o x (o dj) colocou ‘Hava Naguila’ (música típica judaica)” e caiu na gargalhada. Colocar algum traço cultural judaico numa festa judaica, por mais contraditório que pareça, é propaganda negativa.

“A festa judaica é feita nos moldes de fora. Por que ? Porque a comunidade judaica cresce num meio neutro e gosta das coisas que tem fora, então você tem que trazer pra dentro. Se eu meter uma parada judaica na festa judaica, aí vão 100 pessoas, não 300” (D., “promoter”)

“Eu lembro de uma festa da FIERJ que não havia nenhuma referência, botaram uma música em hebraico, ‘dance’, e neguinho reclamou, ‘Am Israel Chai’!!!” (M., historiadora)

O grupo Kadima incorporou ao seu quadro o “promoter” Marcelo Arar, muito conhecido fora da comunidade judaica, principalmente após ser capa da revista “Veja Rio”, que entrevistou-o por conta de grandes festas por ele organizadas. Mesmo que participando virtualmente do grupo pois, devido a compromissos, raramente podia comparecer às reuniões, Arar carrega a imagem do jovem judeu que deu certo, que é reconhecido na “comunidade maior” (a sociedade) sem abdicar de sua identidade judaica. Ele, inclusive, simbolizaria o jovem carioca do ano 2000, e os semelhantes judeus procuram assimilar o quê a “carioquice” tem de melhor, modificando, assim, sua judeidade.

“As pessoas se identificam com seus ícones, com as pessoas que são parecidas com eles ou que eles gostariam de ser. As pessoas gostariam de ser o Marcelo Arar, eu acho, talvez, me parece. É o cara que vai pra praia, que fala maneiro, que se veste na moda, que vai pra boate. É o ícone de uma juventude, eu acho interessante, e é judeu porque ele é identificado com a comunidade judaica. Ele é engajado, ele faz festa judaica” (B., estudante de jornalismo)

⁶ Segundo a “kashrut”, uma série de alimentos são proibidos para o consumo, não apenas o porco e o camarão. O preparo, acondicionamento, o modo de servir, de lavar e guardar os talheres etc são parte do sistema culinário religioso. O porco, como símbolo da comida impura, surgiu em tempos mais recentes.

“A única forma de eu não assimilar a cultura da diáspora, no caso do Brasil, seria vivendo em gueto. Eu gosto do funk, eu não quero sair do Brasil porque eu quero ir no Maracanã, eu assimilei a cultura brasileira. Eu gosto de feijão, eu gosto de andar na praia, eu sou um cara assimilado até certo ponto mas eu tenho a minha assimilação sob controle. Ela não prejudica meu judaísmo” (Idem)

“Assimilação é o meu caso, é crescer fora da comunidade tendo os seus valores, tendo os seus amigos dentro da comunidade e também crescendo fora” (D., “promoter”)

Manter a assimilação “sob controle” significa não casar com não-judeus (ias). A assimilação de novas formas culturais, não presentes anteriormente da comunidade judaica ou pouco difundidas (com maior relutância aos casamentos mistos) é exemplificada pelo I campeonato de surfe promovido para jovens judeus cariocas. Programado para o mês de maio de 2000.

A resistência em colocar símbolos que caracterizem o evento como judaico leva à pergunta “o que o torna diferente, particular, então ? Por que é judaico ? Como é possível descobri-lo ?”. Uma das respostas possíveis é pelo reencontro dos velhos amigos. Sempre há a esperança de se conhecer o (a) futuro (a) esposo (a), mas este seria um objetivo secundário, embora não menos importante. Manter os laços de amizade é o que motiva a maioria dos jovens a sair de casa, com a consciência de que, dificilmente, “pegarão” alguma menina ou menino, ou seja, passarão algumas horas trocando beijos e abraços apenas durante a festa.

“Esse grupo Kadima não era com esse intuito não, a idéia era proporcionar eventos para a comunidade, pra unir a comunidade, juntar ao jovens, jamais...pra arranjar namorada tem um grupo aí que se reúne toda... é um grupo de ‘singles’. As festas que a gente faz com o grupo Kadima, as viagens com a diretoria do clube (da Barra) é pra encontrar os amigos e se divertir, é uma festa, é uma ‘night’. Em vez de ir, sei lá, na Dabliu (boate e Ipanema), tu vai na festa do clube da Barra, da comunidade” (R., estudante de jornalismo)

“O pessoal vai ficando mais velho, sai da escola judaica, vai pra faculdade e perde contato com gente que sempre viveu junto na escola, no movimento juvenil. Antigamente eu era assim ‘cara, quem sabe é hoje ?’, mas hoje não. Até porque, hoje, eu não acredito mais que isto seja certo, que eu vou encontrar alguém num negócio desses porque, se até hoje nunca encontrei, não vai ser por aí, sabe ?” (S., estudante de desenho industrial)

“Eu acho interessante, eu gosto (das festas). Já que eu conheço muita gente, eu vejo meus amigos que eu não vejo há muito tempo, o cara do colégio que não vê há cinco anos. Sempre pinta alguém por lá e, mal ou bem, a gente tenta arranjar alguém, né ?” (B., estudante de jornalismo)

“Essas festas são uma grande oportunidade de você reencontrar o pessoal. Com certeza aquele pessoal que você continua freqüentando o mesmo meio, porque tem um pessoal que foge da comunidade, que não gosta, que perdeu o contato completamente” (R., estudante de administração)

“A diferença tá no clima que rola e nas pessoas. O clima pelo...a festa quando é feita pra comunidade, é feita prum clima de reencontro, não prum clima de boate mesmo, de ‘pegação’. Fica

aquele clima de ‘social’, o pessoal se encontra e bate papo, uma coisa mais unida. Eu acho que não é aquela primeira intenção (“pegar”), isso tá por trás de todo mundo que tá indo, tá buscando alguma coisa, não tá indo só pra encontrar” (Idem)

“Eu acho que existe, por trás da organização dessas festas, a procura de um marido mas, já que o objetivo final seria esse, antes disso vem um monte de outros benefícios, encontrar os amigos, o clima legal. Eu não acho que é o momento ideal pra eu buscar uma noiva ou namorada, meu objetivo não é esse” (Idem)

“Eu vou porque meus amigos vão, sempre que eu vou eu encontro gente que eu não via há muito tempo, é mais ‘social’. De qualquer jeito, essas pessoas vão, eu frequento vários (lugares), às vezes essas pessoas não frequentam esses lugares” (D., estudante de direito)

A última grande atividade promovida pelo grupo Kadima foi uma viagem para o Hotel do Bosque, na cidade litorânea de Angra dos Reis. Centenas de jovens judeus do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais se confraternizaram, demonstrando a capacidade de criar redes de sociabilidade que transpõe fronteiras geográficas. Ser judeu é um pressuposto fundamental. Ao longo da viagem, se desenvolve uma maior identificação com esta ou aquela pessoa mas, a princípio, as comunidades se fundem numa “grande família” de onde sairão casais de namorados e grupos de amigos. Pelo menos é esta a intenção.

A programação de viagens e festas para jovens judeus cariocas não é exclusividade do grupo Kadima. Sinagogas e o departamento de juventude da FIERJ, a FIERJ Jovem, também se encarregam de reservar hotéis e criar atividades que integrem os participantes. O Beit Lubavitch, por exemplo, alugou o Hotel Campestre, na cidade de Penedo, para um encontro de jovens e entre as atividades disponíveis estavam sauna, quadra de tênis e piscina. Outra chance de participar, caso se tivesse perdido esta oportunidade, foi a “Peguishá Carioca 2000”, também de responsabilidade do Beit Lubavitch, que teve lugar no Hotel Fazenda Maria Cláudia. Na propaganda distribuída na sinagoga estava dado o objetivo da viagem, “um momento para encontrar novas amizades. A juventude judaica está de encontro marcado”. Entre as facilidades que o hotel oferecia estavam: esportes, churrasco, músicas, palestras e debates sobre temas atuais (genética humana, homossexualismo, pedofilia, espiritismo, código da Torá). A idade exigida ia dos 17 aos 30 anos e o preço era R\$200,00.

A FIERJ Jovem, por sua vez, reservou o Hotel do Bosque (o mesmo de uma das viagens do Kadima), anunciando que jovens de São Paulo também estariam presentes. Outra “Star Trip”, como é chamada esta viagem, foi à Pousada Sítio da Ponte, na cidade de Visconde de Mauá, no Estado do Rio de Janeiro. Haveria sauna a lenha, boate e fogueira

com música ao vivo, além de passeios para as cachoeiras da região. Ambas as viagens saíam em torno de R\$200,00. A integração que se pretende com estes eventos nem sempre é conseguida, como vimos em alguns depoimentos, em outros casos é possível formar novos grupos de amigos.

“Uma amiga minha me ligou e disse que ia ter um ‘shorashim’ (fim-de-semana num hotel fazenda, para jovens judeus universitários do RJ e SP). Eu sempre que me auto-discriminei, afinal que eu fui do Lar (das Crianças)...aí eu lembro que eu cheguei no estacionamento, que era o ponto de encontro no Bairro Peixoto, e não conhecia ninguém, queria ir embora. Aí a Márcia ‘não, vamos, a gente vai conhecer gente’ e tal. Cara, foi muito legal ! Nesse final de semana a gente foi formando um grupo grande e, quando a gente voltou pro Rio, saía todo fim de semana. Era churrasco na casa de um, festa de aniversário de outro, era festa pra arrecadar fundos pra formatura do terceiro (ano)... Era ‘social’ mesmo, foram formando subgrupos (...)” (M., historiadora)

Grupos de amigos viajam independentemente de ter ou não departamentos juvenis responsáveis pelos eventos. Nas colunas sociais da revista “Messibá” encontramos várias fotos de amigos se divertindo no Nordeste do Brasil ou na região Sul, também bastante procurada pela juventude carioca de um modo geral. O interessante é que aparece, ao menos nestes exemplos, uma separação de sexos: onde há meninos, não há meninas e onde há meninas não há meninos. A idéia das “Star Trips” ou “Peguishá” é exatamente demolir o muro e aproximar jovens de ambos os sexos no intuito mantê-los num ambiente judaico, se não físico ao menos simbólico.

Juntamente com as “Star Trips”, a FIERJ Jovem organiza a “Star Party”, festas voltadas para a juventude judaica. São convidados dj’s de casas noturnas famosas no Rio de Janeiro e o preço do ingresso, quando a entrada não é franca, é considerado barato, já que a festa se propõe a atrair o maior número possível de jovens. Além da organização mais formal do departamento juvenil da FIERJ, grupos de amigos se reúnem e promovem festas comunitárias, como é o caso do grupo MLM que, assim como o ALUAP, parece que nasceu apenas para aquele evento em especial.

Este grupo criou a “ComunaFantasy”, festa à fantasia numa casa de um dos inúmeros condomínios da cidade de Teresópolis. O “folder” (folheto de divulgação) exhibe, na parte da frente, um rapaz vestido com a camisa da seleção brasileira de futebol, “kipá”, “peot” (cachos de cabelo que descem pela lateral do rosto, símbolo religioso), e uma estrela-de-David num cordão no peito junto de uma menina, vestida com um “top” cor-de-rosa, um véu (em alusão à personagem “feiticeira”, famosa pela sensualidade) e uma

espécie de bandana com a cruz vermelha (em alusão à personagem “enfermeira do funk”, surgida nos bailes funk cariocas). A menina é loura de olhos azuis e ele é branco com um nariz adunco, lembrando o estereótipo físico do judeu. Os dois seguram um rolo de Torá (Pentateuco) aberto, com a chamada para a festa no lugar das escrituras sagradas onde, no lugar da letra “u” há um desenho da “menorá”⁷, que exibe a mesma forma. O termo “comuna” refere-se à comunidade judaica. Na parte interna, diz-se os atrativos: “cerveja, whisky, batidas, vinho, sanduíches e salgados até o amanhecer...”, ônibus saindo e chegando ao Rio, presença de um “dj” de uma das casas noturnas mais famosas da cidade e os preços, que variavam de acordo com a data da compra. Quanto mais perto da festa, mais caro o convite. Os preços eram R\$25,00 para homens e R\$20,00 para mulheres, se comprado antecipadamente; R\$30,00 e R\$25,00; R\$40,00 e R\$30,00 respectivamente.

A descoberta daquilo que pode identificar estes eventos enquanto judaicos pode tornar-se um desafio. No caso do festival de dança israeli, percebe-se como elementos não-judaicos, como a “dança da bundinha” ou a 9ª Sinfonia de Beethoven, são incorporados a danças tipicamente judaicas. A própria diferenciação entre os grupos, cada um apresentando uma coreografia particular bem de acordo com o caráter migratório do povo judeu, assimilando formas culturais as mais inusitadas, mostra como a identidade judaica se modifica segundo o contexto histórico. Para uma pessoa que não é judia, ou é mas está afastada da comunidade judaica, a classificação da festa enquanto judaica pelo jovens que a freqüentam não é suficiente. É preciso ir além. A “ComunaFantasy” ainda exibe símbolos judaicos, é explícita com relação ao público que quer atingir na propaganda. Também aqui há um amálgama de elementos judaicos e não-judaicos: o rolo da Torá, a “kipá”, as “peot”, a camisa da seleção brasileira de futebol, adereços da personagem “feiticeira” etc. É interessante notar que a judeidade não-religiosa destes jovens também é influenciada pela religião, na caracterização do menino judeu segundo a imagem do ortodoxo. Parece ser mais difícil caracterizar, pela vestimenta, uma moça judia ortodoxa. A assimilação da cultura leiga vai até certo ponto, a partir do qual a Tradição interfere no sentido de impedir

⁷ A “menorá” é um candelabro de sete braços. Na época do Primeiro e do Segundo Templos, quando os judeus lá faziam os sacrifícios divinos, ela permanecia acesa o tempo todo. O número sete tem grande importância para o misticismo judaico, a Cabala. Sete, por exemplo, são os dias que Deus levou para construir o universo; sete foram os dias que Deus protegeu os judeus na fuga do Egito etc. A luz que irradia de cada braço significa vida, em oposição à escuridão, ligada à morte. A luz também é sinal de proteção e sabedoria, ela abre caminho para os judeus se unirem a Deus e Sua proteção.

que a incorporação de elementos “estranhos” vá “longe demais”. Na verdade, ocorre uma secularização de símbolos religiosos por jovens que seguem o padrão de conduta pela tradição religiosa judaica.

As dificuldades surgem quando não há indícios de que a festa é dirigida aos jovens judeus. A música tocada é a mesma das boates espalhadas pela cidade (inclusive as músicas judaicas são rechaçadas) e todos se vestem de acordo com a moda juvenil da classe média de uma metrópole como o Rio de Janeiro. Este problema sociológico (afinal de contas, o que faz essa festa judaica ?) é parecido com o enfrentado por Mitchell⁸ na análise de uma dança tribal, a “Kalela”, numa área urbana da antiga Rodésia do Norte. Os Bisa, grupo tribal analisado, usavam a dança como meio de expressar seu pertencimento étnico em oposição às outras tribos. Nas suas estrofes, satirizavam-se a platéia, formada basicamente por outras etnias. Apesar de ser uma dança tribal, seus componentes vestiam-se “à européia”, impecavelmente, e a língua utilizada era amplamente difundida na região, atingindo diversos grupos.

Os Bisa, habitantes de meios urbanos (particularmente regiões mineradoras), estavam em constante contato com outras formas culturais (língua, hábitos alimentares, música, dança etc) e trocavam experiências com as outras tribos. Este contexto permite explicar a vestimenta “à européia” e a língua das músicas cheia de anglicismos e o surgimento do chamado “tribalismo”, ou seja, o sentimento de pertencimento a uma tribo segundo categorias étnicas. A assimilação de certos hábitos não significa, então, o abandono de sua condição étnica, na medida em que será a contexto da interação social a definidora da identidade a ser utilizada. Transpondo esta situação para a realidade de minha pesquisa, vejo que ocorre o mesmo processo de incorporação de novos elementos e manutenção da identidade étnica.

O paradoxo encontrado por Mitchell, há quase cinquenta anos numa região da África, reaparece nos eventos organizados para a juventude judaica. Os jovens que vão às festas judaicas vivem numa cidade onde a variedade de grupos culturais permite a constante reinvenção da judeidade. Não é pelo fato de haver “funk” e carne de porco e nenhuma insígnia que represente o judaísmo que o evento deixará de conter elementos de diferenciação grupal. Neste sentido, é preciso procurar outros elementos que me façam

⁸ Mitchell, J. Clyde *The kalela dance*, Manchester, Manchester University Press, 1968[1956]

enquadrá-la enquanto tal. Uma primeira característica seria o tipo de conversa que se tem nestes ambientes: pode-se conversar sobre os jogos de futebol organizados no Clube da Barra, sobre a próxima colônia de férias dos diversos movimentos juvenis, das viagens programadas para a juventude judaica, daquele rapaz ou daquela moça que faz sucesso dentro da comunidade. Outras possibilidades, que serão analisadas mais adiante, são o modo de comportar-se nestes ambientes e a exibição de sobrenome “típicos” judaicos.

1.5.2 O apelo gastronômico

Ao ser chamado para informar sobre as próximas programações da congregação Beit Lubavitch, seu presidente conclamou os jovens a comparecerem à Noite da Pizza a ser realizada na pizzaria Gattopardo, no bairro da Lagoa. Era uma segunda-feira à noite, e cheguei com minha irmã por volta das 22:30 h. Esperamos um pouco até sua amiga chegar com a irmã. Ao entrar, recebemos um convite para o “pré-reveillon do Centro Adolpho Bloch” (Clube da Barra) comemorado no sábado seguinte. Na verdade, não era um convite, pois a entrada custava R\$5,00, se pago antecipadamente, ou R\$10,00, na hora da festa. Na frente, ainda estava escrito “A maior festa jovem da comunidade no ano. Super produção de som e luz” com a presença do dj Roger da boate Dabliu. Haveria, na ocasião, o lançamento da revista “Messibá” (“festa”, em hebraico), que se propunha a “oferecer matérias jornalísticas de credibilidade”, promover instituições judaicas e, principalmente, abrir espaço para a juventude judaica (“o que mais nos orgulhamos e fazemos questão é oferecer muito espaço à juventude, nosso futuro”). Entre as atividades juvenis com destaque na revista há festas de aniversário, jantares japoneses, viagens, galeria de fotos, fotos de casais jovens, coluna social e modelos em propagandas de lojas (cujos donos são judeus). A pizzaria estava fechada para o evento.

Demos de cara com o rabino Gabriel Aboutboul, integrante do Beit Lubavitch, junto com outros jovens usando a “kipá” (solidéu). É raro encontrar jovens judeus usando a “kipá” em eventos exclusivas para a juventude mas, por este ser organizado pelo departamento juvenil do Lubavitch (cuja corrente é ortodoxa) e a comida ser “kosher”, talvez tenha sido considerado seguro. Resolvemos tomar alguma coisa, já que a bebida era liberada e, ao lado balcão, encontramos nosso primo. Em tom de brincadeira,

perguntou à minha irmã se estava lá pra “caçar um marido”, o que ela negou veementemente. Conseguimos sentar e pedimos a pizza a que tínhamos direito, muito gostosa por sinal. Na mesa ao lado, um grupo de rapazes com “kipá” conversava alheio ao que acontecia ao seu redor. Havia um grande burburinho causado pelos encontros de conhecidos e pela música do videokê⁹ e dos vídeos de artistas famosos que passavam nos telões espalhados pela pizzaria.

Enquanto comíamos, comentávamos acerca da “Messibá” que circulava na mesa. Na capa, somente fotos de meninas que, quando reconhecidas, geravam comentários do tipo “esta está em todas”, “esta tem cabelo sarará”. Numa parte havia propagandas das colônias de férias promovidas pelos movimentos juvenis, excitando as que freqüentavam quando mais novas e que mantêm contato com os que ainda estão ligados. Uma disse, com a ameaça de cancelamento de uma das mais famosas, a da “kinderland”, “tomara que este ano tenha”. Seja para criticar os outros ou se divertir, comparecer ao evento é muito importante para manter contato com o “meio”.

“No evento de segunda, foi até legal, porque cada pessoa pagava uma quantia insignificante, todo mundo podia pagar, e que você podia ir pra conversar, rever os amigos que não via desde a escola ou amigos de infância. É interessante” (R., estudante de administração)

“Quando a gente foi na pizza, a gente comentou ‘tem muita gente que eu nunca vi na minha vida, nunca podia imaginar que fosse judeu !’. Talvez nem fosse...” (S., estudante de desenho industrial)

Numa propaganda de página inteira, os organizadores do “pré-reveillon” convidam a todos a “rever os amigos no maior evento da comunidade do ano”, cuja censura era 18 anos.

A pizza “kosher” é um ingrediente utilizado como mecanismo de seleção da freqüência exclusivamente judaica aos eventos, tornando-os compatíveis com o ideal moderno de ser judeu e carioca. Deve ficar claro que a pizza “kosher” não é um chamariz pelo fato de ser “kosher” (sistema culinário religioso inserido numa concepção de mundo, num padrão de conduta específico), pois não costumam consumir este tipo de alimento. A pizza “kosher” é uma apropriação secular de um símbolo religioso.

Também a comida japonesa tem um papel importante na definição do tipo de sociabilidade juvenil judaica. Na verdade, a moda da cozinha japonesa faz parte de um estilo de vida basicamente de classe média e alta, e sua parcela jovem a adotou como parte

⁹ O videokê é uma variação do karaokê. A pessoa canta uma música, escolhida entre as centenas de opções, acompanhando a letra na tela da televisão e o fundo musical e instrumental.

de seus gostos. Diversos jantares japoneses¹⁰ são organizados pelos diferentes grupos da comunidade, principalmente as sinagogas. O sushi e o sashimi são “judaizados”, se transformam em atributos étnicos na medida em que apenas judeus participam do evento. É interessante notar que o peixe utilizado na preparação dos pratos japoneses poderia servir de matéria-prima para o “guefilte fish” (peixe recheado, comida típica dos judeus oriundos da Europa Oriental). Contudo, como acontece com a música judaica nas festas, a culinária judaica não é apreciada pelos jovens entrevistados, pela geração neta ou bisneta de imigrantes.

“Eu acho que comida japonesa é uma coisa que tá na moda e que a maioria das pessoas gosta, e que chama a atenção. Porque se, de repente, ele vira e fala que vai colocar lá ‘chalá’ (pão típico judaico) liberada, eu acho que o pessoal não ia. Colocaram isso até pra chamar a atenção do público que tá indo, eles queriam que as pessoas digam (sic) ‘não, eu vou porque vai ter sushi, porque eu vou poder encontrar o pessoal’. Eu acho que a maioria vai pelo que estão oferecendo e não pelo...Eu vou pelo ‘social’, pra encontrar o pessoal. (Se tivesse ‘chalá’) eu iria porque eu não vou pra comer, eu sei que vai chegar ali na hora e vai ser aquele avanço em cima da comida. Eu tô dentro do grupo que vai encontrar o pessoal, o sushi chama a atenção pro pessoal ir, ‘pô! Vai ter sushi’. Eu não sou muito fã da comida judaica, eu como algumas mas não é minha comida preferida. A culinária judaica não me atrai muito não” (R., estudante de administração)

A comida japonesa, preparada segundo os preceitos alimentares judaicos, quando as atividades são dentro das sinagogas (além da Beit Lubavitch) ou não, quando organizadas em clubes ou restaurantes, é um exemplo de que a manutenção da identidade judaica depende menos de características definidas a priori do que a existência de fronteiras sociais. A forma e conteúdo, através dos quais se manifesta o pertencimento à etnia, varia no tempo e espaço sendo o “sushi”, o “sashimi” e o “kani kama” exemplos de como a tradição se moderniza e a modernidade se tradicionaliza. Nos e-mails com a programação voltada para a comunidade, marcada em negrito, há várias opções para se comer sushi num ambiente judaico. Vejamos algumas delas:

¹⁰ Segundo o sistema culinário religioso judaico, a *kashrut*, nem todo alimento pode ser consumido. Douglas (1966) no capítulo “As abominações do Levítico” cita passagem em que Deus revela que animais podem ou não ser consumidos. Em relação aos peixes, está escrito “Entre os animais que vivem na água, eis os que podereis comer: podereis comer todos os que têm barbatanas e escamas, nas águas, no mar e nos rios. Mas tereis em abominação todos os que não têm barbatanas nem escamas, nas águas, nos mares e nos rios, entre todos os animais que vivem nas águas e entre todos os seres vivos que nelas se encontram. A estes, tê-los-eis em abominação: não comereis de sua carne e tereis em abominação os seus cadáveres. Tudo o que nas águas não tem barbatanas nem escamas, tê-los-eis em abominação”. Assim, o salmão e o atum, muito utilizados na culinária japonesa, podem ser consumidos nos jantares japoneses das sinagogas.

- 1) “Jantar japonês in Rio III para jovens idish¹¹. Local: Tanaka San-Leblon. Paga somente o que consumir. Realização: Beit Lubavitch”
- 2) “Shabaton para jovens. Local: Beit Lubavitch. Preço: de grátis !!!”
- 3) “Grande Kabbalat Shabat jovem. Local: Sociedade Israelita Templo Sidon”
- 4) Festival de Sushi (evento especial para jovens da comunidade judaica). Obs: número limitado de pessoas”
- 5) “Shabaton jovem. Local: Sinagoga Shel Guemilut. Preço: entrada franca !!!”
- 6) “Sushi para jovens da comunidade judaica. Local: Gávea. Preço: convite a R\$18,00- tudo liberado e kosher”

Alguns jovens têm a idéia de que as atividades promovidas pelos departamentos juvenis das sinagogas têm o intuito de “arranjar casamento. Há uma mistura de interesses, tanto por parte de não-religiosos quanto de religiosos, (basicamente os rabinos). Estes têm consciência de que, em pleno ano 2001, não se pode “remar contra a maré” e oferecer produtos com pouca aceitação no mercado juvenil. Assim, a visão pragmática do quê se deve fazer para atrair jovens, socializá-los em ambientes saudáveis (judaicos) revela o desejo de evitar a assimilação e a “sujeira” simbólica através dos casamentos mistos. Os eventos promovidos por não-religiosos, por mais que reforcem a idéia de sociabilidade e amizade, carregam o ideal da “cada coisa em seu lugar”. Os rabinos são mais explícitos, oficialmente, quando perguntados sobre o objetivo do jantar japonês e sua judeidade:

“Sempre passamos alguma coisa, depende do objetivo da festa. Tem festa que o nosso objetivo é que mais pessoas se encontrem. O jovem que tá na faculdade, tá 97% cercado por não-judeus, pra ele é difícil enfrentar este desafio. Por isso, nós precisamos fazer eventos grandes para o jovem não esquecer o (sic) raiz dele. Depois, têm coisas menores para ensinar mesmo, tem cursos, palestras, especialmente para jovens que é pra ensinar” (Rabino G. da sinagoga Beit Lubavitch)

“Não tem problema nenhum fazer o shabaton com ‘guefilte fish’. A pergunta é: o quê vai atrair os jovens ? O objetivo do shabaton é atrair jovens, não é só fazer uma coisa que parece muito bonita, que a comida é comida judaica etc. mas que você dever ter 10 ou 20 jovens participando. O objetivo é que o máximo de jovens participe e, já que o sushi é uma coisa que atrai os jovens, então, por isso é utilizado” (Idem)

“Tendo 500 jovens num ambiente, é a coisa mais judaico (sic) no mundo (...). A pessoa se sente em casa, a pessoa sente que existe um grupo na volta dele, não tá sozinha. Essas dúvidas que pode passar na cabeça na faculdade, quando se senta junto com 500 pessoas igual a ele, isso dá uma força pra eles” (Idem)

“Porque eu acho que os jovens hoje, vivendo o ano 2001 do Rio de Janeiro, eu não sei se eles todos estão interessados em ‘guefilte fish’. ‘Guefilte sish’ é uma coisa mais tradicional, até o

¹¹ O idish era o dialeto utilizado pelos judeus da Europa Oriental. Seu vocabulário era um amálgama de influências germânica, hebraica, eslava e ladina. Hoje, muitos jovens dizem “idish” para referir-se à “judeu”. Por exemplo, “tinha muito idish na praia ontem”.

peçoal mais adulto gosta etc. Não que é ruim, mas o peçoal moderno querem (sic) coisas que eles consideram mais modernas” (Rabino C., da sinagoga Beit Lubavitch)

Muito menos freqüente, há a “noite de falafel só para jovens” que o Beit Lubavitch e outras sinagogas promovem. Numa delas, em outubro de 2000, a propaganda dizia “Venha participar de uma agradável e deliciosa noite de falafel na sucá, com música”. O falafel é uma comida típica árabe que foi incorporada à culinária israelense e transportada para o Brasil. É um sanduíche de pão árabe, a chamada “pita”, recheado com bolinhos de grão-de-bico fritos, salada de alface, tomate, pepino e molho de gergelim por cima de tudo. A “sucá” é uma tenda de madeira coberta de folhas, montada na festa de “sucot”, quando os judeus comemoram, por cerca de uma semana, a proteção divina contra as flechas dos soldados egípcios na fuga da escravidão imposta pelo faraó. Neste período, todas as refeições e o descanso são feitas dentro dela. No jantar japonês realizado no Clube Israelita Brasileiro (já citado) também havia uma “sucá”, onde foram colocadas mesas e cadeiras para os jovens se acomodarem.

Outro espaço de sociabilidade é a Cobal, um hortomercado no bairro do Leblon, bastante freqüentado pelos jovens judeus nos domingos à noite. Virou um “point” da juventude judaica, como afirmaram os entrevistados. Nas suas redondezas localiza-se o Clube de Regatas do Flamengo e o restaurante Plataforma. Há duas entradas, a principal dá para a rua do Flamengo, enquanto a secundária dá para o condomínio “Selva de Pedras”, cujo nome foi dado devido à proximidade com que os prédios que o formam foram construídos, além de serem bastante altos. Há seguranças vestidos com terno e gravata e usando fones de ouvido para comunicação entre si.

Nem sempre houve segurança. Na época das férias de verão, a Cobal ficava super lotada aos domingos. Muita gente vinha da praia, do Maracanã ou mesmo de casa para tomar um chopp com os amigos, “beliscar” algum petisco e “fazer o social” no intuito de “pegar” alguém. Dizia-se que as meninas iam ao cabeleireiro especialmente para, no domingo à noite, não fazer feio diante das amigas e dos rapazes. Era, segundo os freqüentadores, uma discoteca ao ar livre já que, depois de certa hora, não havia mais mesas disponíveis e as pessoas que iam chegando ficavam de pé. Não demorava muito para que uma mesa de quatro lugares se transformasse numa pequena filial da comunidade judaica, com dez ou vinte, que não necessariamente conheciam-se uns aos outros, ao redor de algumas mesas juntadas à medida em que mais “galera idish” chegava. Este processo de

síntese não era exclusividade dos judeus, mas ocorria em todo o espaço da Cobal, tornando o trabalho de garçons e maitres ingrato, pois a falta de controle dos gastos por pessoa, a quantidade delas circulando pelo ambiente, e a facilidade com que se podia levantar e ir embora sem pagar transformava a cobrança da conta num martírio. Foi então que surgiu a idéia de colocar seguranças nas duas entradas, um outro circulando pelo ambiente, de cobrar consumação mínima de R\$10,00 por pessoa e de só permitir a entrada enquanto houvesse mesas disponíveis. “Fazer o social” em pé já não era possível. Com o fim das férias de verão, o movimento aos domingos diminuiu, mas continua intenso, a consumação mínima foi abolida e os seguranças permaneceram lá.

O que se quer dizer exatamente com a pergunta “vamos à Cobal ?” ? Não é um convite às compras no hortomercado. Na verdade, ele não se transforma num grande bar, a grande mudança ocorre na parte externa, onde se localiza o estacionamento ao ar livre. Se, durante o dia, o espaço funciona como carga e descarga de compras, à noite os carros dão lugar às mesas e cadeiras. Há quatro opções de alimentação: olhando de frente para quem entra pela entrada lateral há, na ponta esquerda, a “Torta & Cia”, especializada em doces; à sua direita, o “Pizza Park”, especializado em pizzas; seguindo em direção à entrada principal fica o “Caipirado”, com variedade de bebidas alcoólicas e comida japonesa e o “Tabuk”, especializado em comida árabe. Cada estabelecimento dispõe de certo número de mesas e, dependendo de onde se senta, não é possível comer algo de outro.

Às 20:00 ainda há muitas mesas vazias. Os jovens com quem conversei preferem sentar no espaço reservado ao “Pizza Park”. No “Pizza Park” há uma enorme variedade de opções: de carne seca, peperone (espécie de lingüiça), banana, branca (alecrim com parmesão), frango com catupiry, tomate seco com rúcula, palmito com mussarela, presunto com catupiry, sardinha, quatro queijos, napolitana (tomate e mussarela), champignon, atum, alho, “margherita” (manjericão), calabreza (de lingüiça), “romana” (tomate, mussarela e alicci) e uma tal de “capitão gancho” (tomate, orégano, alcaparras, parmesão e gorgonzola). Para aqueles que se sentaram na parte reservada ao “Caipirado” há caldinho de feijão, caldinho de ervilha e caldinho de batata barôa, além de bebidas como tequila, martini, caipirinhas (à base de cachaça e limão), caipivodkas (à base de vodka e limão) e batidas de frutas.

Até as 22:00, mais ou menos, pode-se ficar conversando e tomando uma cerveja sem a obrigação de ter de cumprimentar as pessoas conhecidas ou amigas que vão chegando. Existe um sentimento ambíguo de parte dos jovens judeus que freqüentam a Cobal pois, ao mesmo tempo em que acham legal rever “gente da comunidade” concentradas num espaço físico, este “social” deve ser esporádico, para não se perder o contato. Uma moça, que havia se sentado na mesa em que eu estava junto com uma amiga, ficava cada vez mais impaciente ao ver a quantidade de judeus que vinham cumprimentá-la, dizia que eles “apareciam que nem vermes”. O que mais a incomodava era o fato de haver encontrado estas mesmas pessoas poucos dias antes, e que a obrigação moral de trocar dois beijinhos era “um saco”. A ambigüidade fica por conta da peregrinação que esta mesma menina fez durante a noite toda pelas mesas espalhadas pelo estacionamento/bar, é algo que incomoda mas que também dá prazer. A “filial” da comunidade judaica geralmente se coloca, como uma coluna, na parte oposta aos restaurantes, ao lado da grade lateral. É claro que, quanto mais tarde, menor a possibilidade de conseguir lugar neste espaço, daí a necessidade de circular pelo ambiente para trocar duas palavras, “dar um oi” a conhecidos que ficaram distantes do epicentro. Neste caso, não é preciso estar próximo fisicamente, porque o grau de intimidade permanece o mesmo, a união continua.

Conversando conosco, a menina permanecia observando a movimentação ao nosso redor e comentando “aqui a gente desenterra cada pessoa...”, ou seja, encontram-se pessoas que estavam sumidas dos lugares que esta parcela da juventude judaica costuma freqüentar. Esta frase pode ser interpretada de dois modos, como um lamento ou uma exclamação de felicidade. Para o primeiro caso, podemos entendê-la pela necessidade de ter de cumprimentar gente com quem não se tem nenhum vínculo emocional mas que, por serem “conhecidas”, não podem ser ignoradas sob pena de ser considerada mal-educada ou “anti-social”. Afinal de contas, nunca se sabe o dia de amanhã. Por isso, a Cobal não seria um local apropriado para uma saída mais romântica, a dois, e, principalmente com um “goy”. Para o segundo caso, é exatamente a oportunidade de rever velhos amigos ou os que se viu na semana passada e fortalecer os laços de solidariedade que torna a ida à Cobal um programa prazeroso.

Assim, podemos entender a frase “Pô ! São sempre as mesmas pessoas...”, revelando tanto o pertencimento a um grupo particular quanto a frustração de saber que ele

está restrito ao “social”. É bom ser reconhecido como parte do grupo jovem judaico, porém o outro objetivo que também forma o “fazer o social”, a procura por um namorado ou “rolo” fica prejudicado. Há um controle sobre as atitudes destes jovens, tanto em relação àqueles que são considerados iguais, judeus, quanto aos que são “treif”, impuros, não-judeus. Muitas vezes, surge a oportunidade de “pegar” ou “ficar” com alguém, mas o fato de dezenas de olhares estarem vigiando as ações acaba inviabilizando tentativas de aproximação. A preocupação com o que os outros vão dizer ou pensar a respeito das suas relações afetivo-sexuais incomoda a maioria dos jovens entrevistados (ver capítulo 3).

2. O nome como mecanismo de identificação étnica

“- Romeu ! Romeu ! Romeu ! Onde é que estás Romeu ?

Renega o sangue, esquece o orgulho de teu nome e eu deixarei de usar o nome Capuleto, mas jura que tu tens amor igual ao meu. Só teu nome é inimigo, e um nome não importa. Se nasceste Montecchio, és apenas tu mesmo. Um nome de que vale ? É pé, é mão, é braço, é rosto, é parte enfim que constitua um homem ?

Adota um outro nome ! O perfume da rosa não muda se mudar o nome dessa flor. Romeu seria o mesmo, um outro nome usando a mesma perfeição teria se trocasse o nome que lhe dão. Romeu, deixa o teu nome que não te faz melhor, e recebe de volta a oferta de mim mesma.

- Eu te roubo ao teu mundo. Dá-me o nome de amor, e estarei batizado. Deixarei desde então de me chamar Romeu. Não sei como dizer o nome que hoje tenho. Odeio o que me dão, pois é teu inimigo. Se escrito ele existisse, eu rasgaria as letras.”

(*Romeu e Julieta*, William Shakespeare)

Uma das maneiras utilizadas na identificação dos jovens que são considerados judeus é através do nome de família. A partir do momento em que se reconhece no outro uma marca que o caracterize enquanto membro do “nosso grupo”, uma série de direitos e obrigações são mais ou menos impostos. O sobrenome “típico” judaico é um símbolo de pertencimento, que coloca seu possuidor numa rede de relacionamentos afetivos, de amizade ou profissionais.

Em alguns pontos, as relações sociais desenvolvidas no interior da comunidade judaica carioca, entre seus membros, e entra ela e o mundo exterior, lembram a estrutura social de outras sociedades matrilineares¹². O que rege a identidade social, nestes casos, é o princípio da matrilinearidade, quer dizer, a perpetuação no tempo da comunidade

¹² Richards, A. I “Características das organizações de parentesco matrilinear na África Central” in Radcliffe-Brown, A. R & Forde, Daryll (org) *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982(1950)

é determinada por princípios de sucessão e filiação bem definidos, reconhecendo apenas o sangue da mãe como produtor de identidade. Em segundo lugar, podemos lembrar das lendas de origem localizada, no caso dos jovens, no período da Segunda Guerra Mundial e o holocausto judaico, momento a partir do qual o sentimento de solidariedade interna aumentou, relevando clivagens político-ideológicas. Em terceiro, há o nome usado para pedido de ajuda material. Em quarto, o que identifica o indivíduo como parte do grupo é o nome do antepassado em comum.

Fazer parte do grupo, da família judaica é compartilhar certos valores (solidariedade, amizade, confiança) e sentimentos (em relação a Israel, por exemplo) dentro de um espaço físico e simbólico. Todos os benefícios materiais e/ou emocionais, o pragmatismo e a racionalização da identificação à etnia são um desdobramento da eficácia simbólica de ser judeu. Ser reconhecido como uma “persona” (Mauss, op.cit), alguém que merece respeito e consideração por ser “um dos nossos”, é uma condição necessária para que as recompensas objetivas e subjetivas se concretizem. O corpo, quando encarado enquanto um símbolo, invoca, ao invés de regras universais e impessoais, valores morais que terão a incumbência de regular as interações sociais. Em diversas ocasiões pude constatar a importância do sobrenome judaico como meio de legitimar a participação em ambientes também considerados judaicos.

Na primeira vez em que resolvi visitar a sinagoga Beit Lubavitch, em maio do ano 2000, ocorreu um episódio que se deveu, provavelmente, ao fato de ter sido um “marinheiro de primeira viagem”. Sem saber que a reza do “shabat” começava por volta das 19 horas, cheguei cerca de uma hora e meia antes. Após algum tempo fazendo hora no “hall” de entrada, resolvi descer as escadas e sentar numa das confortáveis poltronas da parte masculina, ainda praticamente vazia. Chegando mais perto do início da cerimônia, mas com poucos presentes, apareceu um ex-colega do colégio Eliezer Steinbarg (em Laranjeiras). Ficamos conversando por algum tempo, naquele papo de saber o que o outro anda fazendo, se já se formou, se está trabalhando, se está namorando etc. Perguntei-o se costumava freqüentar o Lubavitch e me disse que não, que era a segunda vez, seu irmão lhe havia dito que se realizaria um “shabaton”, ou seja, um “shabat” seguido de jantar para a integração dos jovens judeus. O irmão mais velho, que também estava lá, parecia estar mais familiarizado com o ambiente e as pessoas pois, quando um dos rabinos, bastante jovem, da

sinagoga veio nos cumprimentar e desejar “shabat shalom” (“shabat em paz”), trocaram um longo aperto de mão.

Ele estranhou a minha presença e perguntou meu nome. Quando lhe disse o sobrenome, Gruman, não conseguiu relacioná-lo com ninguém familiar mas acabou concordando que “é um nome bastante judaico”. Quis saber onde estudei, o que estudava na faculdade, perguntas feitas também aos que me cercavam. Nos informou do tal “shabaton” e insistiu na nossa presença porque, segundo ele, era muito divertido, as conversas iam “até à uma hora da manhã e, quem sabe se arranja alguma namorada...” e “o pessoal pega pesado”, provavelmente em referência ao clima de “azaração” que se instala num evento deste tipo. Um rapaz de 16 anos disse que gostaria de ir, ao que o rabino afirmou “ninguém vai te impedir de entrar e participar” mas que, talvez, o ambiente não fosse o mais apropriado, justificativa considerada justa pelos demais.

Em festas, a representação social dos jovens judeus esperada pelos demais está intimamente relacionada ao fato de usar um sobrenome “típico” (a descrição deste comportamento está no capítulo 3). É uma espécie de via de mão dupla: gera-se uma expectativa de comportamento pelo fato de se ter um determinado sobrenome ao mesmo tempo que, tê-lo, obriga o indivíduo a agir de uma maneira concordante aos padrões comunitários. Estes dois fatores se auto-legitimam. Num jantar japonês, por exemplo, realizado no CIB (Clube Israelita Brasileiro, em Copacabana), em novembro do ano passado, à entrada do clube, ao pagar o ingresso de R\$10,00 que dava direito a um buffet a noite inteira, uma senhora perguntava o nome e sobrenome que iam para uma listagem. Em futuros eventos, propagandas seriam mandadas via correio. Todos os sobrenomes eram reconhecidos como judaicos, o que nos impede de analisarmos o impacto de uma situação em que o jovem, ao invés de dizer “Gruman”, dissesse “Silva” ou “Araújo”.

Encontrei um rapaz que costuma enviar e-mails com a programação de eventos dirigidos tanto para a juventude carioca em geral (da qual os jovens judeus fazem parte) quanto para a juventude judaica em especial (festivais de dança, viagens, jantares japoneses, jogos de futebol em clubes judaicos, festas em boates fechadas para a juventude judaica etc.). Para ele, o e-mail é um aliado na manutenção das fronteiras comunitárias pois é através dele que pessoas que estão distantes da comunidade se incentivam a retornar às origens. Deu o exemplo de uma moça que recebeu seu e-mail com a propaganda do

“shabat” do Lubavitch e, indo às sextas-feiras, acabou encontrando seu atual marido. O rapaz possui uma lista com centenas de endereços eletrônicos cujos usuários têm o sobrenome típico. Outro organizador de festas também utiliza listas para a divulgação:

“A festa é judaica porque a divulgação é feita totalmente (ênfase) voltada para a comunidade judaica (e), se eu te mostrar o cadastro, você vai ver 300 sobrenomes, 270 com sobrenomes conhecidos” (D., “promoter”)

“(O público alvo) dentro da comunidade é acima de dezoito anos, a divulgação é feita pela internet, num ‘mailing’ que eu tenho, bom, que eu criei dentro dos eventos, por mala direta da FIERJ Jovem (setor da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro que se ocupa das atividades para a juventude judaica) (...). Me fala de um evento que tenha judeu, eu vou lá e dou filipeta, dou cortesia etc. É difícil encontrar os judeus, depois que eles fazem dezoito anos, porque se assimila, sai do meio, acabou. Vai pra faculdade, vai pra ‘night’, poucos vão à sinagoga...Se assimilar é ir pros eventos sexta, sábado fora da comunidade, em vez de ir no ‘shabat’ vai no DadoBier (boate localizada no bairro da Barra da Tijuca), entendeu ?” (Idem)

Há um fato curioso. De vez em quando, nesta divulgação de eventos, aparece um anúncio de uma festa de aniversário de jovens judeus cujos nomes são colocados em negrito para dar maior visibilidade. Informa-se o local, a hora, o preço a pagar e uma observação: se alguém estiver interessado em comparecer à festa mas, por um acaso, não conhecer o (a) aniversariante e sim um de seus amigos (as), basta enviar uma mensagem eletrônica para um certo endereço e pedir para que seu nome e sobrenome sejam colocados na lista em poder de funcionários do bar ou boate responsáveis pela entrada e saída de freqüentadores. Na verdade, não é preciso, nem mesmo, ser amigo do amigo do (a) aniversariante, mas a vontade de comparecer a um evento “judaico” com alguma probabilidade de encontrar um amigo ou conhecido e manter laços de solidariedade com a comunidade judaica.

Conversando com a organizadora de uma “Festa de Halloween” para a juventude judaica, constatei que o uso de e-mails é o meio mais comum de divulgar atividades, e o mais rápido. Ela utilizou um cadastro de endereços eletrônicos para onde eram enviados “folders” avisando da programação e, caso se descobrisse que o dono do endereço não era judeu, sumariamente excluía-o da listagem. Na entrada da casa onde a

festa foi realizada, de propriedade da organizadora, havia uma fila para o preenchimento, voluntário, de uma ficha que acabava denunciando algum “intruso”. Uma colega sua, que também ajudou na organização, conta o que se passou quando um amigo seu teve a identidade social desmascarada:

“Ele falou (o pai da amiga, dono da casa) que a gente poderia fazer a festa na casa dele, mas só se fosse pra judeu, ele é paranóico com isso. A intenção era ser só pra comunidade judaica porque ele só permitiu que a festa fosse lá se fosse pra comunidade judaica. A idéia que eu tive era chamar os amigos, cada um chama seus amigos, vende os convites e todo mundo se diverte (...). Mas a intenção era ‘ó, a festa é de judeu, não é pra chamar goy (não-judeu)’. Eu acho isso péssimo, eu acho isso lamentável. Eu levei um amigo meu, francês, que tava aqui e levei feliz, começaram a reclamar e eu pensei ‘ah! Dane-se, não tô nem aí’. Meus amigos reclamaram porque eu levei um ‘goy’. E aí, o quê que aconteceu ? Com essa história de a festa ser só pra judeu, só foi ‘prego’ nas festa” (I., advogada)

Há, ainda, uma outra maneira de assegurar a homogeneidade dos frequentadores. Muitas vezes, os organizadores do evento delegam a terceiros o direito de vender convites ou distribuí-los, quando a entrada é franca. A autoridade concedida se baseia na confiança, na certeza de que não serão chamadas pessoas que não pertençam à comunidade judaica jovem. É possível pensarmos em duas possibilidades que permitam a normalidade da atividade: o fato da pessoa ser filha de mãe judia e/ou o sobrenome. A divulgação da “Noite da Pizza” esclarece esta idéia.

Era uma segunda-feira à noite e o local foi fechado para o evento. Na porta de entrada, ao entregar o convite comprado antecipadamente, que custou R\$10,00 e dava direito a uma pizza “brotinho” (individual e preparada de acordo com os preceitos da “kashrut”, as regras alimentares da religião judaica) muzzarella e bebida à vontade a noite toda (cerveja e refrigerante), recebi a propaganda da festa de Pré-Reveillón que aconteceria no sábado seguinte no Clube da Barra (clube judaico na Barra da Tijuca) juntamente com o lançamento da revista “Messibá” (“festa”, em hebraico), uma espécie de “Caras” da comunidade judaica, especializada em fofocas e notícias nos moldes das colunas sociais dos jornais, com dezenas de fotos. Como é possível garantir que todos ali dentro da pizzaria sejam judeus ? Um dos rabinos opina:

“Garantir 100% a gente não pode. Mas, sendo que os convites eram vendidos oficialmente somente antes, e as pessoas que vendiam os convites vendiam pra pessoas que elas conheciam...ou, se não conhecia, dava-se um jeito de descobrir se a pessoa era judeu (sic) ou não. Dessa forma, a gente pode descobrir quem era, só quem era judeu e, na porta, só vendiam pra pessoas que o pessoal conhecia que era judeu. (...) Com certeza 99% que tavam lá eram judeus” (Rabino C., do Lubavitch)

As pessoas presentes não têm obrigação de conhecer todos os outros, apesar de ser muito comum aquilo que chamo de “amizade por transferência”, quando se é “amigo do amigo”. Ocorre, no entanto, que há pessoas que são inteiramente desconhecidas tanto direta quanto indiretamente. Uma das estratégias utilizadas para se descobrir se o “outro” é, na verdade, um dos “nossos” é a aproximação através da conversa, como parece ter ocorrido no caso da moça que levou o amigo francês, que bem poderia ser judeu. Quando a abordagem é feita de modo cuidadoso, é provável que, durante a interação surjam, voluntária ou involuntariamente, assuntos relacionados à comunidade judaica. É neste momento que o pretense intruso, se não estiver completamente familiarizado com o arsenal de gestos, expressões e linguagem comunitários pode se trair e ser descoberto, gerando um certo mal-estar para ambas as partes¹³. Sem a interação social, mesmo que à distância e sob o olhar fixo e analisador, não é possível descobrir se tal jovem é ou não judeu.

Em maio de ano 2001 fui convidado, juntamente com minha irmã, para a festa de aniversário de um jovem bastante ativo dentro da comunidade judaica carioca, membro do grupo Kadima e organizador de festas e viagens para a juventude. A boate, localizada em Ipanema, foi fechada exclusivamente para a festa, dividida ainda com uma amiga, numa quarta-feira à noite. À tarde, quando encontrei-o para a entrevista, me disse que havia convidado cerca de mil pessoas. Me entregou dois convites, para mim e minha irmã, e outros tantos para que ela entregasse a amigos em comum. Na porta da boate, perto da meia-noite, uma pequena fila se formou e a entrada só era permitida mediante a apresentação do convite VIP, que isentava do pagamento da entrada e da consumação mínima. Enquanto esperava na fila, conversava com um ex-colega do Eliezer, que não via há anos, e que estava acompanhado de vários amigos. Dentro da boate acabamos nos separando mas, a certa altura, nos “esbarramos” novamente e, surpreso, disse não conhecer

¹³ Goffman, Erving *A representação do eu na vida cotidiana*, RJ, 2001[1975]

metade das pessoas que ali estavam. Existe a expectativa de que se reconheça, ao menos, a maioria dos presentes.

Meses antes, fui convidado para um jantar na casa de um dos frequentadores do Lubavitch, que me conheceu lá mesmo. Cheguei ao apartamento por volta das 21:30 de uma sexta-feira, dia do “shabat”, quando se realiza um jantar para celebrar a união de Deus e o povo judeu com rezas do pão e do vinho (feitas pelo homem) e acendimento das velas (feito pela mulher). O rapaz me introduziu a seus pais e, aí, se iniciou um pequeno interrogatório feito por sua mãe, querendo saber meu nome e meu sobrenome. Não reconhecendo meu sobrenome, perguntou se minha família era do Rio de Janeiro, dando a entender que, na comunidade judaica carioca, bem ou mal, todas as famílias se conhecem ao menos de nome (ou sobrenome...). Disse-lhes que meu avô, David Markus, havia sido dono de um semanário editado em língua ídiche, chamado “Imprensa Israelita”, o que não ajudou a sua memória.

Neste momento, o pai chamou para o “kidush”, a reza do vinho. Todos fiamos de pé, ele na cabeceira da mesa e, após dizermos “amém”, nos beijamos e trocamos apertos de mão desejando “shabat shalom”. Por ser uma família de origem sefaradita, como me explicou sua mãe (judeus oriundos da Península Ibérica e norte da África), havia pratos típicos desta vertente do judaísmo, com forte influência árabe, como beringela recheada. O sincretismo culinário se realizava com um excelente caldo de feijão e arroz, comidos com colher. Ao ser convidado para a mesa de jantar e compartilhar o alimento abençoado por Deus e exclusivo, naquele momento, apenas aos que fazem parte do grupo, fui incorporado à família judaica. O fato de ter um sobrenome reconhecido como judaico e ter conhecimento de assuntos ligados ao judaísmo (as origens geográficas de ‘ashquenazim’ e ‘sefaradim’, por exemplo), em conjunto, me introduziram nas relações sociais que, quem sabe, um dia possa vir a precisar.

A troca de informação social, que ajuda a construir uma certa imagem que se quer passar aos outros, é fundamental na definição do tipo de relação que vai se desenrolar. Perguntados sobre o quê caracteriza uma festa ou “Noite da Pizza” enquanto uma atividade especificamente judaica, se não há nenhum símbolo aparente que expresse esta condição, o nome (e sobrenome) e a simples pretensão de que todos que estão ali sejam judeus são

mecanismos de identificação com grande eficácia simbólica. Alguns jovens dizem o seguinte:

“A única maneira dele (o menino não-judeu que foi à festa) descobrir é se ele ver (sic) alguma revista ou algum cartaz, ou se ele chegar numa menina e a menina falar ‘qual o teu sobrenome?’, ‘você é filho de quem?’. É a única maneira de descobrir, se não você não vai descobrir. Porque as meninas que vão na festa da comunidade, normalmente querem se relacionar com judeu, aí elas perguntam o sobrenome pra saber se ele é judeu ou não. Os meninos também têm uma preferência pra ‘ficar’ com judias, é uma formação de mãe. Mas, nem os meninos nem as meninas vão se incomodar de ‘ficar’ com um ‘goy’, mas namorar têm muitos que têm ressalvas” (Z., empresário)

“Pra algumas pessoas, você é judeu porque você tem um sobrenome complicado e porque você pertence a uma classe social x. Então, têm um bando de patricinhas e mauricinhos e que têm em comum...sei lá o que eles têm em comum. Eles se freqüentam mais pela questão do ‘social’ mesmo, e de ‘ficar’ e de sair. Eu acho que, na Cobal (do Leblon), domingo à noite, tem muito isso, vai porque vai, vai se mostrar, vai mostrar o corpinho sarado da academia como...normal isso, não só na comunidade judaica” (M., historiadora)

“Um monte de gente com sobrenome complicado. Eu acho que seria um barato fazer uma festa temática, mas pra comunidade não ia (“dar IBOPE”). Não, acho que não, se for bem feito e se for um trabalho legal...mas tem que ter o apelo social também, você vai tá encontrando aquelas pessoas. Eu acho que não faria mal nenhum ter algum conteúdo, entendeu?” (Idem)

Ter o corpo “sarado” não é uma característica específica judaica, mas faz parte de uma cultura do corpo que perpassa a juventude carioca como um todo, incluindo os jovens judeus (moças e rapazes). O “sobrenome complicado”, então, passa a ser um meio de classificar o ambiente enquanto judaico, separando socialmente um grupo de indivíduos que estão fisicamente misturados com outros jovens não-judeus (a Cobal do Leblon é um complexo de bares ao ar livre, cujas mesas são colocadas umas ao lado das outras). Para dois rabinos do Lubavitch, comentando sobre a “judeidade” da “Noite da Pizza”, o fato daqueles jovens estarem lá já é condição suficiente para definir o evento:

“Tendo 500 jovens num ambiente, é a coisa mais judaico (sic) no mundo (...). A pessoa se sente em casa, a pessoa sente que existe um grupo na volta dele, não tá sozinha. Essa dúvidas que

podem passar na cabeça na faculdade, quando se senta junto com 500 pessoas iguais a ele, isso dá uma força pra eles” (Rabino G.)

“Ele não ia saber (que a festa era para a juventude judaica, o não-judeu). O objetivo daquela festa não é (sic) um objetivo como outros tipos de festa. Cada atividade tem seu objetivo. Uma aula, o objetivo é que as pessoas recebam conteúdo que está sendo passado na aula, uma festa de Purim (quando os judeus comemoram a salvação da morte, pela descoberta dos planos de Haman, ministro do rei Assuero, da Pérsia) e que as pessoas recebam o conteúdo de Purim, da alegria de Purim. A festa de Pessach é que as pessoas recebam o conteúdo da saída do pessoal do Egito, que façam a ‘mitzvá’ (mandamento divino) de comer ‘matzá’ (pão ázimo), também o vinho, o ‘maror’ (raiz forte) etc. Aquele que fizeram no Gattopardo, a pizza, o objetivo era completamente um só: que rapazes judeus se encontrem com moças judias...Quer dizer, não é outro conteúdo, que eles estudassem, recebessem folhetos de estudo, quer dizer, se pode fazer isso à parte, pro lado (...), mas o objetivo daquilo não eram outras coisas, sim o único objetivo era que rapazes judeus se encontrassem com moças judias e que saíssem disso namoros, casamentos etc. Sendo que, hoje em dia, há muita assimilação e a gente temos (sic) que lutar contra isso” (Rabino C.)

O “ser sangue do meu sangue” tem um sentido de continuidade em relação ao passado, de manutenção de uma identidade importante na definição do seu próprio “eu”. A imagem deste “eu” é refletida naquele que não se identifica “comigo”. O “outro” não partilha de um passado em comum, de uma história em comum, sua memória é diferente da “minha”. O corpo do não-judeu, cujo um dos símbolos é o sobrenome “sujo”, desafia certos princípios que norteiam a construção das fronteiras sociais. Porém, nem sempre o nome é fonte de reconhecimento mútuo.

“Existe uma pretensão dos pais, pode ser dos meus como pode ser dos seus, de que, se você estiver saindo com um judeu, a impressão que se dá é como se conhecesse o passado da pessoa e que a pessoa provavelmente é gente boa. Tem uma certa parcela da galera que acha que, se você for numa festa e você conhecer um judeu interessante, o que é muito raro, esse judeu vai ser gente boa pelo simples fato dele ser judeu. Eu acho isso um equívoco. Eu, pessoalmente, trabalho num escritório de advocacia onde a maioria dos clientes são judeus e não é possível que todo mundo tá cometendo uma injustiça processando judeus. Isso é uma ficção, o fato de você achar que, saindo com um judeu, a pessoa é bom caráter, é honesta” (I., advogada)

Freqüentar ambientes judaicos, ver e ser visto, reconhecer e ser reconhecido como parte integrante da comunidade também rende frutos profissionalmente. Ser judeu é

ser “de confiança”, é ser parte de uma família. Além disso, podemos lembrar que a identidade judaica que se desenvolveu no Brasil, calcada na idéia de um povo culto e inteligente (Grun,1997), contribui para que o profissional judeu possua uma aura de competência que pode ou não ser comprovada. O poder simbólico, é claro, só existe na representação, na concretização de uma ação ganha na justiça, um artigo publicado num jornal de circulação nacional ou uma cirurgia bem sucedida. “Fazer o nome” é, acima de tudo, ser capaz de passar uma imagem de competência e confiança¹⁴.

“Nenhum desses veículos (de comunicação comunitários) eu recebo nada. Pra mim é cômodo porque eu faço o que eu gosto e, embora eu não receba em grana, eu faço o meu nome seja em comunidade seja em jornalismo. Eu quero trabalhar na área, e se eu puder juntar tudo...” (M., estudante de jornalismo)

“(Minha família é) assimilada no sentido que...o que acontece comigo, especificamente, é que a família é mais brasileira do que tudo. Eu escolhi a minha opção religiosa e a minha opção de identidade, meu pai é brasileiro típico, tem sangue negro, índio, vem de Campos. Minha mãe, apesar de judia, se identifica com o espiritismo, judaísmo pra ela parece uma coisa profissional. Ela lida profissionalmente com muitas pessoas da comunidade mas, pessoalmente pra ela, não significa absolutamente nada. Ela lida profissionalmente, ela é corretora de imóveis, com várias pessoas da comunidade, eu acho que isso existe muito. Essa coisa profissional mesmo, as pessoas não terem muita identidade, por conta das atividades profissionais...não sei, tô viajando” (M., historiadora)

“As pessoas não freqüentam o mesmo lugar, é muito espalhado. Eu acho importante você ter, sempre, contato com pessoas da comunidade, de conviver, não precisa ser melhor amigo mas eu acho que tem que tá sempre revendo, não sei. Primeiro, porque eu acho que, profissionalmente, pode ajudar, acaba ajudando muita gente. Tipo, você conhece não sei quem, aí entra, é judeu e tal ou, então, ‘ah! A Bianca é uma boa médica’ aí fica falada na comunidade. Não que eu esteja preocupada com isso agora, mas acho que isso também conta” (B., estudante de medicina)

A ajuda mútua, na forma de prestações de serviços mesmo que remunerados, também faz parte da série de direitos e obrigações do “ser judeu”. Certa vez, dois jovens comerciantes judeus conversavam sobre problemas com a justiça. O primeiro pediu ajuda ao segundo, contando que uma cliente sua o havia processado por depositar um cheque

¹⁴ Bourdieu, Pierre “A representação política: elementos para uma teoria do campo político” in *O poder simbólico*, RJ, Bertrand Brasil, 2000

antes da data prevista, incidentalmente. Uma primeira solução seria um acordo no qual a cliente lesada teria direito a uma quantia determinada trocada por produtos da loja (no ramo de roupas). Uma segunda idéia era a alegação de que a loja estava em processo de falência. No fim das contas, o segundo comerciante, que também andava com problemas na justiça, recomendou advogados que seu pai havia conseguido, ligados a uma conhecida loja de propriedade de um judeu. Os advogados, portanto, seriam confiáveis. Uma segunda possibilidade de ajuda mútua ocorre quando a relação profissional se converte em relação pessoal.

“Quando tu paga o negócio, não é por favor, quando tu não conhece a pessoa, quando a relação é profissional, tu pode cobrar mais (empenho). Eu acho que tem gente que não consegue diferenciar não (ser judeu e profissional), tu vai pedir um desconto e o cara vai falar ‘pô! Não vai dar’ e tu vai acabar ficando puto porque ele é teu amigo, entendeu ? Se for judeu, amigo de infância. Comunidade, as pessoas vivem nisso, ‘pô! Vou fazer com fulano porque ele é judeu’. Eu acho que é uma redoma, não sai desse mundo” (R., estudante de jornalismo)

A maioria dos jovens entrevistados parece encarar a comunidade judaica do Rio de Janeiro como um “clã”. Seus membros compartilhariam um passado e origem em comum e casam, por isso, endogamicamente. Este clã, por sua vez, estaria dividido em inúmeras “linhagens”, que se diferenciariam pelo sobrenome e casariam exogamicamente, mas sempre dentro do clã. Há, porém, uma peculiaridade que exerce bastante influência na negociação da identidade que se quer utilizar em alguma situação de interação. Pelas leis religiosas, só é judeu (ia) aquele (a) que for filho (a) de mãe judia (o princípio da matrilinearidade), mas a família judaica é regida por princípios patriarcais. Somente o homem, de acordo com a tradição tradicional¹⁵, pode tocar o Armário Sagrado; é o homem que senta na cabeceira da mesa no momento da reza; homens e mulheres sentam-se separados na sinagoga ortodoxa pois crê-se que a mulher exerce atração física, aguça os instintos mais animais dos homens, revelando sua maior proximidade com a esfera natureza, ao contrário do homem, mais próximo da esfera da cultura; apesar da judeidade ser passada pelo ventre materno, o sobrenome utilizado é o do pai que, por sua vez, herdou o do avô e assim por diante.

¹⁵ “Entrevista com Anthony Giddens” in *Estudos Históricos*, RJ, vol.8, n.16, 1995, pp.291-305

O interessante nesta relação entre matrilinearidade e patriarcalismo é que, pelo fato de a endogamia não ser mais unanimidade entre os jovens (e a comunidade judaica em geral), a exibição de um sobrenome “típico” deixa de ser garantia de “pureza” étnica, segundo a tradição religiosa. Prevalece, então, a negociação da identidade na interação social, o seu caráter “aparente”, relativizando a influência da religião na definição da judeidade. Para a sociabilidade juvenil, a “aparência”, e não a “essência”, (usando os termos de um rabino da Beit Lubavitch) adquire maior importância. Assim, em certas ocasiões a exibição de um sobrenome pode desacreditar a imagem que um jovem deseja passar¹⁶, mesmo que filho de mãe judia, ao passo que, em outras, ele é fonte de legitimação, apesar da mãe não ser judia. Dois exemplos revelam como se dá o processo de identificação/estranhamento próprios de situações ambíguas:

“Eu só sou judeu por parte de pai, meu pai é judeu e minha mãe não. Aí, você vai perguntar ‘seu pai é judeu é você tem o último nome que não é judeu?’, né. Meu pai só é filho de mãe judia, a minha avó, que se chamava Maria Weisman, se casou com o meu avô, que não é judeu, que se chama Alfredo Moraes. E meu pai só tem o sobrenome e, por conseqüência, eu e minha irmã só temos o sobrenome do meu avô. Desde os meus quinze anos, que eu fui morar nos EUA com os meus tios, que eu voltei, que eu queria escolher faculdade, me conscientizando de que eu tava crescendo e queria decidir a minha vida. Isso sempre foi uma coisa que me incomodava ‘pô! Não sou católico mas eu não sou judeu oficialmente, eu quero optar, estudar’ (M., estudante de jornalismo)

“Têm várias pessoas que freqüentam que eu acho que...não sei se são convertidas ou se só o pai...Eu me converti, eu não nasci judia, isso eu não contei (antes) exatamente por isso, porque existe o preconceito. Eu descobri isso com quinze anos (...) Eu fui do Lar (das crianças), eu acho que me aceitaram pelo meu avô, a minha avó eu nunca vi nada judaico mas nada não-judaico nela, sempre foi uma pessoa apagada e eu cresci achando que, já que eu fazia parte e era feita daquela cultura, era a minha. Fui pra Israel, prum colégio religioso, fui ficando muito religiosa, e aí quis ir pra “ulpena” (ieshivá” ou escola talmúdica para mulheres) e pedi pra minha mãe a “ketubá” (contrato nupcial) dos meus avós, já que eu sabia que minha mãe nunca tinha casado. Ela me mandou uma carta com firma reconhecida, na qual ela e o meu pai permitiam que eu me convertesse, ela não me contou nada e eu entrei em crise existencial. Pra ela, o judaísmo...de certa forma, a comunidade judaica ajudou ela a criar uma filha em condições que ela jamais teria, crescendo no Lar, tendo uma boa educação, nunca me faltou nada. Ela, pensando como mãe...E aí, eu fui pro “Beit Din”, que é o Tribunal dos Rabinos, fui sabatinada, fizeram boa parte das perguntas que precisam ser feitas: ‘se um não-judeu te abordasse...’ (..) e aí eu fui aceita e fui pro “mikve” (banho ritual),

¹⁶ Goffman, Erving *Estigma*, RJ, Guanabara, 1988[1963]

que são as três mergulhadinhas. O meu “madrich” (guia, no movimento juvenil), depois, me deu a mão e disse ‘você nasceu de novo’. Eu fiquei completamente ultrajada, afinal de contas eu tinha me convertido para a minha religião. Pra mim, foi uma coisa ‘é isso que eu preciso ? é isso que vai te fazer feliz ?’, foi uma formalidade. É uma coisa muito pessoal” (M., historiadora)

A conversão serve, nos dois casos, como um último recurso no caso de a identidade social, judaica, que se queira compartilhar com os outros, seja posta em dúvida ou simplesmente negada. Se isto ocorre, o jovem desacreditado não será reconhecido como um igual e não terá direito moral de exigir tratamento digno de um representante do grupo. No primeiro caso, a possibilidade de desmascaramento é maior porque o sobrenome é “sujo”. A herança do nome do avô paterno se deve, também, às origens lusitanas desta parte da família, marcada pela tradição patriarcal. É interessante notar que o pai do jovem era judeu, apesar do sobrenome. No segundo caso, a moça utilizou o sobrenome do avô, herdado pela mãe, ocultando o de seu pai, que acabaria por denunciá-la, desafiando a pureza identitária. Sua trajetória judaica não parece ter sofrido nenhum revés, já que sua aceitação no Lar foi possível pela utilização do sobrenome do avô (o próprio estigma de ser parte de uma instituição voltada para órfãos ou crianças com problemas familiares não atrapalhou na sua socialização judaica, segundo conta), teve educação judaica como qualquer outra criança e, apenas no final da adolescência o problema surgiu.

Nenhum dos dois disse ter sofrido discriminação no interior da comunidade judaica pelo fato de serem convertidos, ou mesmo antes da conversão. No terreno das hipóteses, é mais provável que a moça pudesse negociar mais facilmente sua identidade judaica, quando e se necessário, por ignorar, até os quinze anos, as origens não-judaicas da mãe. A descoberta tardia foi tão dramática, que surgiram reportagens em Israel (ela estava lá quando soube) contando a experiência de afirmação/negação da identidade étnica. A expressão “nascer de novo”, usada por um amigo, revela a importância do rito de passagem para a aceitação do indivíduo na vida social (e religiosa, neste caso) da comunidade judaica. As “três mergulhadinhas”, ainda que marcas não-indelévels, imprimem no corpo a marca do grupo. O corpo funciona como a própria memória, e o rito de iniciação fornece sinais de um destino, a partir de agora (ou desde sempre, se a verdade foi apenas revelada tardiamente), comum a todos os outros membros pois são herdeiros de um mesmo passado.

Tanto os ritos de passagem, como a circuncisão ou o banho ritual feminino, quantos os ritos de reforço, como as festas promovidas para a juventude judaica, teriam o mesmo objetivo: manter os laços de solidariedade que unem aqueles que compartilham uma certa identidade. Seja incorporando novos adeptos, seja reafirmando-a no caso dos que dela já participem.

“Sois um dos nossos. Cada um de vós é semelhante a nós, cada um de vós e semelhante aos outros. Tendes o mesmo *nome* e não o trocareis. Cada um de vós ocupa, entre nós, o mesmo espaço e o mesmo lugar: conservá-lo-eis. Nenhum de vós nos é inferior, nem superior. E não vos podereis esquecer disso. As mesmas marcas que deixamos sobre o vosso corpo, vos servirão sempre como uma lembrança disso”¹⁷ (grifo meu)

A relação importante a ser considerada aqui é entre nome e endogamia. A exibição de um sobrenome considerado típico judaico, hoje em dia, já não é garantia de “autenticidade” étnica, segundo a tradição religiosa. No período em que nascia-se e morria-se dentro de seu grupo, seguindo princípios estamentais, ambos os cônjuges descendiam de ventres tidos por “puros”. O “problema” da ambigüidade surge a partir do momento em que a igualdade de direitos, ao menos na teoria, e a liberdade de escolha permitem a união matrimonial envolvendo membros de grupos distintos (judeus e não-judeus, por exemplo). O processo de secularização da religião por parte destes jovens, adaptando-a a seu estilo de vida moderno e urbano, ajuda-nos a entender a importância do sobrenome (paterno) na definição de quem é e quem não é judeu. A matrilinearidade, então, nem sempre é o primeiro ponto a ser considerado numa conversa sobre a “judeidade” dos envolvidos.

Capítulo 2- A sinagoga

A sinagoga é uma das instituições mais importantes da vida comunitária judaica, sempre foi um espaço de convivência. Lá, amigos se encontravam (e se encontram) para bater papo e fechar negócios no comércio, para discutir o casamento dos filhos e para apresentar problemas pessoais para os rabinos. O surgimento da sinagoga confunde-se com a história do povo judeu e suas tragédias.

Conta a tradição religiosa que Moisés, um homem abençoado por Deus, liderou o povo judeu na fuga da escravidão do Egito. Num certo momento da caminhada pelo deserto, Ele entregou as Tábuas da Lei juntamente com uma série de determinações de caráter moral que, juntas, ficaram conhecidas como Fé Mosaica. A caminhada pelo deserto demorou cerca de quarenta anos, “culpa” dos próprios judeus, que se recusaram a lutar com as outras tribos que, na época, habitavam o que hoje é Israel. Todos os anos a saída do Egito é comemorada com uma festa, Pessach, a Festa da Libertação, a Páscoa Judaica, quando os judeus comem o pão ázimo e lêem a Hagadá, um relato da jornada empreendida pelos antepassados.

Quando, finalmente, o povo entrou na Terra Prometida e expulsou os “intrusos”, instituiu-se a monarquia como forma de governo. O primeiro rei foi Saul, sucedido por David, a quem se deve a consolidação das fronteiras do reino e estabelecendo Jerusalém como a sua capital. Após o reinado de David, Salomão assume o trono e constrói o Templo de Jerusalém, importando cedro do Líbano e marfim da África¹⁸. Diz-se que durante seu governo o reino de Israel viveu grande prosperidade econômica, e que ele era um homem muito inteligente e justo.

O Templo antecedeu a sinagoga. Era o edifício central para o culto divino em Israel até o ano 70 d.c. situado no monte Moriah, em Jerusalém, e consistia de um altar para a Arca Sagrada (dentro da qual se coloca as escrituras sagradas), os vasos sagrados e as oferendas, além de um pátio para os fiéis¹⁹. Os sacerdotes eram os responsáveis pelos

¹⁷ Clastres, Pierre *A sociedade contra o Estado*, RJ, Francisco Alves, 1978, p.129

¹⁸ Seliar, Moacyr *Judaísmo*, RJ, Ática, 1994

¹⁹ *Enciclopédia Conhecimento Judaico*, RJ, Editora Tradição, 1967, vol.3

sacrifícios, pela supervisão da “pureza higiênica” e pela passagem da Fé Mosaica ao povo judeu. A hierarquia colocava o Sumo sacerdote no topo, sendo auxiliado por outros considerados sábios e mesmo profetas. Devido a conflitos internos, o reino foi dividido em dois, o de Judá, ao sul, e o de Israel, ao norte e, cercados pelas grandes potências da época, logo sucumbiram ao seu poderio econômico-militar. Foi no domínio babilônio, iniciado no ano 597 a.c, marcado pelo exílio do povo judeu, que aconteceu a destruição do Templo erigido nos tempos de Salomão. No ano de 536 a.c, Ciro, rei da Pérsia, que sucedeu os babilônios, permitiu que o Templo fosse novamente construído e consagrado mas tempos depois, quando os romanos conquistaram o território, encabeçados por Antíoco, o Segundo Templo foi semi-destruído sobrando apenas um muro que circundava o edifício (é o Muro das Lamentações). Apesar de alguns grupos de guerrilhas judaicas, cujo mais conhecido foi o dos macabeus, tentarem impedir a helenização forçada do povo, pouco depois todas as rebeliões foram sufocadas, Jerusalém foi destruída e a fase diaspórica tem início por volta do século I a.c. Também nesta época a sinagoga ganha grande importância para a vida religiosa e espiritual dos judeus.

A sinagoga pode ser definida como o espaço para orações públicas dos judeus, onde se reza, estuda e participa-se de reuniões sociais. Há indícios de que a sinagoga existe desde o exílio da Babilônia, quando o Templo deixou de ser o local para o culto a Deus. Na sinagoga, no entanto, não se realizam sacrifícios animais, apenas “espirituais”, através da elevação das almas nas orações e, em cada uma delas, há um Armário Sagrado onde estão guardados alguns rolos da Torá, o Pentateuco. A autoridade religiosa responsável pelo serviço religioso é o rabino que, em hebraico, significa “meu mestre”. O rabino era um erudito da lei, um espécie de professor autorizado pelo Sinédrio, o conselho de 71 eruditos que funcionava como Supremo Tribunal e desaparecido por volta do século IV d.c. Ao longo da história judaica, homens de grande sabedoria e líderes espirituais eram chamados de “rabinos” e, nos tempos modernos, ele serve à congregação da qual faz parte, realizando os sermões e discursos nas cerimônias (como veremos adiante).

A maior ou menor notoriedade e legitimidade de cada rabino vai depender do poder simbólico exercido pela corrente da qual participa. Quanto mais influente ela é na determinação do que é a religião judaica e, mais ainda, do que é a identidade judaica na

medida em que, para os religiosos e mesmo para muitos destes jovens laicos, o judaísmo está bem próximo de uma definição religiosa, maiores as chances da sua sinagoga receber grande quantidade de fiéis nas cerimônias mais cotidianas, como o “shabat”, o início do descanso semanal ordenado por Deus. A frequência da maioria dos entrevistados à uma sinagoga cuja corrente é ortodoxa, apesar de não-religiosos, revela um dos paradoxos da constituição desta judeidade juvenil. Diferentemente do que coloca Lewin²⁰, a sinagoga passa a ser um novo espaço de sociabilidade judaica atraindo, não apenas nas festividades mais tradicionais, tanto jovens religiosos quanto não-religiosos. A análise da preferência desta ou daquela sinagoga está diretamente relacionada ao modo como encaram seu pertencimento à etnia judaica, o que esperam de cada uma das correntes religiosas para o preenchimento do “sentir-se judeu”.

1. As correntes religiosas

As modificações ocorridas no modo de conceber a religião judaica estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento da racionalidade e da secularização da sociedade, conseqüência do Iluminismo. Os judeus, parte integrante deste processo, realizaram sua própria emancipação, incorporando-se à sociedade moderna ocidental seja abandonando sua condição judaica e assimilando-se às culturas nacionais recém-nascidas ou incorporando valores modernos e universalistas à Tradição, transformando-a. Este foi o caso dos judeus alemães, que fundaram o chamado judaísmo reformista. A Alemanha foi o berço da *Haskalá*, o Iluminismo Judaico, e a religião vislumbrada pelos judeus alemães era parte constituinte do processo de modernização da sociedade, o objetivo era adequar o discurso religioso aos valores universalistas que passaram a vigorar na Europa Ocidental. A Tradição foi englobada pela Modernidade.

O impacto da cultura ocidental no serviço religioso dos alemães se expressa pelo fim de certos “orientalismos” que insistiam em aparecer, como o canto nasalado, as conversas paralelas nas galerias femininas (homens e mulheres, pela Tradição, devem sentar separados) e a falta de decoro. A reza, inclusive, passa a ser feita na língua vernacular, em alemão. Os discípulos do iluminismo queriam eliminar do judaísmo o que

²⁰ Lewin, Helena “O olhar do jovem sobre sua identidade judaica” in Lewin, Helena(org) *Judaísmo: memória*

consideravam “anacronismos talmúdicos” (o Talmud é a interpretação do Pentateuco), incorporando influências seculares modernas. As práticas judaicas associadas a estes anacronismos eram a circuncisão, o “shabat” e a reza em hebraico. A simplificação e modernização do judaísmo sofreram influência decisiva da reforma protestante, em curso na Europa, que abolia, ou pelo menos relativizava, a autoridade do rabino, separava o Estado da religião e permitia o uso da língua local nas cerimônias, além da permissão de homens e mulheres sentarem juntos. Muitos judeus alemães que aderiram ao movimento Reformista declararam lealdade ao governo e aboliram rezas em louvor a Jerusalém, símbolo do nacionalismo religioso e, mais tarde, secular. Para estes judeus “Stuttgart é nossa Jerusalém”²¹.

A perspectiva científica e histórica revolucionou o judaísmo. De um lado, a História legitimava o passado, a tradição e o cerimonialismo e, de outro, desafiava a tradição com a noção de “evolução”. Os Reformistas utilizaram a História para modificar certas cerimônias, encaradas como resquícios e vícios de tempos bárbaros e primitivos. O Reformismo migrou para os EUA quando para lá rumaram os judeus alemães. Nos EUA, até a década de 1840, na época anterior à Guerra Civil, não havia líderes comunitários laicos, e quem se encarregava do culto e de definições oficiais eram cantores e professores. Na esteira da rebelião protestante contra a tradição católica do sul escravocrata, o judaísmo Reformista floresceu. Instituiu-se o decoro, a reza passou a ser feita em inglês e a manutenção da identidade passou a depender menos da tradição do que da evolução necessária às práticas religiosas. Livres de questões doutrinárias e litúrgicas, os Reformistas concentravam-se na justiça social, embasados pela “ética profética”, e os rabinos passaram a ser os campeões de causas humanitárias, incorporando responsabilidades “proféticas” enquanto reformadores sociais.

O declínio do Reformismo se deveu, principalmente, pela não-adaptação dos imigrantes da Europa Oriental, escorados pela tradição rabínica, aos ideais iluministas trazidos pelos judeus alemães no fim do século XIX e início do XX. Foi este vácuo que criou as condições necessárias para o surgimento de um judaísmo tipicamente norte-

e identidade vol.II, RJ, EDUERJ, 1997

²¹ Sachar, Howard M. “The impact of western culture on jewish life”, “The rise of jewish life in the new world”, “The growth of the American-Jewish community” in *The course of modern jewish history*, NY, Vintage Books, 1990

americano e que, depois, se espalhou por outros cantos do mundo, o judaísmo conservador. O conservadorismo faz a ligação entre uma base social de imigrantes que vêm com uma formação religiosa tradicional e a sociedade norte-americana liberal, moderna.

Esta nova corrente acreditava que era preciso aliar a razão, base do reformismo, e a tradição, escorada pelo ritual, a evolução histórica e o literalismo. Seu fundador, Zecharia Fraenkel, percebeu que o judaísmo não era um “credo em processo de evolução” mas era a “religião dos judeus”. Com isso, ele quis dizer que o judaísmo é o produto histórico da Nação Judaica e o hebraico é o veículo que exprime a natureza última do serviço religioso. Foi uma interpretação específica dos textos bíblicos e sua continuidade através da História que legitimou a Tradição. A continuidade histórica acabou reforçando o ritual, a utilização do hebraico, as rezas diárias e o consumo de comida “kosher”, preparada segundo os preceitos religiosos da alimentação. O judaísmo conservador ou “histórico-positivo”, como preferiam chamá-lo, não era tão radical quanto o reformista nem tão “atávico” quanto o ortodoxo, ele fortalecia a religião utilizando argumentos modernos, legitimando seu discurso pela história, pela razão. Enquanto o reformista queria se incorporar a modernidade, o conservador queria incorporar a modernidade ao judaísmo, o primeiro enfatizava o caráter moderno do judaísmo ao passo que o segundo enfatiza o caráter judaico da modernidade. Exemplo disso é o depoimento de uma jovem frequentadora da sinagoga do rabino Nilton Bonder, conservador:

“O Bonder, outro dia, tava falando da questão do ‘hardware’ e do ‘software’. Tem muita gente que vai sexta-feira no shabat, jejua no Yom Kipur (Dia do Perdão) e, pra ele, é judaísmo. Não pra mim ficou, principalmente, os princípios, a ética (...). Não falar mal, ter princípios, ser a mais boa possível, entendeu ? Pra mim, isso chegou através do judaísmo. É óbvio que em todas as culturas tem, de certa forma, esses princípios, são pregados mas, pra mim, me foi através de exemplos da história judaica. Pra mim, é de certa forma o ‘hardware’” (M., historiadora)

No extremo oposto destas duas correntes que dialogavam com a Modernidade, surge um movimento que pretendia acabar com a influência “perniciosa” dos valores modernos sobre a tradição religiosa judaica. Este movimento fundamentalista se chamou “chassidismo”²² (em hebraico, “devoção”). Foi fundado por Israel Baal Shem Tov (Baal Shem Tov significa “mestre do bom nome”) em meados do século XVIII, provavelmente na Ucrânia, e o sucesso alcançado desde o seu início se deve razões sociais

e religiosas. As idéias revolucionárias do Iluminismo ainda não haviam chegado neste canto do planeta, mas já ameaçava as estruturas tradicionais da comunidade judaica.

Além de serem perseguidos e discriminados constantemente, os judeus da Europa Oriental (principalmente na Polônia, Ucrânia, Lituânia, Romênia e Eslováquia) viviam na extrema miséria e privados, na maioria dos casos, do acesso à educação formal. Com relação à vida no interior da comunidade judaica, percebia-se que as orações estavam se tornando cada vez mais ritualísticas e a diminuição do conteúdo moral e emocional excluía grande parte da população das cerimônias. O movimento “chassídico” foi uma alternativa para a massa miserável na medida em que propunha subordinar a “razão” dos eruditos à intuição e a oração formal cedeu espaço à união com Deus. Assim, qualquer judeu, independentemente dos seus conhecimentos da Torá teria a possibilidade de conseguir a benção divina. Para os “chassidim”, os seguidores do movimento, o mundo era uma emanção divina, bela e alegre, como o homem. Deus estava em toda parte e era através da alegria e da música que a alma alcançava os céus e a benção de Deus. Por isso, pelo desafio à autoridade dos eruditos na interpretação das leis sagradas, os “chassidim” sofreram intenso combate dos chamados “mitnagdim” (“oponentes”), localizados na Lituânia. Contudo, em fins do século XVIII, a idéia original do movimento se modificou com o surgimento de um novo líder, o “rebbe” ou “tzadik”, que acreditava-se ser dotado de poderes espirituais e proféticos, funcionavam como uma ponte entre os homens e Deus, ou seu mensageiro, o Messias. Dessa forma, institucionalizou-se o movimento “chassídico” conferindo ao “rebbe” ou “tzadik” a autoridade religiosa suprema, passada aos descendentes sob a forma de carisma.

Uma das correntes internas ao movimento foi o Habad²³, fundado pelo Rabi Schneur Zalman, discípulo de Baal Shem Tov. Com a morte do sucessor do fundador do movimento “chassídico”, os discípulos se dispersaram pela Polônia, Ucrânia, Lituânia e Rússia disseminando seus ensinamentos, e em cada localidade formaram-se inúmeras seitas com identidades sócio-religiosas próprias, confrontando-se umas com as outras pela legitimidade de suas idéias. As seitas competiam pela expansão de sua influência, mas o

²² *Conhecimento judaico* op.cit vol.1

²³ Friedman, Menahem “Habad as a messianic fundamentalism: from local particularism to universal jewish mission” in Marty, Martin E. & Appleby, R.Scott (eds) *Accounting for fundamentalisms, The fundamentalism Project*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994

fracasso se devia ao caráter local e particularista da maioria delas, identificadas pelo dialeto utilizado e pela vestimenta típica. Em 1796, Zalman publica aquilo que veio a ser o guia dos “chassidim” da seita Habad, a Filosofia do Chassidismo. Seus ensinamentos foram desenvolvidos pelas futuras gerações, que aliavam a afinidade com o “rebbe” e submissão às suas ordens à necessidade de uma intensa leitura da literatura religiosa, diferenciando-se então da origem do movimento “chassídico”, que colocava, em relação aos eruditos, a “razão” em segundo lugar. A importância da leitura está na própria denominação do grupo, pois as letras H, B e D, formadoras da palavra Habad, significam Sabedoria, Compreensão e Discernimento. Como todo grupo fundamentalista, o Habad acredita ter a chave para o entendimento das coisas “como elas são” e não como elas “aparentam ser”, seja pela leitura “apropriada” dos textos sagrados ou pelas palavras de líderes carismáticos. O Habad juntou os dois, a figura do “rebbe” e a importância da leitura da Torá (Pentateuco) para que se realizasse o mais rápido possível aquilo que o diferenciava das outras seitas, a crença no Messias.

O centro da seita foi fundado na cidade de Lubavitch, na Rússia, por Rabi Dov Baer, em 1813, dando início à dinastia e à rotinização do carisma via transmissão aos descendentes. Foi a situação política e religiosa na Rússia dos anos de 1880 que moldaram o caráter atual do movimento quando, nesta época, a secularização da sociedade atraiu muitos jovens judeus à procura de educação laica e de um bom emprego nas grandes cidades, abandonando a religião e seu estilo de vida, desafiando-a como única fonte legítima para a construção da identidade judaica.

Enquanto isso, no ano de 1803 funda-se, na Lituânia, reduto dos “mitnagdim”, a “ieshivá” de Volohzin, congregando jovens de diversas localidades e reagindo ao avanço da secularização. O Habad viu-se ameaçado tanto pelo Iluminismo quanto pelas “ieshivot” do tipo Volohzin. A reação veio com o Rabi Shalom Dov Baer, o quinto da dinastia de Lubavitch, conhecido como Maharshav e fundador, em 1897, da primeira “ieshivá” do Habad, a “Tomchei Temimim”. A missão dos estudantes era difundir as “sementes divinas” do “chassidismo” pelos ensinamentos dos sábios da seita, seguindo três princípios: o presente antecipa a vinda do Messias; ele virá com a dispersão das “sementes” pela filosofia chassídica do Habad e esta é a função tanto dos “rebbes” quanto dos discípulos, os “soldados”. A seita foi a portadora da verdade fundamentalista e

introduziu a noção de “missão” judaica, através da dispersão das sementes, para a vinda do Messias.

O Maharshav e seu filho foram os primeiros a entenderem o significado dialético da tecnologia moderna no desenvolvimento do chassidismo. Não detiveram o declínio da tradição, mas fundaram as bases para a modificação do movimento em direção ao universal, expandindo as fronteiras étnicas tradicionais e perpetuando o judaísmo tradicional religioso. Neste momento, o movimento já não estava circunscrito à Rússia, mantendo contato com a comunidade judaica norte-americana. O correio, por exemplo, é utilizado como meio de comunicação. O uso intercambiável de Habad e Lubavitch para nomeá-lo revela a tensão entre o local e o universal. O Rabi Joseph Isaac Schneerson, filho do Maharshav e sexto na dinastia, enraizou a noção de “missão” e a devoção total ao “rebbe”, o que ajuda a explicar a sobrevivência do movimento na URSS num período de intensa perseguições às organizações “contra-revolucionárias”. Sob as determinações do “rebbe”, os discípulos se espalharam por toda a URSS, até que em 1927 ele foi exilado para a Polônia, quando o Habad já havia abandonado seu caráter local e mantinha intensos contatos com a comunidade judaica norte-americana. Em 1940 se muda para os EUA.

Seu sucessor foi o Rabi Menachem Mendel Schneerson, o sétimo da dinastia Lubavitch. Nascido em 1902 na Rússia, estudou línguas estrangeiras e teve uma educação geral, junto com os estudos religiosos, nunca frequentou uma “ieshivá”. Em 1928, rumou para Berlin, a capital do Iluminismo Judaico, para estudar e acabou casando com a filha do Maharitz (filho do Maharshav), fugindo para Paris quando os nazistas ascenderam ao poder. Ficou lá até o ano de 1941, onde estudou engenharia marinha na universidade de Sorbonne, o que não o impedia de continuar seus estudos de Talmud e Cabala, a parte mística do judaísmo. Mudou-se para os EUA e foi indicado para diretor do Centro para Assuntos Educacionais do Habad, pois tinha a vantagem de falar bem o inglês e de ser extremamente inteligente. Sua liderança foi revelada pelo fato de poder “falar” com o falecido “rebbe” e receber dele informações sobre o modo de agir em diversas situações, já que era considerado o mensageiro do Messias.

A revolução russa e a Segunda Guerra levantaram questões que deveriam ser respondidas com base na filosofia chassídica, e as respostas vão ser a base do Habad enquanto movimento fundamentalista messiânico. O conceito de “missão” é central para a

idéia de Redenção, então os EUA, com o seu “melting pot”, não era diferentes, como diziam os imigrantes, de outros lugares. Também lá o judeu deveria usar barba nas ruas afirmando sua identidade judaica. Para explicar, por exemplo, a saída da Europa na época do nazismo, Schneerson evocou os diferentes centros culturais da religião judaica ao longo da história, desde a Babilônia chegando nos EUA, onde a Torá não havia alcançado êxito. Esta peregrinação faz parte do processo de Redenção, de “dispersar as sementes”.

2. A sinagoga Beit Lubavitch

A diversidade interna à religião judaica se espalhou para outros cantos do planeta. No Rio de Janeiro, por exemplo, há representantes das três correntes descritas acima. Tomando as sinagogas citadas nas entrevistas, temos a da ARI (Associação Religiosa Israelita), localizada no bairro de Botafogo, representando o judaísmo reformista; a CJB (Congregação Judaica do Brasil), na Barra da Tijuca, representando o judaísmo conservador; a Beit Lubavitch, no Leblon, representando o judaísmo ortodoxo.

Muitos dos jovens entrevistados freqüentam a Beit Lubavitch, da corrente ortodoxa Habad. À primeira vista é um paradoxo jovens não-religiosos, que não cumprem os preceitos da religião judaica e, por isso mesmo, retardam a vinda do Messias, freqüentarem uma congregação cujos seguidores modelam sua visão de mundo e seu comportamento social exatamente nas idéias de “missão” e “redenção”. É na relação entre o mundo hassídico, ortodoxo e o mundo não-religioso, entre Tradição e Modernidade, e na compreensão do que é a identidade judaica hoje para estes jovens que entendemos o aparente paradoxo. Na verdade, descobre-se que os ortodoxos utilizam as lacunas deixadas tanto pela sociedade moderna ocidental, representada pelo crescente individualismo, quanto pela própria comunidade judaica, incapaz de fornecer alternativas à identidade judaica religiosa, para reforçar a tradição e penetrar nos círculos laicos através da tecnologia (internet, correio, telefone, fax etc) fornecida, ironicamente, pela Modernidade. Esta dinâmica do movimento, percebida na cerimônia do “shabat”, supre as necessidades de uma certa identidade judaica jovem atual.

O aparente paradoxo também se explica pelo fato da seita Habad, por ser missionária, ter de, necessariamente, fazer compromissos com a “pureza” da tradição. As

estratégias utilizadas pela congregação para atrair o maior número possível de jovens (não só, mas principalmente) torna menos rígida as barreiras que separam os “de dentro” dos “de fora”. O que ocorre é uma troca simbólica: pelo lado dos jovens, reconhecem na sinagoga ortodoxa o “judaísmo autêntico” por meio de uma ligação simbólica com seus ancestrais, um sentido de continuidade com o passado, sem que isto ameace sua integração na vida moderna. A sinagoga pode ser encarada até como mais uma atividade de lazer. Pelo lado dos rabinos, há a percepção de que os jovens judeus cariocas não querem seguir a teologia tradicional mas que, o simples fato de comparecerem ao serviço religioso do “shabat” já é um símbolo de pertencimento ao povo judeu. Ambos os lados fazem “concessões” quanto o modo de encarar o pertencimento ao grupo, nenhum dos dois está colocado além do debate “Tradição x Modernidade”.

A religião exerce grande influência na definição da identidade judaica destes jovens, daí este ser um dos fatores da sinagoga ter-se tornado um novo espaço de sociabilidade juvenil. Além disso, a falta de espaços de convivência estáveis (como na época em que se ia ao movimento juvenil ou à escola judaica), internos à comunidade judaica e sem caráter religioso, a partir da entrada na faculdade permitiu o avanço da religião nos meios seculares.

2.1 O espaço físico

A sinagoga Beit Lubavitch localiza-se na rua Venâncio Flores, no bairro do Leblon, zona sul do Rio de Janeiro, transversal às duas principais passagens do bairro, a rua General San Martín e Ataulfo de Paiva. É predominantemente residencial, contando ainda com uma academia de ginástica quase à sua frente, a boate R9 (de propriedade do jogador de futebol Ronaldinho) ao seu lado direito, uma locadora de vídeos à esquerda e uma banca de jornais e revistas na esquina com a Ataulfo de Paiva. Fica a uma quadra da praia do Leblon. A sinagoga fica dentro de um prédio, onde funciona a sede do Habad no Rio de Janeiro. Além das rezas tradicionais diárias e do “shabat”, é possível tomar aulas com os rabinos sobre qualquer assunto ligado à religião judaica (é só marcar um dia que se é atendido atenciosamente), preparar-se para o “bar-mitzvá”, tomar o banho ritual na “mikve” (a banheira ritual). O prédio, de quatro andares, é um dos mais altos da rua, e um

dos mais modernos, em termos arquitetônicos. É um pouco recuado em relação aos outros, protegido por um muro de mais ou menos três metros de altura.

Neste muro há, no lado direito, um portão para a entrada e saída de veículos, duas câmeras de vídeo, colocadas no topo, filmam a movimentação na frente e nos arredores da sinagoga. No umbral desta porta, há uma “mezuzá”, pequeno objeto retangular contendo passagens do Pentateuco e que deve ser tocado ao entrar e sair dos recintos, incorporando deste modo a proteção divina²⁴. Mais à esquerda, uma porta de ferro, bastante pesada, leva a uma ante-sala, entre esta porta e as escadas que levam ao hall da sinagoga, onde um funcionário distribui um papel explicando a parte do Pentateuco lida durante aquela semana ou informes sobre eventos a serem realizados pela congregação nos próximos dias. No topo do muro, acima desta porta de ferro, há um pequeno refletor usado durante a noite. Da ante-sala vê-se, através de um vidro fumê, a cabine de segurança de onde se controla a entrada e saída de pessoas por um monitor de televisão. Lá de dentro enxerga-se o movimento fora da sinagoga. Nas sextas-feiras, geralmente dois seguranças fazem a proteção do prédio, desejando “shabat shalom” aos que vão chegando, podendo ser contratados de firmas especializadas (não-judeus) ou voluntários judeus que prestam serviços para a Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (FIERJ). Durante a semana, para entrar no prédio, é preciso apertar um interfone, colocado à esquerda da porta, e esperar que o porteiro, olhando pelo vidro fumê, destrave o mecanismo de segurança.

Na fachada do prédio, olhando-a de frente do outro lado da rua há, no centro, as Tábuas da Lei feitas de material metálico. Na metade direita são dispostas, de maneira vertical de cima para baixo, as cinco primeiras letras do alfabeto hebraico, simbolizando os cinco primeiros mandamentos, e na metade esquerda as cinco letras subsequentes simbolizando os outros cinco mandamentos²⁵. Acima das Tábuas, várias lâmpadas se

²⁴ Segundo a religião judaica, em todas as passagens de ambiente devem ser colocadas “mezuzot” (plural de “mezuzá”). Tocar a mão neste objeto sagrado faz parte do rito de passagem entre ambientes puros e impuros, lembrando que as fronteiras são fonte de perigo pois desafiam a ordem imposta por um dado sistema de classificação das coisas, por uma concepção de mundo. Ao purificar-se, entrando num ambiente judaico, o judeu tem a certeza de que estará seguro e será considerado parte integrante do grupo. O toque marca a passagem entre o mundo da ordem e o mundo do caos.

²⁵ Os dez mandamentos são: 1º Eu sou o Eterno, teu Deus que te libertou do Egito, da casa dos escravos
2º Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que houver em cima do céu, nem embaixo na terra, nas águas, abaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu, o Eterno, teu Deus, sou Deus zeloso que castiga a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração- daqueles que me odeiam. E faz misericórdia até mil gerações- daqueles que me amam e observam os meus mandamentos; 3º Não usarás o nome do Eterno, teu Deus, em vão pois o Eterno teu Deus

encarregam de iluminá-la quando a noite chega e, abaixo, lê-se, em hebraico, “Beit Haknesset Edmond Safra” (Sinagoga Edmond Safra), em homenagem ao banqueiro judeu. À sua esquerda, em duas placas está escrito “Beit Lubavitch” e “Centro Cultural Rose e Wolff Kadischewitz Klabin” e, à sua direita, em outra placa lê-se “Talmud Torá (Estudo da lei religiosa em geral) Raquel e Michael Stivelman”. Uma “Chanukiá”²⁶ de metal pende da extrema direita da fachada.

No hall de entrada do Beit Lubavitch homens e mulheres se separam, elas subindo as escadas que levam à parte destinada ao sexo feminino, e eles descem as escadas que levam à parte exclusiva ao sexo masculino. De acordo com a *Halachá*, as leis judaicas de caráter religioso, homens e mulheres não podem manter contato físico em público, menos ainda no momento dedicado à união com Deus. Os homens pegam uma *kipá* (solidéu)²⁷ na cesta colocada sobre uma bancada de mármore e um livro de rezas específico para o ritual. Pode-se sentar numa das inúmeras poltronas vermelhas confortáveis do salão acarpetado e com sistema de ar-condicionado central. A poltrona é reclinável, com um suporte preso na parte de trás da poltrona colocada à sua frente, onde coloca-se o livro de rezas. No encosto de muitas delas há placas com nomes (e sobrenomes) gravados, provavelmente de pessoas que ajudaram na construção da sinagoga ou homenagens feitas por parentes. No livro de rezas pode-se acompanhá-las tanto em hebraico quanto em português, com a ajuda do rabino que orienta os presentes dando a página e o parágrafo em

não considerará inocente aquele que usará o seu nome em vão; 4º (ver adiante no trabalho); 5º Honrarás teu pai e tua mãe para que se prolonguem na terra os dias que o Eterno, teu Deus, te dá; 6º Não matarás; 7º Não adulterarás; 8º Não furtarás; 9º Não deporás mentirosamente contra teu próximo; 10º Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do próximo, nem seu servo, sua criada, seu boi, seu jumento, nem coisa alguma que a ele pertença”

²⁶ A “Chanukiá” é um candelabro de nove braços, e aceso durante o período em que se comemora a festa de “Chanuká”, ou Festa das Luzes. Conta-se que, durante o império de Antíoco, os judeus foram obrigados a abandonarem o culto a seu Deus e as oferendas realizadas no Templo, no intuito de completar a helenização de toda a população residente dentro das fronteiras do Império. Um grupo de judeus, comandados por Juda, o Macabeu, iniciou uma guerra de guerrilha e, milagrosamente, derrotou o poderoso exército helênico. Ao entrarem em Jerusalém, constataram que o Segundo Templo estava semi-destruído, profanado pela presença de estátuas de ídolos gregos, como Zeus. A história continua, até o momento em que encontra-se um pequeno jarro de óleo ainda puro suficiente para acender a “menorá” (candelabro de sete braços, com grande valor simbólico, ver adiante) por apenas um dia. Segundo a explicação mística, ocorreu um milagre divino e o óleo durou oito dias, então instituiu-se que, a cada ano, os judeus deveriam acender um candelabro de oito braços, durante oito dias, sendo que o nono serve como “piloto” dos outros. O Templo, mesmo que semi-destruído, foi novamente consagrado através de oferendas a Deus. A festa de “Chanuká” simboliza a luta do homem pelo direito a liberdade.

²⁷ A “kipá” simboliza tanto a separação entre os diferentes níveis, céu e terra, quanto a existência de um ser divino que protege aqueles que fazem parte do Povo Eleito

que ela se encontra no momento. A introdução do *sidur* é datada historicamente, bem como a cerimônia em si.

O quarto mandamento das Tábuas da Lei, entregue a Moisés, diz o seguinte:

Lembra-te do *Shabat* para santificá-lo. Seis trabalharás e farás toda a tua obra. O sétimo dia, porém, será um dia de descanso dedicado ao Eterno teu Deus: neste dia não farás trabalho algum, nem tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua criada, teus animais nem pessoa alguma, mesmo estranho que morar contigo ! Pois, em seis dias, Deus fez o céu e a terra, o mar e tudo que neles vive e no sétimo dia descansou. Por isso, o Eterno abençoou o *shabat* e o fez um dia sagrado.

Não há, aqui, nenhuma ordem para que se realize um ritual que torne visível a santificação deste dia. Devemos retornar à época do Primeiro Templo, onde os judeus realizavam os sacrifícios para Deus, de manhã, à tarde e à noite. A sua destruição, empreendida pelos babilônios, deu início ao período de exílio judaico na Babilônia e de uma nova forma de louvar o Senhor. O templo é substituído pela sinagoga (que em nada se assemelha às de hoje em dia) e, em vez do animal físico, passa-se a sacrificar o animal que existe dentro de nós (a alma animal) de forma individual. No exílio, diversas línguas são faladas, daí a impossibilidade de reunir todos os judeus em torno de uma reza em comum. O retorno a Israel permite a construção do Segundo Templo, quando institui-se uma reza única, denominada *Amidá* ou *Shmoné Esré* (“dezoito bênçãos a Deus”), considerada a precursora do atual *sidur*.

A sinagoga, muito bem iluminada, foi construída de modo a satisfazer a necessidade de separação dos sexos, lembrando bastante a estrutura de um estádio de futebol como o Maracanã, com suas partes superiores (as “arquibancadas”) destinadas às mulheres, e as inferiores (as “cadeiras numeradas”), aos homens. A ala masculina é composta por várias fileiras de poltronas arrumadas em forma de “u” tendo o fundo do salão voltado para o altar, e a sua entrada se dá pela lateral esquerda de quem olha do fundo em relação ao Armário Sagrado. Em frente às poltronas que formam a base do “u”, há uma bancada, chamada *bimá*, de onde o *bar-mitzvando* (o menino que completa a maioria religiosa na cerimônia do “bar-mitzvá”) lê a parte do Pentateuco correspondente àquele dia (isso ocorre no dia da cerimônia). Um pouco mais à frente, uma bancada menor serve de apoio para o *sidur* utilizado pelo cantor da sinagoga durante o ritual.

Uma larga escada de mármore leva ao púlpito de onde o rabino, olhando para o público, comenta a *parashá*, a parte do Pentateuco correspondente àquela semana e, atrás dele, localiza-se o Armário Sagrado ou *Aron Hakodesh*, dentro do qual se acham alguns rolos da Torá, construído em direção à Jerusalém. Ele é coberto por uma cortina onde há, bordado, os dez mandamentos inscritos nas Tábuas da Lei, uma coroa acima delas junto com as palavras *keter torá* (coroa da Torá, o Pentateuco) e, abaixo, a seguinte mensagem em hebraico: “Pela elevação de sua alma ... (o nome do doador dos rolos da Torá), de abençoada memória. Que a sua alma descanse em paz”. Em volta do *Aron Hakodesh* construiu-se, de forma estilizada, as paredes do que teria sido o Segundo Templo. Na fachada, duas faixas verticais contendo uma estrela-de-David²⁸ cada, são divididas por um desenho em forma de círculo colocado no centro.

Na mesma parede onde fica o Armário, dez pinturas preenchem o espaço de cima a baixo, divididas em duas séries de cinco, uma no seu lado esquerdo e outra no seu lado direito. No lado direito vemos uma *mezuzá*; *tefilin* (filactérios); meninos debruçados em livros e rezando; livros; duas mãos dadas. No lado esquerdo temos um pedaço de carne e leite separados; livros; uma mulher com criança no colo; uma caixa para *tzedaká* (doações); velas acesas e uma mulher.

É neste espaço que acontece o ritual do *shabat*. Na primeira fileira da parte lateral esquerda, para quem olha do fundo, sentam-se os rabinos da congregação. São facilmente identificados pela capota preta amarrada na cintura, as longas barbas e o chapéu negro, características dos judeus ortodoxos. Eles fazem questão de cumprimentar as pessoas que vão chegando aos poucos, desejando *shabat shalom* (*shabat* em paz) e perguntam como vai a vida, se está tudo em ordem etc. Muitos amigos se encontram e também se cumprimentam, sentam juntos e colocam o papo em dia. Mesmo durante a cerimônia, enquanto continua chegando gente, os rabinos dão as boas-vindas na medida do

²⁸ A estrela-de-David é uma estrela de seis pontas, simetricamente dispostas, também conhecida como hexagrama. Este símbolo foi apropriado por diversos povos e religiões, e mesmo pela matemática, sendo gradualmente relacionada à religião judaica e ao nacionalismo judaico. Discute-se até hoje sua origem e sua denominação, pois costumava-se chamá-la de Selo de Salomão. Salomão, filho de David, utilizava o hexagrama como uma forma de controle das forças malignas. Seu simbolismo parte da perfeição geométrica, onde a base é no solo e o ápice, no céu, criando uma harmonia entre elementos opostos, céu e terra. A ligação entre o humano e o sobrenatural, pela graça divina, permite o governo de sabedoria e conhecimento, exatamente como foi conhecido o reinado de Salomão (lembramos a história das duas mulheres que reivindicavam a maternidade de um bebê e a decisão de “cortá-lo ao meio”. O veredicto foi uma

possível, sem atrapalhar o seu andamento. O rabino-chefe, que nem sempre chega no início, também faz questão de apertar a mão dos presentes, não de todos, por serem muitos, desejando *shabat shalom* e dando o ritmo às canções quando percebe qualquer descompasso. O fluxo de entrada é constante, mas o ritual tem início sempre por volta das 19 horas e dura, em média, uma hora e meia.

Quando não há mais cadeiras disponíveis, os retardatários se encostam na parede ao fundo do salão ou na parede lateral, logo na entrada da parte masculina. A maior parte destes retardatários é de jovens. Como não tenho acesso à parte reservada às mulheres, não sei de que maneira se resolve o problema da falta de lugares. É verdade que, já no fim da reza, há movimento fora da sinagoga, de pessoas conversando e esperando o momento de subir ao salão de festas. Acontece de, ao chegar e não encontrar lugar vago, tanto mulheres quanto homens preferirem esperar do lado de fora a permanecer dentro e de pé, ainda alguns minutos. Fora da sinagoga, no hall utilizado por ambos os sexos, é possível manter uma conversação num tom de voz razoável, sem necessidade de sussurrar, coisa que acontece àqueles que decidem acompanhar a reza até o seu final mas gostam de bater papo com os amigos, sobre os mais diferentes assuntos (desde a menina que “pegou” na chopada da faculdade, passando pela festa ocorrida numa boate durante a semana ou o restaurante japonês onde jantou com os amigos). Além disso, de pé é possível ter um maior raio de visão da ala feminina, fato que permite aos meninos olharem, de vez em quando, aquela menina que acham bonita ou uma amiga que também frequenta o Lubavitch. Da mesma forma, percebe-se as meninas olhando para baixo, procurando algum conhecido ou esticando o pescoço para ver o garoto que acham bonito e sussurrando entre si algo relacionado a ele. A separação entre homens e mulheres não impede, portanto, que, ao entrar na ala masculina, um rapaz olhe para cima, localize um “caso” ou uma amiga e dê um leve aceno com a mão. A discrição ajuda a manter a representação teatral da situação, sem atrapalhar o andamento da rezas.

Todas as rezas e canções são importantes, umas mais e outras menos. Dependendo da colocação na hierarquia, elas devem ser feitas em pé e de frente para o Armário. A descrição a seguir vai se concentrar nas partes consideradas mais importantes e que tem maior apelo emocional.

demonstração de justiça, quando o rei decidiu dar o bebê àquela que preferiu vê-lo nas mãos de outra do que

2.2 As rezas²⁹

O serviço propriamente dito inicia-se com o *Mizmór LeDavid*. De pé, canta-se, em hebraico (todas as rezas e bênçãos são feitas em hebraico):

Rendei ao Eterno, ó seres celestiais
 Rendei ao Eterno glória e poder
 Rendei ao Eterno a glória devida a Seu nome
 Adorai o Eterno com o esplendor da santidade.
 A voz do Eterno paira sobre as águas, o Deus da glória troveja,
 O Eterno está sobre a vastidão dos mares.
 A voz do Eterno manifesta-se em força,
 A Voz do Eterno manifesta-se em majestade.
 A voz do Eterno despedaça os cedros,
 E o Eterno despedaçou os cedros do Líbano.
 Ele os fez saltar como bezerras, ao Líbano e ao Sirion,
 Como novilhos de touro selvagem.
 A voz do Eterno faz surgir labaredas de fogo.
 A voz do Eterno faz tremer o deserto,
 O Eterno faz tremer o deserto de Kadesh.
 A voz do Eterno fez dançar as árvores,
 Seu verbo desnudou os bosques,
 E no Seu Templo tudo proclama Sua glória.
 No Seu trono estava o Eterno nos dias do dilúvio
 E assim permanecerá como Rei, para sempre.
 O Eterno dará força a Seu povo,
 O Eterno abençoará o Seu povo com a Sua paz

Ainda de pé, dá-se boas-vindas à “noiva *shabat*” entoando o *Lechá Dodi* (“Vem, meu amado”):

Vem, meu amado, ao encontro da noiva;
 Recebamos com júbilo o Shabat.
 ‘Observa e lembra o Shabat’ num só mandamento Deus ordenou.
 O Eterno é um e o Seu nome é único,

morto). *Revista A Hebraica* (SP) edição setembro/2000 pp74-77

²⁹ ARI (Associação Religiosa Israelita) *Serviço Vespertino de Shabat*, RJ, 1986

A Ele pertencem a magnificência, e glória e louvores.
 Ao encontro do Shabat vamos todos,
 Pois ele é a fonte de toda benção.
 No plano divino foi previsto desde o início,
 Para ser realizado no final.
 Ressurge com esplendor ó Jerusalém.
 Ilumina com a tua luz o universo.
 Entoa cânticos ao Senhor,
 Pois a glória divina sobre ti se manifestou.
 Traze-nos tua paz, ó Rainha Shabat,
 Brinda-nos com alegria e regozijo.
 Reside entre os fiéis de teu povo.
 Vem, ó noiva amada
 Vem, meu amado, ao encontro da noiva;
 Recebamos com júbilo o Shabat.

Todos os versos são entoados de frente para o Armário até o “Vem, ó noiva amada”, quando dá-se as costas para ele e repete-se este verso duas vezes, uma delas inclinando-se para a frente e à esquerda e a outra para a frente e à direita. Geralmente a porta da sinagoga, de onde vem a “noiva”, fica atrás dos assentos. No caso do Lubavitch isto não é possível devido à peculiaridade de sua arquitetura. Contudo, o simbolismo do ato de inclinar-se em direção à “noiva”, santificada no casamento com Deus, o Rei e a Rainha, prevalece sobre questões materiais como a localização real da entrada do templo. Logo após o último verso, os religiosos convidam os presentes a dançarem em volta da *bimá*, batendo palmas e cantando novamente o *Lechá Dodi*, repetindo a melodia ao som de “ai,ai,ai”. Poucos se aventuram a tomar parte na roda. Senta-se novamente, enquanto um dos rabinos se encaminha para o palanque menor dando continuidade ao serviço.

Um pouco mais à frente, anuncia-se a Reza dos Enlutados, quando aqueles que perderam entes queridos se levantam e ficam de pé em frente à *bimá*. Esta reza vai se repetir algumas vezes ao longo do *shabat*, é iniciada por um dos rabinos e acompanhada pelos enlutados.

Que o mundo que Deus criou conforme a Sua vontade tribute glória e santificação a Seu nome. Que Seu rumo seja proclamado prontamente em nossos dias e nos dias da Casa de Israel.

Que desta forma o Seu grande nome possa ser eternamente bendito.

Exaltado, venerado e louvado seja o nome do ‘Santo Louvado seja’.

Sua glória é inefável e infinita. Sua magnificência é superior a toda expressão humana.

Liberta-nos, ó Pai Celestial, de toda aflição terrena. Outorga vida a nós e a todo Teu povo de Israel.

O Criador baseou Seu mundo celestial na ordem e na harmonia. Que Ele dê paz a nós e a todo povo de Israel. Amém.

Todos os presentes respondem “amém”, os que estavam de pé retornam a seus lugares. Seguindo a orientação do rabino, de página e parágrafo, acompanha-se as rezas até a parte considerada a mais emocionante de todo o ritual, o *Shemá Israel* ou “Escuta Israel”. Apesar de importante, é cumprida sentado.

Antes dela, fica-se de pé e ouve-se esta prece: “Louvai ao Eterno pois Ele é digno de louvor” ao que todos os presentes respondem “Louvado seja o Eterno, o Bendito, por toda a eternidade” inclinando-se para a frente. Senta-se e, logo depois, cobre-se os olhos com uma das mãos repetindo, todos ao mesmo tempo, “Escuta Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um”. Inicia-se esta parte de modo ritmado e contínuo.

Louvado seja o Seu glorioso reino por todo os tempos.

Amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com a plenitude do teu ser. Que estas palavras que hoje te ordeno sejam gravadas no teu coração. Ensina-las-ás aos teus filhos a todo momento, com o exemplo, com a palavra. Permita que sejam um sinal de orientação na tua mão, um símbolo entre os teus olhos. E que estejam escritas nos batentes da tua casa e nas portas da tua cidade.

Se obedeceres aos mandamentos que hoje te ordeno, amando ao Eterno teu Deus, e servindo-O com todo o teu coração e com toda a tua alma, darei chuva à tua terra no tempo certo: chuvas de outono e de primavera. Poderás, assim, colher teu trigo, teu vinho e teu azeite. Farei crescer erva no campo para o teu rebanho de modo que poderás comer e ficar saciado. Guarda-te para que teu coração não se deixe seduzir e não te desvies para servir a outros deuses, prostrando-te diante deles. Pois então, inflamar-se-ia contra ti a ira do Eterno e Ele bloquearia o céu; não haveria mais chuva e a terra não daria o seu fruto, deste modo desapareceria rapidamente da boa terra que o Eterno te dá. Grava estas Minhas palavras no teu coração e na tua alma, ata-as como um sinal de orientação em tua mão e que sejam um símbolo entre seus olhos. Ensina-as aos teus filhos, falando delas ao te sentares na tua casa, quando estiveres a caminho, ao te deitares e ao te levatares. Escreve-las-as nos batentes de tua casa e nas portas de tua cidade, para que teus dias e os dias de teus filhos se multipliquem sobre a terra que o Eterno prometeu aos teus patriarcas e sejam tão numerosos como os dias em que o céu permaneceu sobre a terra.

E o Eterno falou a Moisés e disse: “Fala aos filhos de Israel e diga-lhes que em todas as suas gerações façam franjas visíveis nas bordas das suas vestes e ponham um fio de cor azul na franja da ponta. Vendo as franjas, recordar-te-ás de todos os mandamentos do Eterno. Observa-los-as sem jamais seguir os desejos de teu coração e dos teus olhos que te têm levado ao caminho do mal. Recorda, pois, todos os Meus preceitos e cumpre-os, e santo serás diante de teu Deus, que te redimiou da terra do Egito para ser teu Deus; Eu sou o Eterno, seu Deus.

Novamente de pé, cada presente ora silenciosamente algumas páginas do *sidur*. Os mais devotos cumprem um outro ritual para dar início a esta parte: dão alguns passos para trás, depois caminham para frente inclinando-se, primeiro, para frente e à esquerda e, depois, para frente e à direita. Ao terminar, ainda de modo silencioso, novamente inclina-se para a direita e esquerda e caminha-se dois ou três passos para trás. O rabino intervém localizando a cerimônia aos desavisados e, em voz alta, iniciando a próxima reza chamada *Vaichulu* (“E foi concluída...”).

E foi concluída a criação do céu e da terra e de tudo que contém. Tendo concluído Sua obra no sétimo dia, Deus nele descansou. E o Eterno abençoou o sétimo e o santificou pois nele repousou de toda Sua obra que criou para ser produtiva.

Uma pequena parte é lida em voz baixa até a elevação do rabino, seguido pelos demais até o fim da oração.

A palavra de Deus reconfortou os nossos patriarcas. O Verbo de Deus concede a vida eterna. Deus santo e inigualável, com o Seu amor concedeu o repouso sabático ao Seu povo. Por isso, reverenciamos Seu nome diariamente. A Ele dirigimos orações e louvores. Expressamos-te a nossa gratidão, ó Deus, que fazes a paz. Santificaste o Shabat e abençoaste o nosso repouso. Proporciona-nos descanso e deleite neste dia, testemunho de Tua obra e de Tua criação.

Segue mais uma vez a Reza dos Enlutados, um pouco mais longa. Logo após, todos se sentam e o presidente da congregação sobe ao púlpito.

Ele se traça de terno e gravata e é raro vê-lo com a barba por fazer. Sobe a pequena escada, vai até o Armário Sagrado, toca-o com uma das mãos e depois leva-a à boca. Dirige-se aos presentes, primeiramente desejando *shabat shalom* e depois informando sobre as atividades sociais e culturais promovidas pelo Beit Lubavitch, palestras, jantares para os jovens, colônias de férias etc.³⁰ Em seguida, convida o rabino-chefe da congregação para comentar a *parashá* da semana. Ele realiza o mesmo ritual, subindo as escadas, tocando a cortina do Armário e levando a mão à boca. Abre o Pentateuco na parte dedicada àquela semana e explica o seu significado, a mensagem nela contida. Fala olhando para baixo, em direção aos homens, e para cima, para a parte destinada às mulheres, semelhante a um balcão. Por fim, deseja *shabat shalom*, desce do púlpito e dá prosseguimento, já à parte final, do ritual. De pé, canta-se o *Aleinu* (“Afirmamos”).

³⁰ O “shabat” sempre é oferecido em nome de parentes ou amigos por ocasiões alegres ou tristes, como casamentos, nascimentos ou aniversário de falecimento.

Afirmamos nossa fé em Deus, Criador do universo.

Agradecemos ao Eterno por ter-nos distinguido em meio às nações afastando-nos da idolatria, aproximando-nos da Sua verdade, reverenciamos-nos e agradecemos ao Soberano do Universo, o Santo Louvado seja.

Ele criou os céus e a terra é Sua obra. O trono de Sua glória está nos céus e Sua magnificência nos altares celestiais.

Somente Ele é nosso Deus, Ele é a suprema verdade. Assim está escrito em Sua Torá: reconhece hoje e grava em teu coração que o Eterno é Deus e reina nos céus e sobre a terra. Ele é Único.

Portanto, confiamos na pronta manifestação da Tua glória, que fará desaparecer os falsos valores da terra e destruirá toda sorte de idolatria. Confiamos em um mundo melhor, orientado pela nossa fé em Ti. Todo o universo reconhecerá a Tua supremacia, todos os homens colocarão em Ti sua esperança.

Tu serás a crença de todos os seres humanos. Tu reinarás sobre o universo eternamente, pois assim está escrito em Tua Torá: o Eterno reinará por todo o sempre. Deus reinará por toda a eternidade, e então o Eterno será Único e Seu nome será Único.

Ao dizer “reverenciamos-nos”, inclina-se para a frente.

Faz-se a última Reza dos Enlutados e entoa-se a última canção da noite, *Shalom Aleichem* (“A paz esteja convosco”).

Esteja a paz convosco, anjos que chegais como servos e Mensageiros do Altíssimo, do Rei dos reis: O Santo Louvado seja.

Vinde em paz, anjos da paz, Mensageiros do Altíssimo, do Rei dos reis: O Santo Louvado seja.

Abençoai-nos com paz, anjos da paz, Mensageiros do Altíssimo, do Rei dos reis: o Santo Louvado seja.

Ide em paz, anjos da paz, Mensageiros do Altíssimo, Rei dos reis: o Santo Louvado seja.

O rabino-chefe sobe novamente ao púlpito e convida uma criança, um de seus filhos ou um recém *bar-mitzvando*, para fazer a reza do vinho. Apesar de pequenos, seus filhos já têm grande desenvoltura na hora da benção e arrancam gargalhadas do público por causa de sua voz aguda imitando o ritmo imposto pelo pai. Também sua vestimenta se diferencia das outras crianças presentes, com um terminho, *peot* (cachos que descem da lateral do rosto) e o *tsitsit* (as “franjas” que ficam presas à roupa). Ainda durante a canção anterior uma cesta com biscoitos tipo *wafers* é passada de mão em mão. Do púlpito pronuncia-se as palavras “Louvado seja, ó Eterno nosso Deus, Fundamento do Universo, que criou o fruto da

videira.” Todos respondem “amém” e comem o biscoito³¹ enquanto a criança toma o vinho. Encerra-se, assim, o ritual quando há a troca de cumprimentos entre amigos ou mesmo entre desconhecidos que se sentavam um do lado do outro.

Alguns sobem a escada até o Armário, apoiando-se com as palmas das mãos e a cabeça encostada nele. Aqui, pede-se a Sua benção, Sua ajuda. Forma-se uma pequena fila. Homens e mulheres que, até este momento, estavam separados, tomam uma escada comum e sobem para o salão de festas. Ao adentrá-lo, no lado esquerdo, uma mesa forrada com pano branco contém algumas garrafas de refrigerante (coca-cola, coca-cola dietética, guaraná e guaraná dietético) e água mineral sem gás. Para aqueles que fazem questão de cumprir “ao pé da letra” o ritual, uma garrafa de vinho *kosher*. Cada um se serve da quantidade que quiser e, eventualmente, enche o copo de uma senhora ou senhor de mais idade. Muitas vezes as garrafas ainda estão fechadas e alguém “mais forte” precisa ajudá-las a abrir. São de dois litros, compartilhadas por todos, não há garçons.

À frente, uma mesa bem mais comprida e também forrada com pano branco, colocada verticalmente à entrada, serve petiscos que podem mesmo fazer as vezes de um jantar, dependendo da fome de cada um. Há pão branco, pão preto, biscoito do tipo “cream cracker”, biscoito doce, bolo de baunilha, bolo de chocolate, salame *kosher*, pasta de atum, pasta de ovo e sardinha em conserva acompanhada de cebola e tomate (comida típica judaica). O pão é colocado em cestas e os biscoitos, em combucas, enquanto as pastas são servidas em pequenas tigelas. Uma quantidade de guardanapos é colocada sobre a mesa para que não se sujem os dedos e se limpem as bocas terminada a refeição.

À direita, no fundo do salão bem em frente à entrada, mais bebida é servida. Seguindo em direção à lateral direita do salão, outra mesa comprida com petiscos é colocada, desta vez, paralelamente à porta. Há, ainda, outra um pouco menor e mais próxima da escada. Todas estas forradas com pano branco, também. É neste momento, em que meninos e meninas se encontram, que o programa de sexta-feira à noite, a ida a boates da zona sul ou bares espalhados pela cidade, é decidido. Tanto é assim que a maioria dos jovens já vão vestidos com a roupa adequada ao novo ambiente que se segue à cerimônia,

³¹ Seria lógico que os presentes também tomassem um copinho de vinho. Porém, segundo os sábios, caberia a cada um 86ml, impossível de ser medido no momento, sendo substituído por outro alimento. Apenas quando há o compartilhamento do alimento, num mesmo ambiente, é que se cumpre inteiramente o ritual sabático. De nada adiantaria dizer “amém” apenas e, em casa, tomar um cálice de vinho. Neste caso, é necessário realizar, novamente, a “brachá” (a reza)

daí que não se diferenciam de qualquer jovem da zona sul, de classe média, que costuma sair à noite nos fins de semana. O caráter religioso do *shabat* se compatibiliza com a natureza laica da judeidade juvenil, provisória e esporádica.

A separação dos sexos, segundo a teologia do Habad, permite a total concentração no ritual e o estabelecimento da relação entre o Eterno e o Povo Eleito. Diz-se que a mulher desvia a atenção do homem, aguçando seus instintos mais animais, fazendo o corpo, sede dos desejos, invadir o domínio que deve ser restrito ao intelecto e à razão, a alma. Os rabinos do Lubavitch vestem longas capotas negras amarradas na cintura. Sempre achei que davam o laço para que a capota não atrapalhasse durante a reza, argumento muito funcionalista como comprovei mais tarde. O laço se chama *avnet* e é utilizado de modo obrigatório, ao menos no ritual. Ele divide o corpo em duas metades: a de baixo, onde localizam os órgãos genitais e os instintos animais; e a de cima, sede do intelecto e fonte de ligação entre o mundo social e o mundo cosmológico. A separação entre homens e mulheres e a divisão simbólica do corpo, em conjunto, concentram na parte superior as atenções necessárias à santificação do *shabat*. Está escrito “Observa-las-as sem jamais seguir os desejos do teu coração e dos teus olhos que te têm levado ao caminho do mal”.

A mulher de um dos rabinos, numa festa organizada com o intuito de congregar os jovens, a “Noite do Falafel”, nos explicava, em inglês, que é a partir de uma certa idade apenas (por volta dos nove anos) que a expressão de afetividade se limita a um aperto de mão (se tanto) mesmo entre irmão e irmã. Este tipo de comportamento entre os sexos eu já havia observado no enterro de meu avô quando, ao chegar ao cemitério, o rabino, que não é do Lubavitch mas também segue uma linha ortodoxa, veio cumprimentar a parte masculina com um aperto de mão e a parte feminina com uma reverência. A demonstração de carinho é um assunto privado, não diz respeito a quem não faz parte da relação homem/mulher, irmão/irmã, marido/esposa etc.

As restrições de movimento dizem respeito apenas aos adultos. Às crianças, de ambos os sexos, é permitido correr por todos os cantos antes do início do serviço religioso. Elas sobem e descem as escadas que dão acesso ao púlpito de onde o rabino faz as prédicas semanais, sobem e descem as escadas que levam da ala masculina ao hall da sinagoga, área considerada neutra. Garotinhos usando terno e gravata, *kipá*, um início de

peot e *tsitsit* e brincam de pique-esconde com meninas usando vestidos coloridos, de “maria-chuquinha” e chupando pirulitos. Quando se inicia a cerimônia, a correria pára mas as meninas não precisam sair da parte masculina. O filho de um dos rabinos senta ao seu lado, na parte à esquerda do Armário Sagrado, também chupando um pirulito e, durante a reza, um rapaz ajuda um outro garotinho a descer as escadas que, para ele, são vários abismos.

A presença de crianças, misturadas e alheias às racionalizações dos adultos, cria um clima festivo, familiar, amenizando um possível mal-estar causado pela separação involuntária de muitos freqüentadores que, apesar de laicos, escolheram o Lubavitch como local de renovação dos laços de solidariedade étnica e familiar.

O corpo ritualizado é a ponte necessária entre a memória e a identidade social.

2.3 Comer judaicamente

Se o corpo não pode ser encarado apenas em sua dimensão física, aquilo que é considerado comestível também merece uma explicação que vá além da satisfação de necessidades biológicas (Sahlins,1979). A boca é a ligação entre o “nosso grupo” e o “inimigo”, e tudo que a ultrapassa, em “nossa” direção, encarna esta relação entre o puro e o impuro. O “alimento” indispensável à sobrevivência biológica, é substituído pela categoria “comida”, culturalmente estabelecida e meio para construção de identidades sociais. O que é colocado para dentro do corpo marca relações de amizade, parentesco ou étnicas, ao mesmo tempo que ergue barreiras ao “outro”, ao que não partilha da mesma identidade. A “comida” incorpora normas culturais que ganham expressão na escolha do que comer, onde, com quem, na maneira de preparo, quando etc. Ela marca a relação entre diferentes domínios, vivos e mortos, humanos e não-humanos, humanos e sobrenaturais, humanos e deuses. Ajuda a classificar coisas e pessoas, ordenando logicamente a experiência objetiva.

Na religião judaica há um diálogo entre comensalidade e consubstancialidade. O fato de fazer parte de uma mesma substância, do mesmo sangue (representado pelo princípio da matrilinearidade) implica na semelhança de dieta como

forma de expressar a solidariedade em torno de costumes e tradições características do grupo. Agindo como um único corpo, o que é comido por cada parte responsável pela pureza da substância afeta todas as demais. Novamente surge a preocupação de manter o grupo limpo, onde cada coisa deve “estar em seu lugar”, desta vez pelo sistema alimentar. O ritual do *shabat* expressa as significações sociais e cosmológicas que envolvem a “comida” enquanto categoria fundamental para o estabelecimento de relações de identidade.

É importante lembrar o fim do ritual. Um garçon (que só aparece neste momento, e depois se retira), vestindo calça preta, camisa branca e gravata borboleta preta desce as escadas *sem kipá*, e entrega o cesto de palha com os biscoitos wafer a um dos presentes. Este retira sua parte, repassando a cesta aos demais até esvaziá-la. Apesar de caber apenas um biscoito a cada um, são todos iguais e vêm de um mesmo lugar, onde estão misturados. O caráter coletivo do ritual é marcado, tornando insignificante qualquer tentativa de fraturar a união do grupo por interesses ou gostos individuais.

Não se come imediatamente, sendo necessário esperar alguns minutos até a reza do vinho. Somente após o “amem”, que é a repetição da benção só que de forma abreviada, concordando com o que acaba de ser dito, é permitido comer. Começa, então, a confraternização entre os presentes, com apertos de mão e abraços, um clima de informalidade transferido para o salão de festas onde homens e mulheres se juntam. O que transforma o vinho, ou o biscoito, num símbolo de união é a benção. A sua santidade, compartilhada por todos os judeus ali presentes no ato de bebê-lo um comê-lo garante a singularidade deste povo protegido pelo poder divino, único.

A comensalidade, ritualizada no *shabat*, tanto é produtora quanto produto da consubstancialidade. Uma reforça a outra e permite a perpetuação das relações, de afinidade e alteridade. Uma história contada numa das sextas-feiras ilustra bem este argumento. Um dos rabinos comentava a *parashá* da semana, falava a respeito da escravidão e da sua efetivação entre os judeus apenas após o sétimo ano de trabalho compulsório. Durante os seis primeiros anos o indivíduo poderia refletir sobre sua condição e decidir se queria mesmo continuar dominado por um patrão. Se, por sua vontade, ele decidisse ficar sob o domínio do senhor, no sétimo ano era marcado no corpo de forma a

estigmatizá-lo, como um meio de poder ser reconhecido por qualquer habitante do vilarejo (esta “opção” de ser livre ou escravo me deixou surpreso).

Talvez não tenha sido por acaso que a questão da escravidão/liberdade tenha surgido naquele momento do ano, afinal de contas se aproximava Pessach, a Festa da Liberdade, em que os judeus comemoram a saída do Egito após longo exílio da Terra de Israel seguido de 40 anos de caminhadas pelo deserto até Moisés receber as Tábuas da Lei das mãos de Deus. O rabino fez uma ponte com a nossa realidade, nos alertando para os vários vícios que, semelhantes à escravidão, nos cerceiam a liberdade: o cigarro, as drogas, a bebida e o dinheiro. Na verdade, nos escravizamos pelo vício, segundo ele.

Seguindo o raciocínio do número sete, e o seu significado para o povo judeu, o *shabat* surge como prova de que há uma chance para a redenção dos pecados e reflexão sobre os atos que, por ventura, nos tenham levado ao sofrimento e dor. Segundo o rabino, se Deus descansou no sétimo dia da trabalhosa tarefa de criar o mundo, também os humanos (quer dizer, os judeus), criados à Sua imagem e semelhança, devem descansar. É o momento no qual é possível a purificação espiritual de tudo de ruim que possa ter ocorrido durante a semana e que prejudicou a vida individual e, principalmente, familiar do judeu. Quantos casamentos, perguntou, foram salvos na mesa do *shabat*, naquele momento em que a solidariedade familiar se fortalece na união em torno da mesa, pelas preces a Deus e participação num grupo privilegiado, o povo judeu? Ao acender as velas do *shabat*, a mulher ilumina a casa com a luz divina, trazendo paz, harmonia e entendimento para o lar que, outrora, vivia em tensão e triste³². A sexta-feira, quando aparece a primeira estrela trazendo a noite, renova os laços de solidariedade familiar e étnica na união com Deus.

Há muito tempo atrás, contou, um importante rabino ofereceu um lauto jantar ao imperador Antonino. Ele se deliciou com os pratos servidos, principalmente com a

³² Esta simbologia também aparece na pintura de uma mulher com duas velas acesas. Devemos atentar para o fato de a mulher estar ligada ao âmbito da casa, da família, já que a luz divina está direcionada ao lar. Ela é, inclusive, a responsável pela produção da comida segundo a divisão social do trabalho no interior da comunidade judaica. Como as relações entre homem e mulher vêm mudando ao longo dos anos, a identificação da “*idishe mame*”, a mãe judia, com a cozinha foi relativizada. Isto acaba incomodando alguns mais tradicionalistas: “Se você observar a comunidade judaica no Rio de Janeiro ela, de judeus com identidade ela fez assim (faz um sinal indicando declínio), ela pode ter crescido, mas de judeus com identidade...Uma mulher que sabe cozinhar uma comida judaica, nenhuma neta, a geração neta, bisneta. Minha avó cozinha pra c..., minha tia muito pouco, minha prima não sabe nem botar um ovo na frigideira, quanto mais fazer um “*guefilte fish*”, fazer uma comida judaica. Por aí você já vê, não tem. Hoje em dia, você vai ver uma festa judaica na casa das pessoas, você pega aí, metade compra em restaurante. A tradição está se perdendo” (D., “promoter”)

chala (um pão típico judaico) que, além do gosto pronunciado tinha uma textura nunca antes experimentada. Isto ocorreu num *shabat*, à convite do rabino, e o imperador ordenou aos seus chefes de cozinha que lhe preparassem o mesmo banquete para a próxima terça-feira, pois receberia visitas ilustres. No dia marcado foi oferecido o jantar que, por mais saboroso que estivesse, não satisfez ao anfitrião. “Falta alguma coisa”, resmungou Antonino, e foi perguntar ao rabino qual ingrediente havia faltado para dar aquele gosto especial de sexta-feira. Chegou mesmo a acusar o sacerdote de enganá-lo, não fornecendo os ingredientes apropriados. E disse o rabino: “A receita está correta, mas faltou um ingrediente que você não poderá encontrar em lugar algum”.

O imperador ficou possesso e gritou para quem quisesse ouvir: “Eu sou o maior imperador do mundo !!! Eu posso conseguir qualquer coisa !!!”. Tranqüilo, o rabino disse que não era algo material que faltava, mas a magia do *shabat*, da sexta-feira, que dava à comida o sabor especial. É o clima que se forma em volta da mesa, as conversas e a descontração que transformam aqueles pratos, feitos com ingredientes encontrados em qualquer mercado e preparado de forma muito simples em “manjares dos deuses”.

Na verdade, nem todo alimento próprio para consumo pelos judeus (ou melhor, os judeus que seguem a religião em seu sentido tradicional) se encontra no mercado da esquina. Há leis religiosas específicas para a alimentação, a chamada *kashrut*, determinando o modo de preparar e o tipo de alimento considerado puro. Há mesmo açougues *kosher*. O rabino não entrou nestes detalhes, mas a mensagem foi clara: não é a relação direta, entre o homem e o alimento, que dá o colorido ao banquete, mas a intermediação do poder divino através da benção, esta sim o ingrediente especial. A pintura da caixa de doações (*tzedaká*) e das mãos dadas simbolizam a solidariedade que seria uma característica que perpassaria toda a história do povo judeu, e o discurso do rabino serviu para mostrar que a atuação em conjunto da família, harmoniosamente, como uma entidade moral (DaMatta,2000), reflete, num âmbito restrito, o que o grupo étnico representa na sua relação com o mundo exterior, com a “sujeira”.

3. Por que o Lubavitch ? E por que não ?

Antes de descobrir os motivos que levam estes jovens não-religiosos a freqüentar uma sinagoga cujos representantes seguem à risca as leis religiosas do judaísmo, é importante entender o que os liga a ele. O processo de identificação com o grupo étnico judaico envolve, nos diferentes momentos históricos, uma série de formas culturais características: a literatura, a música folclórica, a culinária, a dança, a religião. Vimos que a sinagoga sempre foi, em toda a história do povo judeu, um ponto de encontro para o estudo, as orações e bate papo entre amigos. Apesar de não-religiosos, estes jovens judeus cariocas encontraram nela um novo espaço de sociabilidade. Sua trajetória ajuda a explicar o porquê da centralidade da sinagoga para uma certa sociabilidade juvenil.

Se, até a entrada na faculdade, sua vida social gravitava em torno de instituições judaicas, como a escola judaica e os movimentos juvenis, a partir dali a quantidade de atividades para a faixa etária pós-escola, universitária, diminui consideravelmente. A sinagoga, que nunca deixou de ser um ponto de referência para a identidade judaica, volta a ser uma fonte de sociabilidade e identificação com o judaísmo para muitos jovens que freqüentavam-na apenas nas festas tradicionais (Rosh Hashaná e Yom Kipur) e nas cerimônias de “bar-mitzvá”. Ela passa a fornecer o sentido de continuidade com passado, os elementos que permitem estabelecer as fronteiras entre o “nós” e o “eles”.

A importância da religião na definição do judaísmo e do que é ser judeu para eles caminha junto com o caráter subjetivo e sentimental tomado pela idéia de pertencimento ao grupo³³. Reunir-se na sinagoga, com outras pessoas iguais a si mesmo, e participar coletivamente nas orações, dá uma sensação de conforto espiritual, mesmo que por uma ou duas horas, de sentir-se “em casa”. Na “rua”, ao contrário, onde o indivíduo está permanentemente concorrendo pelo progresso material, “passando por cima” dos

³³ Numa pesquisa realizada com alunos da primeira série do ensino médio do colégio Eliezer Steinberg, Grinberg(1997) afirma que, também entre os jovens de 15 e 16 anos, a condição judaica passa mais pelo sentimento do que propriamente uma compreensão “racionalizante” dos rituais, por exemplo. Diz ela “as pessoas demonstram dar mais importância à identificação emocional, não considerando preponderante o conhecimento acerca da religião ou da história, nem mesmo a observância das práticas religiosas. Ter uma vaga idéia de o que as festas significam e realizar algum ritual para lembrá-las- de preferência através de refeições com comidas típicas na casa de avós- seria o suficiente para *sentir-se judeu*, como disseram muitos” (grifo meu)

outros e seu valor é quantificado pelo que tem e não pelo que é, o jovem se sente desamparado. Na sinagoga, ele encontra uma série de produtos simbólicos, apropriados de acordo com a necessidade de momento: “respeito”, “compreensão”, “solidariedade” e um “sentido” para sua vida, além das prédicas da autoridade religiosa da congregação, o rabino.

“Eu saio leve da sinagoga, é o único momento da semana que eu me desligo, desligo o celular, desligo mentalmente de tudo, realmente deletei tudo que aconteceu na semana, relaxo totalmente. Se eu não vou, eu sinto falta, acho que a pureza das pessoas que tão lá, pensando no bem naquele momento, ninguém quer o mal de ninguém, ninguém tá pensando em trabalho, em dinheiro, com pressa de sair...tá ali pra relaxar, pra mim hoje é fundamental. Eu vou porque eu respeito, acho muito legal, até porque, hoje dia, é uma maneira de eu me manter ligado à comunidade, ao judaísmo. A única coisa que me liga ao judaísmo, hoje, é a sinagoga” (R., estudante de administração)

“Eu gostava de rezar, me sentia bem” (I., advogada)

“Eu sinto falta às vezes. Eu vou pelo ‘shabat’ em si, eu me sinto bem na sinagoga. Eu posso não rezar, não fazer nada, mas eu estar lá dentro eu me sinto...pagando meus pecados, sei lá” (S., estudante de marketing)

“O pessoal gosta, se sente bem de ouvir o rabino falar, pessoal reza, todo mundo com o ‘sidur’ na mão. O Lubavitch é muito bonito, todo mundo canta junto, o ‘Shemá Israel’ é voz forte” (D., “promoter”)

“Às vezes, vontade de ouvir um rabino, ouvir o que ele tá falando, cantar uma das poucas músicas que eu ainda lembro, lembrar um pouco...Além de ficar falando ‘eu sou, eu sou’, lembrar o que eu sou e o que é a tradição” (S., estudante de marketing)

“Jovens, amigos, o culto é bonito, os filhos dos rabinos são tão fofos...eles rezam tão bonitinho ! Depois tem aquele encontro lá, o pessoal sobe, vai pro ‘kidush’ e fica lá cinco minutinhos que seja. Eu saio de lá me sentindo bem (do Lubavitch), eu gosto de sair me sentindo bem dos lugares” (Idem)

“Se vê a vontade, com coração, que cada judeu, quando vem aqui, fala o ‘Shemá Israel’ na sexta-feira, que é uma coisa linda de ver tantos judeus juntos falando o ‘Shemá Israel’” (C, rabino da sinagoga Beit Lubavitch)

Partindo do princípio de que a religião é um “sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas” e que é um fenômeno coletivo, dado que reúne “numa mesma comunidade moral todos aqueles que a elas aderem”³⁴, a escolha da sinagoga (a comunidade moral) será precedida pela definição do que é, para estes jovens, o fenômeno religioso. Para os jovens frequentadores da Beit Lubavitch, a religião mais verdadeira é aquela que dá continuidade com as práticas dos antepassados, à Tradição, opinião compartilhada pelos rabinos ortodoxos.

³⁴ Durkheim, Émile “Definição do fenômeno religioso e da religião” in *As formas elementares da vida religiosa*, SP, Martins Fontes, 1996

“A última reza que eu fui dele, eu não gostei (do Bonder), que ele rezou em português. Ele virou muito ‘marketeiro’, não que os outros não são...uma tá tentando pegar uma parcela da comunidade que eu acho importante, um pessoal que nunca foi em nada, que não sabe hebraico, então ele tá rezando em português. Mas não é o que eu quero para mim. (...) *Quando têm umas rezas que são em silêncio, eu leio em português porque não adianta nada rezar baixo pra mim, em hebraico, e não entender nada, então eu leio em português. Mas, na hora que ele tá lá em cima, cantando uma música que tem não sei quantos mil anos...aí ele canta em português e você não entende o que ele tá falando porque não dá pra entender. Tá na melodia, cantando em português você não entende o que ele fala. Eu acho que as canções é mais melodia, mais tradição*” (S., estudante de desenho industrial)

“*Pra mim, eu respeito o ortodoxo porque eu acho que é ele que vai levar a religião pra frente, não é a gente, não sou eu. Mas meus pais são judeus, tem toda aquela coisa de casa judia, aí vai na casa da minha avó que toda sexta-feira tem ‘shabat’...É muito mais por respeitar a religião do que ser judeu*” (Idem)

“*Muitos jovens gostam de ir para uma sinagoga tradicional, muitos jovens não gostam de mudanças. Mesmo que eles não pratica (sic) mas pode ser que eles sabem que, se é pra ir, vamos num lugar que é a mesma linha há três mil anos. Se pra não ir, tem muitos lugares pra ir. Se pra ir, eu vou num lugar que realmente, minha avó, minha bisavó...uma linha tradicional*” (Rabino G, do Lubavitch)

“*Aqui a gente ensina a essência, ‘it’s for real’, não é uma xerox, é a essência, é divino...A gente ensina o que Deus deu pra gente*” (Idem)

“*Qualquer jovem, quando passa da adolescência, ele começa a procurar algum conteúdo, objetivo na vida. Só acordar todo dia, dormir, trabalhar sem objetivo nenhum...a pessoa sente que tá faltando alguma coisa, ele precisa de alguma coisa espiritual (...). O que acontece é que, na verdade, eles realmente encontraram (o judaísmo conservador) mas aí estava faltando o número um que eles queriam, o conteúdo, essa parte espiritual na vida da pessoa. Isso só funciona se for baseado nas leis judaicas, tentar mudar o judaísmo é muito difícil, não funciona. Mudando o judaísmo, vai faltar todo aquele espírito, aquela vitalidade que o jovem tá buscando e que cada judeu tá buscando (...). Pode parecer muito bonito (homens e mulheres sentarem juntos) mas eles sentem que, na verdade, este não é o judaísmo verdadeiro. O judaísmo não tem nada contra as mulheres nem nada contra os homens mas que na hora da reza, pela Halachá (Leis religiosas do judaísmo), é considerado apropriado que cada um tenha o seu recinto e possa fazer com, sentar com calma*” (Rabino C, do Lubavitch)

“*Mulher subir na Torá³⁵...é uma coisa que me irrita profundamente*” (I., advogada)

³⁵ A expressão “subir à Torá” é utilizada na descrição da cerimônia da leitura da “parashá da semana” aos sábados. Ela é dividida em sete partes, lidas ao longo da semana, e, no sábado pela manhã é compilada. Por volta das 9:30, alguns homens sobem até o Armário Sagrado cuja cortina e porta, que corre horizontalmente, são abertas e de onde se tira um rolo da Torá. É protegido por um pano e, nas duas pontas superiores do pergaminho, coloca-se duas coroas de metal prateadas. Um dos senhores carregou-a nos ombros, cantando o “Shemá Israel” e, à medida em que caminha pela sinagoga (a parte masculina), os presentes beijam-na, tocam-na com uma das pontas do “talit” e, depois, beijam-no. Todos retornam aos seus lugares e o senhor coloca a Torá na bancada defronte o Armário. Em volta desta bancada há uma pequena cerca e uma abertura, às suas costas, por onde se sobe um degrau. Aqui, neste momento, inicia-se o ritual de “subir à Torá”. Dois membros da congregação e um dos rabinos se colocam ao redor da bancada e, um dos membros, chama em hebraico um dos presentes. Este SOBE o degrau e debruça-se sobre o pergaminho, ainda fechado. O rabino abre o rolo indicando, com uma haste de metal cuja ponta tem a forma de uma mão com o dedo indicador na posição característica, onde se deve encostar a ponta do “talit” e beijá-la. Dois são estes pontos: no início e no fim de cada uma das sete partes a ser lida pelo rabino. Fecha-se o rolo e o primeiro chamado lê a primeira reza: “Barechu et Adonai Hamevorach” (Louvai o Eterno porque ele é digno de louvor), ao que os membros e o rabino respondem “Baruch Adonai Hamevorach Leolam Vaed” (Louvado seja o Eterno, o Bendito, por toda

Há uma diferença na forma de conceber a participação de homens e mulheres na cerimônia envolvendo, de um lado, a ortodoxia do Lubavitch e, de outro, o caráter mais “liberal” ou “moderno” da ARI ou CJB, principalmente a segunda, personificada na figura do rabino Nilton Bonder. Vale a pena citar alguns depoimentos de jovens que preferem estas duas outras sinagogas para efeito de comparação.

“A gente vai no Bonder, que não é tão religioso, mas que eu gosto do jeito dele. Posso sentar do lado da minha mãe. (...) Eu gosto do que o rabino fala, todo mundo fala que ele é inteligente e realmente é, fala muito bem. Comecei a ir quando a gente foi fazer a ‘Festa do Sol Nascente’ no Clube da Barra, que a gente foi divulgar no Bonder e eu adorei, na outra sexta-feira eu voltei e, a partir daí...” (R., estudante de administração)

“Eu gosto, acho bonito, vou lá na ARI e não vou no Lubavitch, que é aqui do lado, porque eu acho mais bonito, porque lá eu posso sentar ao lado da ...(a namorada) e aqui não pode. Isso me incomoda muito” (M., estudante de jornalismo)

Além da tomada de decisão mais firme dos que escolhem uma das três sinagogas, há aqueles que se vêem presos no dilema apresentado no início: Modernidade ou Tradição ? Nestes casos, não há consenso sobre qual judaísmo é o ideal, o ortodoxo, o conservador ou o liberal. Não se está disposto a abandonar a Tradição e sua simbologia nem a negar que as relações sociais no mundo moderno se modificaram (a relação homem/mulher, por exemplo). O problema maior parece ser: até onde a Tradição pode ser revista, modernizada, reinventada ?

“Eu adoro ir na sexta-feira na sinagoga, já fui muito no Lubavitch, embora não tenha muita identidade com o Lubavitch. Por exemplo, quando eu ia no Lubavitch, me lembrava o sotaque do meu avô, me imagino em Lodz (cidade da Polônia) em 1912. É meio que uma máquina do tempo, o lugar e a religião. Agora, as pessoas que freqüentam eu não tenho identidade nenhuma. Já o Bonder, tinha o maior preconceito, era ‘reverendo Bonder’, ‘o quê que ele tá fazendo com o judaísmo ?’. Ainda me choca eu chegar lá e ter mulher com kipá, mulher botando tefilin, ler Torá. Não me sinto pecando por ir com roupa menos recatada ou porque eu estou sentada ao lado do meu namorado. Eu me sinto mais à vontade, eu me sinto mais verdadeira indo no Bonder e eu gosto das coisas que ele fala” (M., historiadora)

a eternidade). Agora, o chamado diz “Baruch Atá Adonai Eloheinu Melech Haolam Asher Bachar Banu Mi co, Haamim Ve Natan Lanu et Torató, Baruch Atá Adonai Noten Hatorá” (Louvado sejas, ó Eterno nosso Deus, Fundamento do Universo, que nos escolheu de todos os povos e nos deu a Sua Torá. Abençoado é tu, Deus, que nos deu a Torá) e todos respondem “amém”. Então, o rolo é novamente aberto e ele segura o cabo inferior direito, enquanto o rabino, ao seu lado, segura o esquerdo e inicia a leitura (cantada) da primeira das seta partes. Um outro membro coloca-se na lateral esquerda, acompanhando a leitura num livro e fazendo movimentos com a mão, como que ditando o ritmo ao primeiro. Após terminá-la, o rabino indica os mesmos lugares onde se deve colocar a ponta do “talit” e beijá-la. Uma outra reza é feita pelo chamado, “Baruch Atá Adonai Eloheinu Melech Haolam Asher Natan Lanu Torat Emet Ve Chaei Olam Natá Betohenu. Baruch Atá Adonai Noten Hatorá” (Louvado sejas, ó Eterno nosso Deus, Fundamento do Universo, que nos deu a Verdade da Torá e vida eterna colocou dentro de nós), e todos respondem “amém”. O chamado pode retornar ao seu lugar e outro é chamado, ritual realizado seta vezes.

“Eu acho moderno demais (o Bonder) pra se tratar de religião. Adaptar, não escrachar, eu acho que ele escrachava um pouquinho. Inclusive, não só em relação à reza, mas em relação ao porte das pessoas, à postura das pessoas. Eu acho que o mínimo que você tem que tá, quando você tá numa reza, é com uma postura um pouquinho mais séria (...) uma postura adequada” (S., estudante de marketing)

“Eu acho que a religião é essa religiosa mesmo, eu acho que tem que ser isso mesmo, porque era assim e não tem que mudar. Mas, ao mesmo tempo, se for assim, pode ser que acabe, então teve que ter mudanças porque se fosse só aquilo...De repente eu já taria só com ‘goy’, não taria nem mais aí se não fosse um Bonder da vida. Acho muito importante todos eles que trazem a comunidade, então o que o Bonder faz é judaísmo só que eu não faço nada. Nem o que o Bonder faz eu faço, eu só vou lá e falo ‘amém’. O Lubavitch seria mais parecido com o que era antigamente” (B., estudante de medicina)

“Eu acho o Bonder muito bom, eu acho que ele popularizou a religião, entendeu ? Eu sou a favor até certo ponto, eu sou contra até alguma coisa. Por exemplo, o Lubavitch eu acho que é muito mais conservador, eu acho que é uma...é aquilo. Eu acho que é mais o judaísmo, aquilo, pra mim. Eu não me sinto tão bem chegando na CJB e vendo a ...lá em cima do palco rezando, entendeu ? Eu acho que tem algumas mudanças mas eu não sei se eu sou tão a favor dessas mudanças” (B., estudante de medicina)

“Começou a mulher sentar junto com homem e, na verdade, as mulheres sempre sentaram separadas pelo simples fato de, na teoria, poder...para que não desconcentrasse na reza. Vai sentar com a sua esposa, você vai conversar, vai pegar na mão...primeiro, que eu já acho errado; segundo, começar mulher a subir na Torá, mulher botar ‘tefilin’, mulher colocar ‘talit’, uma série de coisas. Eu estudei no Barilan (colégio religioso no bairro de Copacabana) de nove aos doze, é uma época em que se ensina a rezar, então isso vai tão contra...Eu acho bonita a Modernidade, mas eu acho que a Modernidade tem que ser dentro da religião, você propiciar com a tecnologia que a pessoa possa tá mais dentro da religião. No caso do microfone, você fotografar um ‘bar-mitzvá’, que é uma cerimônia muito importante, normalmente no sábado, isso sim. Mas você começar a permitir...é modificar a religião, eu não acho errado que a mulher também possa tomar parte na religião, mas não dessa forma. Não por desconcentrar o homem, mas por deturpar a religião” (I., advogada)

A Beit Lubavitch não é a única representante da corrente ortodoxa no Rio de Janeiro nem a mais antiga, porém há certos diferenciais que colocam-na como a preferida. Em primeiro lugar, o fato de localizar-se num ponto de fácil acesso, visto que muitos moram no próprio bairro do Leblon ou nos limítrofes, junta o útil ao agradável, a praticidade e rapidez de chegar ao local e a possibilidade de sentir-se num ambiente amigo.

“*Eu vou porque é perto de casa. Nunca fui de freqüentar porque acredito, que tem que ser religioso...é porque é perto e se, provavelmente, a ARI (reformista, no bairro de Botafogo) fosse ali, eu freqüentava a ARI*” (M., estudante de comunicação)

“Sexta-feira ainda não é exatamente noite. De sete às oito, você se sente bem no lugar, é até um ponto de encontro de jovens da comunidade, que você não perde nada, *é só uma hora*. O Lubavitch por ser mais perto de casa, por não precisar pegar carro, procurar vaga, normalmente sinagoga não tem estacionamento, dá pra ir a pé. É o que eu mais me identifico, além de um dos rabinos ter sido meu professor. Normalmente, quando dava eu ia, (neste último semestre) eu fui poucas vezes porque eu comecei a estudar à noite. *Sexta-feira, depois de ir na academia, passava em casa, tomava um banho e ia pra lá direto*. Passei a ir mais no final do ano passado, consegui manter uma certa constância, mas parei de ir por falta de tempo. Não foi por busca espiritual, não tava sentindo falta de rezar, foi porque inauguraram a sinagoga, eu fiquei curioso de conhecer, a maioria dos meus amigos tava freqüentando, *e eu não via motivo pra, se eu não tava fazendo nada nesse horário, pra eu não ir*” (R., estudante de administração)

“Eu comecei a ir porque uma amiga minha ia toda sexta por causa do namorado. Aí, comecei a ir, adorei, *me sinto super bem lá*. Vou uma ou duas vezes por mês na sinagoga, eu me sinto bem indo lá. Tem muita gente que vai pra procurar namorado, mas eu acho que não tem nada a ver. (...) Eu ia no Bonder, que era um lugar que eu gostava, só que é muito difícil de chegar, *eu levo uma hora, uma hora e meia pra chegar lá. Então, não vale a pena pra mim*. Aí, ela me chamou pra ir no Lubavitch, que é muito mais perto, e eu falei ‘ah! Eu vou, vejo, não custa nada’, gostei e comecei a ir” (S., estudante de desenho industrial)

Em segundo lugar, a reza está em harmonia com o “social”, encontrar os amigos, que muitos jovens admitem fazer quando vão à cerimônia do “shabat” às sextas-feiras. Seguindo o raciocínio do rabino-chefe da congregação, diria que tanto a parte material quanto a espiritual se satisfazem quando o jovem, cujo o corpo seria dividido nas metades “de cima” (o intelecto) e “de baixo” (instintos), comparece.

“Eu vou no Lubavitch porque eu gosto do rabino e porque eu conheço muita gente. É um saco você ir numa sinagoga em que você não conhece ninguém. No Bonder, eu conheço muito pouca gente, os meus amigos estão todos no Lubavitch. Porque o Lubavitch focalizou num grupo jovem que começou a ir, fazendo um trabalho junto com esses jovens atraíram os outros. Tudo é trabalho, ninguém vai à toa, porque é o Lubavitch,. Eu fui porque o ...me levou a primeira vez, e eu gostei” (D., “promoter”)

“Agora, adoro esse negócio...hoje o Beit Lubavitch tem muito jovem e isso é muito bom, faz você ir, é um fato positivo. Por exemplo, antigamente quando eu ia, encontrava duas ou três pessoas e quando não iam era um saco. Quando acabava a reza, eu voltava pra casa. Não que eu não goste...*acho que a reza faz bem pra caramba, você sentar lá, ouvir a reza...eu saio de lá muito feliz. Mas, você sai de lá e acabou ? Hoje em dia, no Lubavitch, você encontra com todo mundo, isso é legal, combina de sair, sempre tô saindo depois com o pessoal de lá mesmo*. É uma parada legal, é um fator a mais, digamos assim. Rezar me faz muito bem, mas *nem sempre você está com disposição pra rezar, ‘pô! Tô cansado’, mas aí você pensa...são dois fatores*. ‘Vou rezar porque me faz bem mas também vou encontrar o pessoal, que é legal’, são dois pontos positivos” (D., estudante de direito)

“*Eu não vou só pra rezar e tal, eu vou e tô com as minhas amigas lá, entendeu ?* Eu não ia pra sinagoga sozinha, rezar sexta-feira. Eu tô com todas as minhas amigas lá e acho legal, é uma coisa junto com a outra. Rezo, eu não vou pra sinagoga só pra chegar lá e fazer ‘social’ e ir embora, ou ir pra sinagoga se encontrar e ir pra outro lugar, eu rezo. Não é aquela coisa que eu preciso ir pra sinagoga pra fazer o ‘social’, então às vezes eu corro à beça, faço mil coisas e eu gosto de ir. *Não é aquilo ‘eu não tô fazendo nada, então eu vou na sinagoga’, às vezes tá super enrolado mas eu vou, sabe ? Lá tem mais jovens, em outras sinagogas você vai sexta-feira e tem meia dúzia, é um ambiente mais agradável*. Eu gosto de lá, é um lugar que você se sente bem. Eu nunca tive esse hábito, toda sexta-feira rezar, respeitar o ‘shabat’, mas já que eu vou lá eu rezo” (I., estudante de arquitetura)

“E até mesmo essas pessoas que só vêm pro ‘social’, pros últimos cinco minutos, na verdade muita gente que começa vindo pelo ‘social’ e depois começa a pensar *‘puxa! E se eu vier um dia meia hora antes pra ver o que acontece na reza ?’ (...)* e a pessoa vem e gosta, e participa mais uma vez...Mesmo se a intenção no começo é só pelo ‘social’, que isso na verdade também é bom, ter o ‘social’ com judeus isso por sozinho já é melhor do que se ela fosse na boate e encontrasse ‘goyim’ etc. Só se encontrar com outros judeus já é uma coisa boa” (Rabino C.)

“Cada judeu tem duas vontades. Tem uma vontade para sua alma e uma vontade para seu corpo. A alma de cada um deles queria dançar com a Torá (na festa de Simchat Torá,

quando se comemora o fim da leitura do Pentateuco e o início de um novo ciclo), o corpo deles queria comer ‘sushi’ (servido aos jovens, num jantar na mesma ocasião). Às vezes, a alma se expressa mais forte que o corpo, às vezes o corpo se expressa mais forte que a alma. Mas a pessoa tem as duas vontades, ele pode pensar que tá indo lá pro ‘sushi’ mas, na verdade, ele tá indo porque a alma quer ir dançar com a Torá. A mesma coisa o ‘shabat’: se o jovem vai à uma sinagoga sexta-feira à noite, ele pode pensar que tá indo lá pro ‘social’, mas a alma dele tá querendo ir pra sinagoga. A alma puxa as coisas pra acontecer da maneira que ela quer, mas só consegue convencer ele porque fala que é bom o ‘social’ também” (Rabino G.)

Em terceiro lugar, o tratamento dispensado pelos rabinos da congregação a todos os jovens, recebendo-os com um sorriso no rosto e desejando-lhes “shabat shalom”, passando calor humano e perguntando como é que vão as coisas, é uma forma sedutora de recrutamento. O cumprimento elimina, ou atenua, a imagem da ortodoxia, onde o rabino deve se portar de maneira sisuda e os freqüentadores devem se concentrar apenas na leitura do “sidur” e na união com Deus. Eliminar a tensão, deixá-los à vontade é propaganda positiva da sinagoga.

“O Lubavitch se contradiz a cada segundo, é uma linha ortodoxa cheia de ‘playboy’ que não respeita p...nenhuma e que vai lá porque tem mulher. Eu vou pra lá porque eu adoro o rabino, me trata muito bem” (D., “promoter”)

“A equipe dos rabinos daqui são rabinos jovens, simpáticos, procuram falar com o jovem, chegar até o jovem, não esperam o jovem chegar até ele para falar ‘shabat shalom’” (Rabino G.)

O objetivo do Lubavitch é claro: evitar que jovens judeus, de ambos os sexos, se assimilem ao mundo não-judeu através dos casamentos exogâmicos ou mistos. Para que este processo se interrompa, as estratégias utilizadas devem estar de acordo com as necessidades e estilos de vida do público alvo, esta parcela da juventude judaica carioca. Assim, determinados comportamentos exigidos àqueles que seguem a ideologia ortodoxa são minimizados quando se trata destes jovens não-religiosos. Uma primeira diferença se refere à assiduidade com que se vai à sinagoga, já que a recepção calorosa a qualquer um deles acontece independente se comparece todas as sextas-feiras ou uma vez ao mês.

“Eles me deixam me sentindo bastante à vontade lá, (...) *não vou interferir no que eles pensam se eles não interferirem no meu modo de ser, entendeu ? Ninguém nunca disse ‘o quê que você tá fazendo aqui, se não veio na sexta passada ?’, eu me sinto bem lá.* Eles mesmos abriram espaços para jovem, eles fizeram questão de convidar jovens, eles fazem festa pra jovens, eles fazem questão de deixar os jovens à vontade, pra eles é bom levar os jovens pra lá” (S., estudante de marketing)

“A gente vai pra sinagoga de vez em quando, *eu vou sexta-feira quando eu tenho vontade, eu não acho que é uma obrigação, eu vou quando me dá vontade.* Eu acho que eu tô aberta a

isso, não tem porque você ir sem vontade, já fui pra encontrar gente, já fui porque eu tava querendo um pouco de paz espiritual” (Idem)

“A gente não mistura o Bem e o Mal, não mistura as coisas que a pessoa faz. Se esse ato que a pessoa tá fazendo é positivo, então olha por esse lado positivo. Se a pessoa vem à sinagoga sexta-feira à noite, poderia ficar em casa olhando novela, ele sente ligado pra ir à sinagoga, eu só olho por esse ponto de vista (...). *O Lubavitch sempre olha otimismo pra tudo*” (Rabino G.)

“*Todos são recebidos independente de que família você é, se você tem dinheiro ou não tem dinheiro, se você é religioso ou não religioso, se você vai na sinagoga uma vez por ano ou três vezes por ano, ou uma vez a cada dez anos, não faz a mínima diferença (...).* Uma sinagoga que tá aberta, que tem o interesse de aproximar que todos possam vir, entender e participar é uma coisa que o Lubavitch tá fazendo no mundo inteiro há 50 anos” (Rabino C.)

“Em cada coisa, você pode sempre olhar de duas maneiras, mais pessimismo, mais otimismo. O Lubavitch sempre olha o otimismo para tudo. (...) Tinha uma vez uma pessoa que tava rezando de manhã, com ‘talit’ e com ‘tefilin’, e tava consertando a roda da sua carruagem e um rabino tava passando com seus alunos. Quando os alunos viram isso, eles ficaram com vergonha, ‘o rabino vai ver alguém com tefilin e talit e consertando a roda ?’. Mas, quando chegou perto e o rabino viu, no lugar da bronca naquele homem, ‘mas como você tá no meio da reza consertando uma roda ?’, ele levanta as mãos para Deus e fala ‘Deus, olha o seu povo tão perfeito. Até consertando a roda eles rezam !’. Poderia olhar o contrário, no meio da reza tá consertando, mas olha o contrário, até no meio do trabalho tá rezando !” (Rabino G.)

Uma segunda concessão feita aos jovens no sentido de aproximá-los da congregação é a permissão para usar vestimentas convencionais, na moda entre a juventude carioca que compartilha os mesmos valores de classe média, diferentemente das roupas negras e das longas barbas dos homens ortodoxos, e dos longos vestidos e perucas das mulheres ortodoxas. A filosofia do Lubavitch é de que se deve aceitar as pessoas como elas são, independente da corrente de pensamento seguida, contanto que as pessoas que se dispõem a comparecer às cerimônias respeitem o modo de agir dos ortodoxos. Tornando mais flexível o “tipo” de judeu que é bem-vindo no “shabat”, a sinagoga, através dos seus rabinos, atrai muitos jovens não-religiosos que procuram a religião esporadicamente para afirmar sua identidade judaica. Ambos os lados fazem concessões, tentando tirar o máximo de proveito sem agredir moralmente um ao outro.

“Eles são religiosos, são ortodoxos, mas não são aqueles ortodoxos que não aceita (sic)...pelo contrário, eles chamam quem não é, a maioria que tá lá...são muito poucos. *Eles são abertos para quem não é, eles acham melhor as pessoas irem...tá de carro*³⁶, vindo do trabalho, mas vem” (I., estudante de arquitetura)

³⁶ Conta-se que, durante o período em que os judeus permaneceram no deserto, 40 anos, foi construído um tabernáculo. Para tal tarefa, foram realizados 39 trabalhos que, durante o “shabat” devem ser abolidos. Um deles é fazer fogo, daí a proibição de pegar carro, pois ao ligar a ignição faz-se uma fâsca.

“Eles são ortodoxos, usam barbão, usam aquela roupa preta e, dessa galera, ninguém usa roupa preta. Eu acho que o Lubavitch tá de parabéns porque eu aprecio qualquer instituição judaica que chame os judeus, mesmo eu não concordando com a ideologia” (B., estudante de jornalismo)

“O Lubavitch não muda a religião, não muda as regras do jogo, mas respeita cada um como ele é. Ele não muda a religião pra aproximar a pessoa, religião é religião, é algo divino. A pessoa pode vir como ela é” (Rabino G.)

“O Lubavitch não é nenhum partido, qualquer pessoa pode freqüentar o Lubavitch, se é ortodoxo, liberal, reformista, conservador...é aberto para qualquer pessoa que quer freqüentar. A gente respeita cada um em seu nível, *nunca obrigamos ninguém a fazer nada, só que a gente ensina o certo e cada um leva pra casa o que você quer*” (Idem)

“A sinagoga está aberta para todos, nós estamos interessados que todos os judeus possam vir e participar da sinagoga, independente dele não estar seguindo a mesma linha (...). Eles se sentem num ambiente em que eles podem se sentir à vontade, ninguém força eles a colocar chapéu e barba pra sentar na sinagoga e, dessa forma, se aproximam” (Rabino C.)

“A questão da forma de as pessoas se vestirem, se for uma coisa exagerada a gente tenta...a pessoa pode vir um pouquinho mais discreta, mas ninguém vai dizer uma coisa pra pessoa se sentir mal. Na verdade, é que a pessoa, devagarzinho, sozinha, vai começar a entender que, vindo numa sinagoga, deve se vestir mais adequadamente e acabam mudando devagarzinho” (Idem)

O “fenômeno Lubavitch” está diretamente ligado (e é uma das conseqüências do) ao caráter subjetivo, provisório e baseado em múltiplos referenciais que esta identidade judaica juvenil revela. Comparecer ao serviço religioso das sextas-feiras, comer comida “kosher” e colocar o “tefilin” são práticas inseridas numa programação muito mais ampla, que inclui desde a academia de musculação até a praia. Por alguns momentos, num dia da semana, este jovem lembra-se que faz parte de uma coletividade particular sem, contudo, atrapalhar as outras atividades que fazem parte de seu cotidiano. Como cada uma das outras, a ida à sinagoga está condicionada ao tempo gasto, à relação custo-benefício, àquela preocupação de “quanto tempo é necessário para renovar os laços de solidariedade com o meu grupo?”. A justificativa, como no caso da alimentação, pode se basear mais na medicina do que propriamente nos preceitos divinos que regem o sistema culinário judaico, ou melhor, religioso judaico.

“De repente, ele (o Lubavitch) chamou um grupo de judeus que tava um pouco afastado, ótimo, é no Leblon, é um pessoal que vai à praia, que sai à noite e vai no Lubavitch. Muitas vezes o que eles tão tentando criar é um grupo e um vínculo, até porque eles sabem que, no Rio de Janeiro, 2% da comunidade judaica, se isso, é ortodoxa. (...) Até porque a juventude é o futuro da comunidade” (B., estudante de jornalismo)

“Tem uma determinação que eu acho muito legal: não comer carne com leite, você tá comendo a carne da mãe com o leite que pode ser do filho, aí você tá misturando e é errado (o interessante é que, de modo informal, disse que não resiste a uma lasanha à bolonhesa, à base de carne moída). Isso eu procuro seguir, mas eu não consigo seguir isso tão forte e tem algumas coisinhas...o ‘shabat’ eu não tenho como respeitar, apesar de eu não abrir o meu comércio eu não tenho como respeitar. Porque eu quero fazer as minhas atividades, eu descanso no domingo se for o caso, isso é muito relativo, não tem bem como explicar” (Z., empresário)

“O *jewish way of life*, pra mim é o meu. Às vezes ir à sinagoga, às vezes ou regularmente ir à Hebraica (clube judaico no bairro de Laranjeiras), pensar no futuro próximo com a minha namorada que eu quero casar com ela, quero ter filhos, quero passar a continuidade, quero fazer trabalho comunitário quando der” (M., estudante de jornalismo)

“Você é influenciado pelo meio que você vive. Eu respeito o ‘shabat’, não de não acender luz, não sou ‘kasher’, não como carne de porco e não misturo carne com leite, mas não sou ‘kasher’ (ênfase). Pra falar a verdade, com relação à alimentação, sou um cara que me alimento bem, não pelo judaísmo mas por vaidade pessoal, por acreditar na saúde, rende mais, dorme menos. Eu acredito no ‘shabat’, em ir na sinagoga, fazer o ‘Shemá Israel’, em botar ‘tefilin’ de vez em quando. Não boto todo dia, gostaria de botar mas, às vezes, me esqueço. Minha vida é completamente conturbada” (D., “promoter”)

“Minha mãe é judia, eu respeito, eu gosto, me faz bem ser judeu. Lá em casa a gente faz algumas coisas. Por exemplo, eu ponho o ‘tefilin’ às vezes, não é nem uma vez por semana, é às vezes realmente; toda sexta-feira a gente come lá na sala, faz o ‘shabat’, nada de duas horas de reza, a gente pega e faz a reza do vinho, acende as velas, come na sala todo mundo junto, uma semana sou eu e outra meu irmão. Algumas coisas eu acho legal, mas nada de comer ‘kosher’, a gente não reza...legal ir pra sinagoga, adoro, me faz bem. No ‘shabat’, a gente faz um lanche, faz queijo quente, salsicha, às vezes tem uma ‘chálá’ (pão típico judaico), aparece, mas nada assim...” (D., estudante de direito)

Este grupo não se encaixa, grosso modo, em nenhuma das três correntes descritas acima, realizam uma constante *bricolage* de elementos próprios de cada uma delas. No caso do Lubavitch, especificamente, os jovens não compartilham da noção de “Redenção messiânica”, característica da ortodoxia, mas também rejeitam qualquer iniciativa de repensar a identidade judaica à luz dos valores modernos universalistas, elaborando um discurso racionalista e objetivo. O judaísmo deste grupo perdeu sua aura moderna, retornando à situação pré-moderna onde o discurso era menos baseado na “razão” do que na “emoção”, e as verdades já estavam dadas. A identidade destes jovens necessita de respostas rápidas para seus múltiplos referenciais, para sua necessidade de vínculo a algum grupo num mundo cada vez mais individualista. O Lubavitch oferece uma solução a todas estas questões que os afligem, sem obrigá-los a tornar-se religiosos mas com a esperança de que isto venha a acontecer algum dia. É na relação desta seita com a Modernidade que entendemos seu sucesso.

A crise do judaísmo moderno³⁷, baseado nas “diferentes estratégias de assimilação desenvolvidas através de justificativas coerentes com as idéias iluministas e suas premissas universais; pela adequação do judaísmo aos diversos movimentos político-ideológicos da modernidade tais como: liberalismo, socialismo e nacionalismo; pela definição plural da identidade judaica; pelo crescente enfraquecimento do judaísmo rabínico; pela tensão entre os pólos tradição/modernidade, etnicidade/cidadania nacional, público/privado, sentimento/razão e pelo caráter auto-justificatório associando judaísmo à ética humanitária e à justiça”, fortaleceu sua vertente mais subjetivista. A valorização do “emocional” em detrimento do “racional” fortaleceu a religiosidade mais tradicionalista, como o Lubavitch, que enfatiza mais o fato do jovem sentir-se bem durante a cerimônia do que propriamente a aceitação de suas premissas teológicas.

A demanda desta identidade jovem judaica é imediatista, exige que a satisfação individual, ao encaixá-la na coletividade, seja eficiente sem torná-lo dependente de qualquer forma mais discursiva de identificação. Se o judaísmo é identificado com a religião, a sinagoga, que é o espaço onde a crença toma corpo através do ritual, vai funcionar como catalisadora da sensação de pertencimento. É fundamental que a sinagoga faça com que o jovem sinta-se bem durante sua permanência e isto é conseguido, por exemplo, com o conforto das poltronas, pelo sistema de ar-condicionado central, pela moderna arquitetura do edifício, pela simpatia dos rabinos, pelo sentimento de que aquele é o judaísmo “verdadeiro”. O conforto material faz parte, então, das exigências de uma juventude de classe média, cujo maior exemplo foi uma das sextas-feiras em que o sistema de refrigeração central da sinagoga quebrou e havia uma enorme quantidade de jovens do lado de fora, conversando. A cerimônia, inclusive, estava ainda na metade.

Estes jovens querem um judaísmo/religião pronto (a) para ser consumido, capaz de fornecer inúmeros atributos passíveis de escolha, de acordo com a situação, tornando compatíveis o mundo secular da juventude carioca e o mundo religioso da sinagoga. Talvez as críticas severas dirigidas ao rabino Nilton Bonder, representante da corrente conservadora no Rio de Janeiro, se deva ao fato de a maioria destes jovens não estarem dispostos a formular, de modo racional e coerente, sua identidade judaica. Aqueles que aderem a esta outra concepção do judaísmo devem aprofundar-se nas problemáticas

³⁷ Grin, Mônica “Diáspora minimalista: a crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro” in Sorj,Bila (org)

levantadas pelas mudanças trazidas pela Modernidade, como a permissão dada às mulheres de “subir à Torá”, colocar “kipá”, “talit” e “tefilin”. Para a maioria deles, no entanto, que exigem respostas rápidas e eficazes para suas necessidades, não há tempo hábil para o debate sobre estas inquietações. É mais prático, e por isso menos angustiante, consumir um certo judaísmo que já está pronto, que está aí “há três mil anos”, como disse o rabino-chefe da congregação. Tendo em vista esta demanda, o Habad conseguiu preencher a lacuna deixada tanto por reformistas quanto por conservadores, estabeleceu um diálogo entre a vida urbana desta juventude judaica carioca com as carências produzidas por este mesmo estilo de vida moderno e individualista.

O judaísmo, equivalente à religião, considerado legítimo ou “verdadeiro” vai ser aquele que apresentar um sentido de continuidade entre o passado e o presente e, neste sentido, a cerimônia do “shabat” na sinagoga Beit Lubavitch fornece os elementos da Tradição a serem utilizados. Em primeiro lugar, a identidade destes jovens deve passar um sentimento de continuidade e constância através do tempo, e o ritual representa aquele judaísmo que era praticado nos pequenos vilarejos da Europa Oriental. O jovem sente-se “em Lodz de 1912”, como dito por uma entrevistada.

Em segundo lugar, a forma como é conduzido o ritual é mais ou menos legítimo de acordo com o reconhecimento daquele que o leva adiante. Admite-se que há uma maneira mais verdadeira de interpretar-se o texto sagrado, ritualizando-o, a chamada “verdade formular”³⁸. Os rabinos do Lubavitch parecem simbolizar o legítimo representante da religião judaica, são eles que detêm, com suas longas barbas negras, o chapéu negro e as capotas negras de “três mil anos atrás”, a autoridade para definir o que é certo e o que é errado. A existência desta “verdade formular” confere estabilidade ao ritual, imprescindível para aliviar as angústias e os conflitos internos em busca do referencial identitário provisório e é o que leva muitos jovens à sinagoga ouvir o que o rabino tem a dizer. Reconhece-se, na sua figura, a sabedoria e inteligência necessárias para guiar suas vidas da maneira menos rígida possível, sem o perigo de encontrar-se frente à frente com o desafio imposto pela Modernidade, a indagação permanente das verdades absolutas.

Identidades judaicas no Brasil contemporâneo, RJ, Imago, 1997

³⁸ Giddens, Anthony “A vida em uma sociedade pós-tradicional” in Beck, U Giddens, A & Lash, S. *Modernização reflexiva*, SP, UNESP, 1997

A função simbólica da Tradição, expressa no ritual, fornece um senso de continuidade, de solidariedade entre a geração passada e a presente. O problema colocado pelo judaísmo conservador não está tanto na expressão simbólica quanto na mudança da forma com que o ritual é representado. Sua eficácia parece estar ligada à uma “economia da mediação”³⁹, onde o rabino deve ter barba e vestir o terno negro. O sistema simbólico que organiza a experiência humana, a nível individual, também se faz presente nos rituais públicos, como o “shabat”, organizando a sociedade. O Lubavitch simboliza a fronteira entre a religião judaica “verdadeira” e a “desviante”.

Há uma espécie de “complexo rabínico”⁴⁰ na manutenção desta identidade, possível apenas na relação entre o rabino e o público que comparece ao ritual. O primeiro inicia as canções em hebraico, sendo imediatamente reconhecido como o modo legítimo de agir, então o segundo passa a acompanhá-lo harmonicamente e um sentimento de bem-estar toma conta de todos, porque é um fenômeno coletivo. O compartilhamento cultural, através do ritual, induz certas motivações⁴¹, o tal “sentir-se bem” durante o “shabat”. O caráter subjetivo deste judaísmo jovem de hoje tem sua maior expressão exatamente na parte musical, onde é mais importante apreciar a melodia e a companhia de dezenas de outras vozes em conjunto do que compreender o que se está dizendo. A leitura em hebraico e o modo de cantar de “tempos imemoriais” faz a ligação entre o passado e o presente, ao passo que o português seria a deturpação da “verdadeira” religião.

É preciso compreender até que ponto estes jovens estão dispostos a incorporar a Tradição à suas vidas, e a partir de que momento ela passa a ser um empecilho ao seu estilo de vida moderno. Chegar na hora que bem entender, vestir-se “à paisana”, sem as exigências impostas aos ortodoxos, e praticar determinações divinas, como comer comida “kosher” ou colocar o “tefilin” esporadicamente, não são consideradas transgressões imperdoáveis pelos rabinos do Lubavitch. Na verdade, segundo seu ponto de vista, deve-se sempre olhar pelo lado positivo, ilustrado pelas inúmeras fábulas típicas do movimento chassídico, tendo em conta que “o que vale é a intenção”. Além disso, tem-se a esperança de que a percepção de que AQUELE judaísmo é o verdadeiro possa atrair jovens para as fileiras de seguidores da ideologia fundamentalista messiânica do Habad. Fazer

³⁹ Douglas, Mary “The Irish bog” in *Natural symbols*, Pennsylvania, Pantheon Books, 1970

⁴⁰ Lévi-Strauss, Claude “O feiticeiro e sua magia” in *Antropologia Estrutural*, RJ, Tempo Brasileiro, 1970

⁴¹ Geertz, Clifford “A religião como sistema cultural” in *A interpretação das culturas*, RJ, LTC, 1989

“teshuvá” ou “retornar” ao judaísmo via seus ensinamentos é o objetivo máximo da congregação, mesmo que se chegue nos últimos cinco minutos da cerimônia, já que o processo de Redenção é lento, mas progressivo. Até mesmo a separação dos sexos deixa de ser um empecilho ao jovem, se este elemento da Tradição não estiver em contradição com o que ele espera da sinagoga.

“Se, por exemplo, meu pai fosse, eu gostaria de estar junto dele. Só que meu pai não vai, então pra mim não faz diferença porque eu vou com a minha avó. Eu gosto de estar com a pessoa que eu fui. Eu não iria no Lubavitch para ficar sozinha, se for pra sair de casa e chegar vinte, trinta minutos atrasada, eu não vou” (S., estudante de desenho industrial)

Por outro lado, a proibição de sentar-se junto com a namorada ou com a mãe pode incomodar de modo tão profundo que a Tradição passa a ser rejeitada em favor de uma corrente que forneça um outro significado legítimo à judeidade. Esta tensão entre a Tradição e a Modernidade demonstra o valor que a ortodoxia goza neste meio juvenil judaico mas que não parece disposto a incorporá-lo nas suas vidas. A sinagoga ortodoxa e seu representante, o rabino de barba e chapéu, são importantes como referência a um passado, mas que não deve ser parte de seu presente, seu cotidiano. Esta identidade juvenil acha, na sinagoga ortodoxa, um referencial coletivo, um sentimento de pertencimento, de estabilidade. Nela responde-se às perguntas “quem sou eu?”, “de onde venho?”, “para onde vou?”.

A atuação do Habad no meio secular se realiza pelas relações recíprocas entre o meio ortodoxo e o meio não-religioso. Totalmente integrados na sociedade moderna ocidental e vivendo a ameaça da “assimilação” (por casamento misto ou cultural), estes jovens vêm na Beit Lubavitch o representante legítimo da identidade judaica, representa o judaísmo “autêntico”. A trajetória comunitária destes jovens ajuda a explicar a dificuldade de se construir uma identidade substantiva não-religiosa. A partir da entrada na faculdade, e o contato com os mais diferentes “tipos” de jovens, cada um com uma identidade diferente, o judeu se vê perdido no meio da multidão. Necessita de uma referência identitária mas, ao olhar para dentro da comunidade judaica não vê muitas opções. A idade não permite freqüentar o movimento juvenil e os amigos do colégio foram para outras faculdades. Manter vínculos com a comunidade judaica através de programações voltadas para a sua juventude fica cada vez mais difícil. A sinagoga, neste sentido, é a solução mais simples,

uma vez que “sempre” existiu e é, segundo o senso comum destes jovens e a tradição religiosa, o maior símbolo do judaísmo.

Cada sinagoga do Habad está aberta a qualquer judeu, envolvendo-se em trabalhos sociais, seja na preocupação com os problemas individuais de cada freqüentador e o conseqüente envolvimento na sua resolução ou no calor humano passado na recepção a cada sexta-feira. Esta economia da troca simbólica está inserida na concepção de “missão” descrita acima, o objetivo é alcançar a Redenção pelo resgate da identidade judaica de cada judeu desgarrado do rebanho. Há duas lógicas agindo ao mesmo tempo, a chamada “compartimentalização”⁴², uma interna e outra externa. A externa envolve o convencimento, numa linguagem condizente com o estilo de vida moderno, de que aquele é o judaísmo a ser seguido e que lhe dará a segurança ontológica necessária para continuar vivendo em paz; a interna diz que a “missão” é purificar a alma judaica imersa no ambiente não-judaico.

O maior exemplo deste resgate são as “campanhas” realizados pelos seguidores do movimento, sendo a mais conhecida delas a “Campanha do Tefilin”, quando monta-se uma barraquinha numa calçada movimentada da cidade e pergunta-se aos pedestres se são judeus. Caso a resposta seja afirmativa, ele é convidado a aproximar-se e cumprir com o seu dever diário com o judaísmo⁴³. Apesar da colocação do “tefilin” demandar uma série de cuidados especiais ausentes na rua (como a concentração somente naquele ato, ignorando o mundo material), crê-se que o objetivo maior, trazer o judeu assimilado, torna aceitável a transgressão das regras sagradas. O “tefilin” é considerado “completamente judaico” e, uma vez que o judeu coloca-o no braço e na cabeça, transforma-se de um “judeu não-judeu” a um judeu cuja identidade judaica verdadeira é manifesta publicamente. Para transformá-lo num judeu para si e para os outros é preciso confrontá-lo com sua identidade judaica, e este objetivo é alcançado quando o “tefilin” é finalmente colocado. Uma vez afirmada, há uma chance, na cabeça dos seguidores do Habad, de que o judeu transeunte continue a fazê-lo por conta própria e passe a comparecer

⁴² Friedman, op.cit

⁴³ Todas as vezes em que me encontrava com o Rabino Chaim para discutirmos assuntos ligados à religião judaica, passava pelo mesmo ritual: antes de ir embora, perguntava-me se já havia colocado o “tefilin” naquele dia. Ao ouvir minha resposta, “não”, perguntava se não gostaria de colocá-lo ali, na hora. Sempre respondia que sim, apesar de não acreditar nesta simbologia. Pensava: “não custa nada, afinal de contas ele é muito simpático e solícito comigo”.

ao serviço religioso das sextas-feiras, aos encontros e, em última instância, torne-se um membro do grupo, acelerando o processo de Redenção messiânica.

Os rabinos do Beit Lubavitch têm consciência de que a falta de regularidade na frequência à cerimônia do “shabat” está relacionada ao caráter efêmero e à importância dada à parte subjetiva do culto, à representação tida por legítima. Contudo, tentam inculcar a idéia de que é necessário absorver o verdadeiro significado daquilo que está sendo feito naquele momento e de todos os preceitos divinos, como a colocação do “tefilin”. Numa das pregações, um dos rabinos da congregação, logo que se colocou de frente para o público disse “Enxergar o invisível é alcançar o impossível”. Esta frase é uma citação, segundo ele, do Rebe de Lubavitch, o sétimo da dinastia. Fez uma crítica àqueles que só vêm a aparência e se esquecem que todo judeu tem uma essência (palavras dele) que lhe diz “você é judeu”. Disse, ainda, que o cumprimento de uma “mitzvá”, por mais esporádico que seja, deve ser lido pelo lado positivo (como vimos acima, em relação à ideologia do Habad), mas que é de fundamental importância entender o que cada um destes atos significa, em termos religiosos obviamente. É a disponibilidade de cada jovem que irá dizer se a intenção deste rabino, e de todos os outros da congregação, terá uma resposta positiva ou negativa.

Apesar de os rabinos do Beit Lubavitch afirmarem que não modificam a religião, deixando a cargo dos frequentadores da cerimônia do “shabat” a escolha do que será incorporado à sua judeidade, a atração exercida sobre estes jovens se deve exatamente à adaptação da ortodoxia ao estilo de vida moderno. Não se importar que se chegue à sinagoga de carro ou com calças coladas ao corpo, realçando a sensualidade feminina, por exemplo, fazem parte do processo de negociação de identidades, tanto da sinagoga quanto desta parcela de jovens judeus da zona sul. O direito que é dado a cada um de escolher aquilo que será levado para casa dentre os inúmeros símbolos presentes no ritual é consequência de uma nova forma de afirmar a identidade étnica judaica.

O caráter subjetivo e emocional desta identidade permite que a procura de símbolos de pertencimento, de vínculo a uma coletividade e de continuidade com o passado flua do mundo da ortodoxia para o mundo da secularização e vice-versa. A Modernidade explicitou a contextualidade de qualquer tipo de identidade e a possibilidade de reinterpretá-las à luz de novas experiências de vida, inclusive dessacralizando a Tradição, como é o caso da Beit Lubavitch. O judaísmo moderno, pautado pelo discurso coerente, ou

seja, por uma lógica interna encadeando a história judaica e o desenrolar da sociedade moderna a partir do Iluminismo, e pela reflexividade era, ao mesmo tempo, rígido pois se inseria nos ideais universalistas da época. O judaísmo “pós-moderno”, por sua vez, ao enfatizar a subjetividade, abre a possibilidade de modificar a concepção do “ser judeu” a cada momento, eliminando a rigidez na definição da identidade judaica, e relativiza a importância daquela coerência. O passeio pelos diversos atributos utilizados como meio de identificação torna-se possível pelo não-comprometimento moral com esta ou aquela corrente de pensamento, religioso ou não.

A Modernidade trouxe a noção de “indivíduo”, segundo a qual cada ser humano é responsável por seus atos e seus desejos individuais tem prioridade sobre os desejos da coletividade. O “indivíduo” tem o direito de escolha, tem a liberdade de tomar o caminho que achar melhor para sua vida, seja no lado profissional ou pessoal, na medida em que seu mundo está pautado pelo princípio da igualdade. Contudo, como parte da sociedade, este “indivíduo” sente necessidade de relacionar-se com outros “indivíduos”, criar laços de solidariedade e afetividade, compartilhar valores, experiências e símbolos. Transforma-se numa “pessoa”, um membro do grupo, se sente bem nele pois tem o suporte emocional dos outros. Integrados na sociedade moderna, estes jovens cariocas, individualizados no seu cotidiano, encontram, na sinagoga, uma contrapartida. Por algum tempo, renovam os laços de pertencimento ao grupo e “recarregam as baterias” para mais uma semana de estudos e trabalho, até a próxima sexta-feira.

Capítulo 3- Sexo, casamento e assimilação

“Odiava-a porque era jovem, bonita e assexuada, porque desejava ir pra cama com ela, e porque nunca o faria, porque a cinturinha fina e convidativa, que parecia pedir que a segurasse com o braço, só havia a odiosa faixa escarlate, o agressivo símbolo da castidade”

“Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos vagarem num lugar público, ou no campo de visão duma teletela. A menor coisa poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho- tudo que sugerisse anormalidade, ou algo oculto. (...) Em novilíngua havia até uma palavra para caracterizá-la: chamava-se ‘falacrime’”
(1984, George Orwell)

“Com quem devo me casar?”. Esta é uma pergunta que inquieta todos os jovens entrevistados. Integrados à sociedade brasileira e usufruindo de todos os produtos disponíveis à sua faixa etária têm, a priori, a liberdade de unir-se numa relação estável com qualquer pessoa. A identificação pode se dar nos mais diversos níveis, seja na música, na literatura, na culinária, no lazer de fim-de-semana, na aparência, na inteligência, no time de futebol...Mas a possibilidade de conhecer e interessar-se por uma pessoa de fora da comunidade, não-judia e com uma história de vida diferente, desafia uma das marcas principais da identidade judaica religiosa: o casamento endogâmico.

O mito da endogamia influencia a definição da identidade judaica destes jovens ao menos no nível do discurso. Na prática, não é tão inexorável a tomada de decisão em prol de um (a) parceiro (a) judeu se não há amor ou desejo. Tanto o jovem que se considera religioso quanto o que se considera reformista ou conservador compartilham deste mito. A Tradição, representada pelo ventre materno, mais uma vez tem de duelar com a Modernidade. É importante entender o sentido, o significado que eles dão ao casamento hoje, se o casamento “misto” continua sendo um tabu, ao menos na teoria.

Embora seja difícil saber a evolução dos casamentos mistos no Rio de Janeiro, informantes qualificados, como líderes comunitários e diretores de escolas judaicas afirmam que o número de casamentos mistos têm crescido de maneira constante no RJ,

principalmente quando os dois cônjuges, judeu e não-judeu, fazem parte de um mesmo estrato sócio-econômico. Estima-se que 20% dos judeus cariocas casam-se com parceiros convertidos e os restantes 80% se distribuem entre cônjuges judeus e não-judeus que não se convertem⁴⁴. Muitos jovens demonstram conhecer este fenômeno e o associam à queda do número de judeus na cidade. Adotando uma definição do ser judeu de acordo com uma tradição religiosa, ou seja, o princípio da matrilinearidade, segundo o qual a criança que nasce é judia apenas se o ventre materno o for, é importante para muitos deles casar endogamicamente. É preciso completar esta noção religiosa do ser judeu já que, apesar de raramente citada, a conversão permite que não-judeus se tornem, através de um complexo ritual de passagem (que inclui aulas de história judaica, de religião e, no fim, um avaliação de um “tribunal rabínico” e o banho ritual), judeus.

Participando da vida social, cultural e política de sua cidade, estes jovens judeus cariocas freqüentam a praia, jogam bola na areia, saem à noite para tomar chopp, bater papo com os amigos e comer petiscos e adoram dançar nas boates mais badaladas entre a juventude carioca de classe média. Nestes ambientes, é possível conhecer novos amigos e iniciar algum tipo de relacionamento afetivo. É este perigo de ir além das fronteiras comunitárias em busca de novas amizades e namoradas que leva à organização de eventos como a “Noite da Pizza” e a “Star Party”, que ficam a cargo tanto de grupos de jovens formados exclusivamente para este fim quanto pelos departamentos juvenis das sinagogas da cidade (a “Noite da Pizza” foi idéia do departamento juvenil da Beit Lubavitch). Vimos que são um meio de fortalecer os laços de solidariedade, de manter vínculos com seu grupo de origem através da amizade. Ao mesmo tempo, um outro objetivo, ainda que obscurecido, é descobrir um (a) jovem disposto a iniciar um namoro e evitar, deste modo, a principal transgressão relativa à identidade judaica para estes jovens: namorar/casar “fora”. A faculdade e as boates são locais propícios a este tipo de situação-problema.

O caminho até o casamento é longo e tortuoso, sua trajetória inclui desde as relações mais efêmeras e superficiais, o chamado “ficar”, até o namoro, que pressupõe um maior envolvimento emocional com o (a) parceiro (a). Cada um destes relacionamentos afetivo-sexuais traz uma série de questões que devem ser analisadas como, por exemplo: a

⁴⁴ Sorj, Bila “Conversões e casamentos ‘mistos’: a produção de ‘novos judeus’ no Brasil” in Sorj, Bila (org)

oposição razão *versus* emoção; o papel social de homens e mulheres dentro da comunidade judaica; a importância da imagem pública para a legitimação destes papéis; a religião como definidora da etnicidade; a negociação de identidades; a endogamia como proteção ao preconceito.

1. “Ficando” com alguém

O “ficar” pode ser definido como uma relação afetiva (que pode ou não envolver atos sexuais) que, de início, não carrega grandes perspectivas de futuro, não se gera expectativa quanto à sua continuidade, é geralmente de caráter superficial e efêmero. Os beijos costumam ser intensos, uma vez que o casal deve aproveitar ao máximo aquele momento e que, não raro na mesma noite, pode ser compartilhado com outra pessoa. O espaço mais comum, mais freqüente deste tipo de comportamento é a boate, a discoteca, e são os homens que geralmente tomam a iniciativa da abordagem. No momento da despedida, se os dois se divertiram, o homem pode pedir o telefone da moça mas acontece também dela se antecipar e pedir o dele.

Muitos rapazes só conseguem “se soltar” depois de algumas doses de whisky, algumas garrafas de cerveja ou copos de caipirinha, ficam “alegres”. Outros preferem investir seu charme ainda sóbrios, com a consciência de que o bafo de álcool e a língua meio enrolada podem contar negativamente. Não se pode negar, contudo, que as moças também bebem, menos talvez, e que há aquelas que “entram no clima” da azaração e não se importam com um certo nível de embriaguez dos rapazes. A maioria delas sabe que, neste ambiente, um dos objetivos é se divertir, beijando e abraçando um “namorado de momento” ou “ficante” sem a obrigação de estar comprometida. Dançar e “ficar” e beber (não é à toa que muitas propagandas de festas anunciam “bebida liberada a noite toda” como forma de atrair mais gente) são, para muitos deles e muitas delas, parte de uma noite na discoteca, assim como conversar e tentar arranjar alguém estão na base das festas da comunidade judaica somente para sua juventude

O tipo de abordagem do homem varia de acordo com o seu estado de sobriedade. Em condições físicas normais, podemos pensar em quatro situações. A primeira

delas acontece quando os olhares cruzam-se e cria-se uma empatia entre eles. No momento em que o homem sente-se confiante o suficiente para ir conversar com a mulher, ele se aproxima e diz alguma coisa no seu ouvido. Ela, se estiver realmente interessada, responde de volta e assim o papo se desenrola. A certa altura, o homem tenta aproximar-se já com a intenção de beijá-la. Este jogo de sedução pode durar vários minutos, ele insistindo e ela “resistindo” mas, na verdade, o final da história já é conhecido. É comum um grupo de amigos ficar observando o desempenho de um deles e comentar, durante a investida, “já pegou, é questão de tempo” se acharem que a atitude da moça é positiva. Uma segunda situação se dá quando o homem se interessa e, sem ter qualquer indício de que será bem-sucedido na investida, tenta puxar conversa com o “alvo”. A terceira situação é quando o homem fica olhando-a fixamente até ela perceber que está sendo observada e reagir positiva ou negativamente, um pequeno sorriso ou dar de ombros. A quarta é a situação inversa, quando é a mulher que “dá mole” ou “dá condição” e, aí, é só “chegar e pegar, tá no papo”.

Todas elas são consideradas abordagens bem-educadas, respeitadas. Ocorrem, no entanto, situações em que o homem, depois de beber um pouco além da conta, do socialmente aceitável, abandona o ritual da conquista e resolve “partir para os finalmente” agarrando a moça, puxando seu braço ou os cabelos. Normalmente este tipo de abordagem não faz muito sucesso entre elas. Há uma espécie de acordo implícito de como cada uma das partes deve comportar-se durante o ritual e qualquer manifestação que não esteja dentro do combinado pode por em risco o sucesso da operação. É interessante notar que muitas vezes o nome fica em segundo plano, sendo conhecido apenas no meio da “ficação” ou nem mesmo é mencionado, quando a relação dura apenas alguns beijos.

Quando o casal continua saindo após o primeiro encontro, marcando o local e a hora pelo telefone e conversando sobre diversos assuntos numa tentativa de se conhecer melhor, é possível que o “ficar” se transforme em namoro, numa relação mais séria e estável onde os dois se comprometem moralmente. Um dos objetivos das festas exclusivas para a juventude judaica é o “ficar” e o “arranjar” namorado (a).

“Como pra quê ? Ué, pra nego se pegar, pra fazer casamento. Essa festa não é todo sábado, é de três em três meses, se for toda semana aí vai um, dois, não dá. O objetivo é botar todo mundo num meio onde todo mundo se conhece, pra rever os amigos e pra nego azarar, bicho ! Eu tava lá de olho (nas mulheres), assim como todo mundo que tava lá, com certeza”(D., “promoter”)

“As mulheres reclamam que pintam uns caras de trinta anos atrás de mulher, eu vou pra uma festa judaica assim como eu vou pra uma boate normal. Um dos objetivos é garimpar alguma coisa. Ali você sabe que são todas judias, eu espero que sejam. Eu conheço, eu sei quem são e quem não são. De repente, têm umas novas, aí você chega ‘ih! Quem é essa ?’ e não sei o quê...Eu conheço a cara de todo mundo”(B., estudante de jornalismo)

“Teve uma festa, ano passado, no El Turf (no Jardim Botânico), recebi o convite, liguei pra uma amiga minha e falei ‘ah! Vamos dançar !’. Tava meio vazio, foi meio furada, aí eu falei ‘cara, estas festas da comunidade tão ficando muito furadas’. Aí a L. falou ‘vamos dar uma volta pra ver quem tá conhecido’. De repente, eu escuto meu nome, quando eu olho ‘cara, Leo Bundinha!’, aí reencontrei o Leo, a gente retomou a amizade, a gente penetrou num casamento de uma amiga nossa em comum e aí a gente começou a namorar. Quer dizer, foi a festa da comunidade que fez a gente...é óbvio que a retomada de amizade foi depois e posteriormente o namoro, não foi na festa” (M., historiadora)

A dinâmica da festa exclusiva para a juventude judaica é totalmente diferente das festas que são realizadas em nas boates espalhadas pela cidade, verificada, por exemplo, no comportamento dos frequentadores. Formam-se pequenas rodas de amigos e amigas (geralmente meninos e meninas fazem parte de um mesma roda) que se consideram auto-suficientes, ou seja, não precisam socializar-se com outros frequentadores apesar deste ser um dos objetivos do evento. Reconhecendo um amigo ou conhecido do outro lado do salão, por exemplo, o jovem vai até ele (a) ou espera que ele (a) passe perto de onde ele está para trocar duas palavras. Como o fluxo de pessoas entrando no salão e circulando pelo ambiente é contínuo, somente quando um rapaz ou moça bonitos e que não são facilmente reconhecidos como judeus, ou quando aparece um casal de namorados onde um dos dois também não é reconhecido como parte da comunidade, é que surgem comentários a respeito. Durante a festa é raro ver um casal se beijando, a não ser que sejam namorados e reconhecidos como tais pelo tipo de comportamento. Acaba prevalecendo o outro objetivo, o “social”, onde cada grupo de amigos se fecha em torno de si e, apesar de haver o desejo de “ficar” com o (a) garoto (a) ao lado, não há a coragem necessária para se iniciar uma conversa amigável e, quem sabe, acabar “rolando”. A festa virou um ponto de encontro de amigos, já que a diversão ligada à atração física é mais difícil de se concretizar. As abordagens ocorrem, porém sua frequência, em comparação às festas e boates não-judaicas é bem menor.

“Que gostam do ‘social’, preferem ficar conversando...não sei se tu foi a penúltima festa que teve no clube, foi uma festa...não tô lembrando do nome dela. Que tinha a sede nova do clube (da Barra), foi horrível aquela festa, foi horrível. Porque o salão dentro da boate e fora ficou todo mundo conversando, e por que todo mundo conversa ? Porque a festa da comunidade passou a ser um ponto de encontro, de encontrar amigos, ‘ah! Hoje tem festa da comunidade, eu vou encontrar o fulano, o sicrano...” (R., estudante de jornalismo)

“É um lugar que dá pra conversar, que dá pra ver as pessoas (a pizzaria Gattopardo). Fazer uma boate não é uma coisa muito legal porque você não consegue ver as pessoas, não consegue conversar e não fica legal. Foi horrível (a festa no El Turf), você não consegue conversar com as pessoas porque a música é muito alta, não vai muita gente. Sempre fui em todos os eventos, mas agora eu tô escolhendo mais onde eu vou, mas não é muito obrigatório. Essas festas eu acho que é mais pra juntar a comunidade, as do Lubavitch eu acho que é basicamente pra arranjar casal, com certeza, que é o que eles querem, é a proposta deles. Mas têm os outros que eu acho que é pra juntar a comunidade mesmo”(S., estudante de desenho industrial”

“Têm uma diferença muito clara: na festa judaica eu conheço todo mundo, muita gente, então você fica mais enturmado. Numa boate, você já vai com um grupo mas a maioria das pessoas que tão lá você não conhece. Agora, os objetivos são os mesmos: homem atrás de mulher. Não, não, não...mas aí você pensa a festa judaica, se bem que eu não penso em casar com vinte e quatro anos, quer dizer” (B., estudante de jornalismo)

“Quando eu vejo as caras, milhares de casais conhecidos, todo mundo junto é muita coincidência. Eu acho que vai na mesma leva do ‘o cara não faz merda pra não ser intitulado de babaca’. Todo mundo se conhece, todo mundo já viu” (S., estudante de marketing)

“Eu acho que a idéia de ter sido feita no Gattopardo (a “Noite da Pizza”) foi boa porque é um lugar diferente, é um lugar em que podem ir todas as idades, não é aquele negócio de ser boate, lugar fechado, música alta...um ambiente super agradável” (R., estudante de administração)

“Tu vai normalmente numa festa com teus amigos, ou pra zoar ou pra pegar mulher. Homem pensando é assim. E uma festa da comunidade tu vai com teus amigos mas não existe pegar mulher, tu não pega ninguém (...) porque tão todos os teus amigos, aí você vai chegar na garota e tem a outra do lado que te conhece. Não fica um clima propício, não é um lugar que tu entra e não conhece alguém, não importa o que acontecer e assim vai. O meu objetivo de ir pra ‘night’ não vai ser alcançado, com certeza” (D., estudante de direito)

Um dos motivos pelos quais não se “fica” é a sensação desagradável de estar sendo observado por conhecidos (não necessariamente amigos) e ser alvo de comentários maldosos ou fofocas. Além disso, o simples desejo carnal deve ser reprimido na medida em que há uma expectativa quanto à continuidade da relação por parte dos outros presentes.

“Têm várias amigas minhas que ‘ficam’ só com judeu e tem várias que não ‘ficam’ de jeito nenhum. Porque é muito chato, as fofocas, qualquer coisa que acontece, todo mundo sabe. Você ‘fica’ com um cara (judeu), no dia seguinte todo mundo já sabe” (S., estudante de desenho industrial)

“Eu acho que a comunidade judaica é muito fofoqueira, mas eu não gosto disso, as pessoas sabem das coisas muito rápido. Isso é uma coisa que é desagradável, eu não posso sair com uma menina...Vou dar um exemplo meu: eu saí com uma menina, agora, e viram e numa outra festa ‘e aí...tá namorando?’. Eu fiquei puto da vida. É uma perda de privacidade muito grande, eu acho que as pessoas da comunidade, elas, nas festas judaicas, elas têm um pudor maior porque elas sabem que as pessoas tão vendo. Numa boate não sabe (...). É complicado, eu não sei o quê vai rolar na minha vida com essa menina e já tão falando dela, que eu tô com ela” (B., estudante de jornalismo)

“O pessoal evita, é verdade. Eu acho que é pra ninguém ficar sabendo, porque a comunidade tem isso, né? Porque ‘ficar’, não tá namorando, não sabe o que vai acontecer...é uma coisa que é meio complicada. Entre a comunidade a gente tem que agir de uma maneira diferente, parece que tem isso, né? A gente meio que se auto-exige uma conduta...” (M., historiadora)

“Uma pessoa tá numa festa, um judeu, que você não conhece, você não vai ‘ficar’...é difícil ‘ficar’ com uma pessoa desconhecida. Nessas festas ninguém se integra, você vê todo mundo conhecido ou os desconhecidos e quem é desconhecido continua desconhecido. Você fica com o seu grupinho e quem ‘fica’ com não sei quem são as pessoas que já se conhecem, a grande maioria ‘fica’ com conhecido. Já conversou, tem um amigo que conhece, mas se você chega num desconhecido, sabe...Cada um fica com o teu pessoal, tipo assim, tem uma pessoa nova que foi com um amigo, ele vai ficar com o grupinho dele, que ele já conhece. Eu acho que é difícil conhecer outras pessoas” (I., estudante de arquitetura)

“Tá todo mundo se olhando (risos), onde fica todo mundo se analisando pra ver com quem você tá ou pra ver como você tá vestida, ou pra ver se te conhece de algum lugar. Com certeza você não tá num lugar comum, porque as pessoas já partem do princípio que ‘perai, deixa eu ver se eu conheço fulano’, depois dá uma olhada pra roupa, ‘tá, tudo bem, não tem nada pra comentar’, ‘com quem fulano tá?’, ‘pô! Peraí, quem é esse cara?’, ‘ih! Ele tá com fulana?’, é de lei. Não é comum você estar num lugar e fica todo mundo te olhando. Quando eu vejo as caras, milhares de casais conhecidos, todo mundo junto é muita coincidência” (S., estudante de marketing)

“Dentro da comunidade se fala muito. Sempre que é um namoro entre dois judeus, existe a pretensão de que se torne uma coisa séria, existe uma perspectiva, uma euforia fora do normal” (I., advogada)

O fato de haver muita gente conhecida, amigos ou “de vista”, exige dos jovens uma certa representação que esteja de acordo com o que deles se espera. Se, oficialmente, o evento é organizado no intuito de integrá-los para uma possível relação estável, esta definição da situação vai pautar as ações tanto de moças quanto de rapazes no que diz respeito ao assédio, à aproximação. Pode parecer um paradoxo esta inibição quando, na verdade, se quer que haja a abordagem e o início de um envolvimento emocional que se desdobre num namoro e, quem sabe, casamento. O que ocorre é que a maioria destes jovens, e todos os entrevistados, não têm, como o primeiro objetivo, “arranjar” alguém. Pode vir a acontecer que, num encontro casual, o “ficar”, se gere um compromisso mais sério mas a probabilidade de que isto não ocorra pode abalar a imagem pública dos envolvidos. A partir do momento em que se aparece com alguém em público, espera-se que, ao menos, o casal esteja “se entendendo” e que “tenha futuro”. Ninguém está disposto a correr o risco de ser visto, em ocasiões diferentes, com parceiros diferentes pois a imagem de rapaz/moça “direito (a)” pode ser arranhada.

A imagem que deve ser passada nas festas varia com o sexo. O homem, por exemplo, deve evitar a aproximação sem a certeza de que vai “se dar bem”, colocando seu poder de sedução em jogo justamente num ambiente onde é muito fácil a fofoca passar de boca em boca até estigmatizá-lo como um fracassado no amor. “Levar um fora” de uma menina não é nada agradável.

“O judeu eles têm medo de levar um fora e aí se comentar ‘levou um fora’, tem muito aquela coisa de imagem. A pessoa não quer deixar a imagem dela diminuir porque ela pensa no futuro dela, então, uma pessoa que não é da comunidade, se ela chegar e levar um fora, não vai acontecer nada. Uma pessoa da comunidade, ela levar um fora, ela vai contar pra amiga, vai contar pra outra, vai ficar aquela fama ‘ah! Fulaninho tentou ‘ficar’ comigo e eu não quis’, entendeu ? Isso pode prejudicar no futuro em relação à outra investida da mesma pessoa em relação à outra pessoa. A relação é o seguinte: ‘pô! O y chegou em mim, eu não quis ‘ficar’ com ele, fala sério...não tava com vontade’, aí a amiga ouviu e vai indo assim e vai chegar também...tá arriscado a não querer porque infelizmente isso acontece” (Z., empresário)

“Minha mãe pediu, falou ‘vai, vai ser legal’ (risos). Eu fui porque amigas minhas iam e eu achei que...ninguém ‘pega’ ninguém, é um zero a zero danado, entendeu ? Ninguém tenta conhecer ninguém, se você vê alguém diferente, alguém que nunca viu na vida, o que é raro, mesmo assim as pessoas têm um receio de ‘levar um fora’ de um outro judeu. É uma coisa absurda, eles vão pra ver e serem vistos. Quase ninguém ‘fica’, acho que por medo de ‘levar toco’ de um judeu, aí...as coisas nunca conhecem às claras. Se você gosta de alguém, olha aquela pessoa e não faz nada na festa, mal chega perto, é muito raro, a não ser que você seja apresentado por um amigo, chegar e correr atrás do telefone de alguém...Fica aquele conformismo, ‘goy não dói, judia outro dia’, entendeu ? Tem medo de que tenha alguma fama ‘ah! Ele tentou e levou um não!’, é isso que eu vejo” (I., advogada)

“Eu acho que se ‘fica’, mas eu acho o seguinte: a pessoa tem vergonha de chegar. Como alguém vai chegar em mim e eu vou falar não ? Tá todo mundo olhando, ‘a B... vai...’, eu conheço a pessoa, então já começa por aí. Depois, e se não conhece, tem o vizinho que conhece” (B., estudante de medicina)

“Vergonha, porque cresceu no mesmo meio, todo mundo cresceu junto, eu acho que as pessoas vão no intuito de encontrar uma ‘carne nova’ lá, mulherzinha nova, um cara novo” (D., “promoter”)

Conseguir “pegar” não significa prestígio imediato. A conquista é qualificada, será bem-sucedida se a moça for considerada, por amigos e pelo imaginário coletivo masculino, “bonita”, “linda”, “maravilhosa”. A beleza, neste caso, serve como atenuante para o fato de a relação não seguir em frente, é um alibi que pode ser utilizado tanto pelo rapaz quanto pela moça, ‘cara, eu tenho que ficar com ela, não posso perder a oportunidade’. O raciocínio é o seguinte: se é pra “pegar” apenas, que “pegue” alguma menina bonita.

“Se você ‘ficar’ com uma menina e eu chegar e falar ‘ih, Marcelo ! Você ficou com ela, é ? Pô, mandou mal’, isso tira o teu estímulo um pouco. Infelizmente, o *marketing* pessoal existe, *marketing* pessoal, a pessoa que aparece fica feliz, faz o *marketing* dela” (Z., empresário)

“(Se ‘ficar’ com uma menina bonita) aí é show. Tu não vê que tem muita gente que é colecionador de mulher, cada dia tá com uma mulher ? Só pra desfilarem, pra dizer ‘pô! Aquele ali pega mulher bonita, né ?” (D., estudante de direito)

“As pessoas não vão com a pretensão de ‘pegar’, vai tipo ‘ah! Vou ficar conversando com uma garota legal, aí de repente eu pego o telefone dela...’, mas não rola de você chegar na mulher na mesma hora, por isso que a comunidade judaica é uma merda. Se tu toma um fora da mulher hoje, nego dos EUA vai te ligar pra dizer ‘pô! Tu tomou um fora da mulher...’, as coisas voam muito rápido. Não prejudica p...nenhuma, mas não custa evitar, às vezes a mulher até ‘ficaria’ contigo se não tivesse nenhum

conhecido perto. Quando você não conhece ninguém, pessoalmente, pouco importa se tu pegar mulher feia...na comunidade judaica tu chega e pega uma mulher feia aí nego já começa 'aquele cara só pega...', já sai comentando, sempre rola o zero a zero. Não é uma questão de ser zoado no mal sentido" (D., estudante de direito)

Esta maneira de portar-se em relação às meninas transforma a própria natureza da festa, de ponto de "azaração" passar a ser ponto de encontro de amigos. Esta mudança na definição da situação, um local há muitos conhecidos e se é reconhecido pelo nome e sobrenome muitas vezes, exige um controle sobre as atitudes ausente, por exemplo, em ambientes que se pode permanecer no anonimato. A bebida é um meio de perder o controle das ações, por isso não se vêem garotos ou garotas bêbados nestas festas, nem brigas entre os presentes.

"Alguém que é de fora, que não saiba que aquela festa é pra judeu, vai se ligar que há alguma coisa diferente ali. Você chegar numa boate e ver que todo mundo se conhece e que não tem aquele clima de pessoal enchendo a cara, não rola briga, não tem aquele clima tenso de boate. Não tem diferença de uma festa pra comunidade pra uma festa de ex-alunos da faculdade que se encontram dez anos depois" (R., estudante de administração)

"Até vou pra ver se tem alguém ali, é legal saber se tem ou não, mas o meu objetivo final não é esse. Quando o carioca tá num lugar que ele conhece todo mundo, ele não perde a linha e, quando você tá num meio que você não conhece ninguém, numa boate por exemplo, que não são as mesmas dos seu meio que frequentam a boate, é provável que você vai ver muita gente 'chegando' em todo mundo, puxando cabelo, vai ter isso" (Idem)

"Eu já sei que, provavelmente, é um lugar que não vai ter problema, onde as festas são tranqüilas, não tem quebra-pau, não tem baixaria. Até hoje, nunca teve, eu não sei se as pessoas se seguram um pouco porque sabem que se fizer merda, vai ser 'o' merda. Se você for numa festa, em algum outro lugar, você faz qualquer coisa que seja e, no dia seguinte, ninguém sabe quem você é, ninguém te viu. Se você tá num ambiente em que todo mundo conhece todo mundo, você vai ser intitulado de 'babacão'. Sempre tem alguém que conhece alguém que conhece alguém" (S., estudante de marketing)

Não há proibição formal de apenas "ficar" nas festas, há casos em que permite-se moralmente o envolvimento superficial (mas sempre com a expectativa de que siga em frente). O primeiro deles, como vimos, é a oportunidade única de passar algumas horas agradáveis com a "mulher mais bonita da comunidade". Nutrir um sentimento mais profundo em relação à pessoa desejada é um outro caso, transformando o amor platônico em realidade.

"A pessoa só vai 'ficar' se for alguém que está apaixonada por fulano, 'o único cara que, se chegar em mim eu fico, é fulano', uma coisa certa. (...) A pessoa que se importar mais com isso, ela só vai 'ficar' se ela tiver certeza de que 'pode ser' (um futuro namorado)" (S., estudante de marketing)

Há um limite. Quando ele é ultrapassado, a pessoa, rapaz ou moça, adquire o estigma de “galinha” (para ambos) ou “puta” (para ela). O (a) “galinha” e a “puta” são aquelas pessoas que, a cada evento, aparecem com um companheiro diferente, só pensam em aproveitar o momento e não se preocupam, de maneira aberta, com o futuro amoroso imediato, nem tampouco com sua imagem perante a comunidade judaica. Muitas vezes, a superficialidade da relação envolve sexo casual, daí a correspondência com a palavra “puta”. Neste caso, a menina seria vista como uma prostituta ao dar seu corpo em troca do prazer físico, e é esta amoralidade que incomoda os presentes. Não é apenas a rotatividade da companhia que define uma “galinha” mas um determinado comportamento, quer inclui a roupa, a maquiagem, gestos e trejeitos identificados com o estigma. É interessante notar que nem sempre é o número de pessoas com quem se “fica” que determina sua condição desfavorável, mas sim a aparição nas festas programadas periodicamente com parceiros diferentes em cada uma delas. Não importa, de um modo geral, o que se passa além das fronteiras comunitárias, com quantos não-judeus se “fica”, se 8 ou 80, mas o comportamento entre seus “iguais”. Neste sentido, independe se a festa ocorre a cada semana ou seis meses, porque a temporalidade é diferente e é baseada nela que a impressão passada é avaliada.

“Ninguém vai ‘ficar’...ninguém não, têm pessoas que até ‘ficam’ mas, se for mulher vai ser intitulada de ‘puta’ e se for homem vai ser intitulado de ‘galinha’. Esses são os que ‘ficam’ porque cada festa ‘fica’ com um diferente. Não é maldade não, porque se vão sempre as mesmas pessoas para as mesmas festas, e cada vez que vai pruma festa o fulano ou a fulana tá com pessoas diferentes, independente do espaço entre as festas, é as vezes que você vai olhar pra cara dessas pessoas, entendeu ? Fica mal falada, porque uma vez tudo bem, duas vezes tudo bem, mas se toda festa que você for você ‘fica’ com u a pessoa diferente, independente do período do evento, no meio tempo você não tá saindo com essas pessoas” (S., estudante de administração)

“Porque todo mundo se conhece. Tá um garoto, você tá numa boate lotada e aqueles garotos ‘chegando’ em você, um monte de gente que você nunca viu na sua vida (...). Eu não vejo problema nenhum você ‘ficar’ com alguém numa festa e depois ‘ficar’ com outro em outra (festa) da comunidade. Tem que ter um limite porque o pessoal da comunidade fala, fala bem, fala à beça, entendeu ? É um pessoal que fala. Eu não tô dentro do pessoal que é falado, eu odeio essa coisa da comunidade que se fala à beça, e se fala mal. Eu odeio essas fofquinhas, você não pode fazer nada, estou falando em geral da comunidade. Eu não tô dentro dessa fofocada toda, mas geralmente é assim: você faz uma coisa e no dia seguinte todo mundo sabe. Isso é verdade, você vai ser chamada de ‘galinha’, mas não se você ‘ficar’ hoje com um e na outra festa ‘ficar’ com outro. Se isso se repete muito, falaria mais rápido se falasse que tivesse ‘ficado’ com um monte de cara da comunidade. Uma coisa é você ter bom senso, entendeu ? Partindo do princípio que eu não sou (‘galinha’), eles não tem nada a ver com a minha vida, não me conhecem dane-se. Mas não é assim, na prática todo mundo se incomoda. Você pode ser muito auto-suficiente mas não sei, cara...ninguém se sente muito bem quando ‘tá falando de mim’. Você não se sente bem” (I., estudante de arquitetura)

“O ideal é, se ele ‘pegar’ uma mulher maneira, pega outra, pega outra, vai com calma, não adianta sair ‘ficando’ com todo mundo” (Z., empresário)

Ser judeu é, acima de tudo, querer ser reconhecido como tal e participar da vida social comunitária legitimamente, é ter de se comportar de uma maneira específica. Refrear aos instintos, por exemplo, é fundamental para manter a imagem de dignidade e respeitabilidade, contudo perde-se uma das faces da diversão, o contato sexualizado. Se, para uns, como vimos, a festa satisfaz suas expectativas de reencontrar os amigos, para outros ela se transformou num “programa de índio”, numa “furada”, sinônimo de chatice. A diversão sem compromisso desaparece, característica das boates espalhadas pela cidade, onde ninguém sabe o nome de ninguém e os atos não têm maiores conseqüências para a reputação. Muitos jovens deixaram de frequentar as festas da comunidade exatamente porque o contato com o sexo oposto tornou-se assexuado, cuja transgressão pode acarretar em prejuízo para a imagem.

“Não sei, as festas são feitas nos moldes de qualquer lugar, com os mesmos dj’s, com as mesmas músicas. O judeu não valoriza o que é seu, a juventude não valoriza. Uma festa, ‘hummm...festa da comunidade...só vai ter gente conhecida...’. É muito estranho. Na minha festa não-judaica, as pessoas brigam pra entrar, na festa da comunidade as pessoas imploram pra não pagar, demoram a entrar no salão, não vão pra pista de dança, fica um olhando pra cara do outro e vai embora cedo. Na festa fora, as pessoas saem na porrada pra entrar, quebram a boate, a média de consumo por cabeça, do homem, é de RS35 e a mulher RS12 ou RS15 e a festa acaba...eu saí às 08:30 nos dois (eventos na boate BASE, em Copacabana)” (D., “promoter”)

“Eu não preciso ir em lugar nenhum ou em atividade nenhuma pra ter este sentimento (de ser judia), uma coisa que tá dentro de mim. Eu não tenho essa preocupação de aparecer e desaparecer (...), se eu vou a algum lugar é porque eu tô a fim, porque eu acho que vai ser um negócio que vai me divertir, entendeu ? Eu já fui em festas muito legais, tá bom, era muito antigamente que as festas (da comunidade) eram legais, eu não sei por quê hoje em dia elas tomaram essa cara meio de coisa repetitiva, coisa monótona, coisa chata, coisa pra dar uma passadinha. Em uma semana, dois eventos com as mesmas pessoas...enjoa. É como se fosse um evento de qualquer lugar, independente de ser da comunidade judaica ou não. Duas vezes na semana num lugar que vão ter as mesmas pessoas, eu já vou ao trabalho todo dia e vejo as mesmas caras...Se pudesse mudar, ia ser ótimo, quando eu posso eu evito” (S., estudante de marketing)

“Primeiro, pelo fato de ter este estigma, de que só vai ‘encalhado’, só vai ‘prego’ agora na festa. Ninguém quer levar o rótulo de ‘encalhado’. Aqui, existe aquela coisa ‘imagina se eu tô procurando, vão achar que eu tô desesperada, que eu quero casar’ e aí começa toda aquela onda do quê que as pessoas vão pensar de mim, toda essa preocupação com o que o outro pensa e não o que você satisfaz realmente. Eu sempre reclamo que não tem gente interessante, eu sempre falo ‘judeu é uma raça que não é interessante’, um cara que você possa admirar, possa aprender alguma coisa” (I., advogada)

Fora da comunidade e, especificamente, dos eventos programados para a juventude, é mais difícil do rapaz ou da moça serem estigmatizados. Enquanto que,

“dentro”, a concentração das mesmas pessoas nos mesmos lugares impede, ou dificulta, a negociação da identidade, “fora” há uma grande variedade de espaços nos quais é possível manipular a imagem que é considerada negativa. O controle social exercido sobre os jovens judeus nos ambientes “puros” e a facilidade com que se pode rotular aquele (a) desviante⁴⁵ do padrão tido como legítimo, se dilui no mundo não-judeu. Lá, é possível fugir do rótulo de “galinha” e “puta”, esconder o passado pouco recomendável e iniciar novas investidas (ou recebê-las) sem o perigo de ser descoberto (a). O significado dado à uma “puta judia” ou um “galinha judeu” é diferente daquele dado à “puta comum” ou “galinha comum”, já que a ênfase recai, nos dois primeiros casos, no complemento do adjetivo. Não é um “galinha” qualquer, é judeu, é visto *enquanto* tal.

“Ele vai ser ‘galinha’ comum (na boate). Acontece que boate têm milhões, pessoas têm milhares, eu não lembro de ter visto um cara e depois ficar vendo todas as ‘nights’, eu não guardo caras, até porque têm muitos lugares e muitas pessoas. *Não é uma coisa concentrada, quando você vai numa festa da comunidade é uma coisa concentrada*” (S., estudante de marketing)

“Têm muita judia que não ‘fica’ com judeu pra não se expôr, pra não ser chamada de ‘galinha’, pra não ser chamada de ‘mulher fácil’. Mas elas vão e ‘ficam’ com os ‘goy’ e vão ‘ficando’ com um monte, fazem fila” (Z., empresário)

“Eu conheci uma garota da Argentina, ‘fiquei’ com ela e ela conheceu minha mãe. Minha mãe tem um ‘chai’ (um pingente escrito a palavra ‘chai’, ‘vida’ em hebraico) e ela não falou nada. Quando ela voltou pra Argentina, a gente tava conversando pelo ICQ (via computador) e ela ‘pô! Você é judeu ? Eu também sou’. Sabe quando você fala ‘por que tu não me falou isso antes ?’, não que fizesse alguma diferença mas tu sente uma parada mais legal, eu me sinto melhor quando a menina é judia, parece até que...sei lá. Não faria diferença prática nenhuma, mas aquela coisa psicológica (...) *parece que vocês se entendem melhor pelo fato de ser judeu ter algo em comum muito forte*” (D., estudante de direito)

“Se a garota não é judia, você literalmente dá o teu telefone errado ou então nem dá, ‘ah! Me dá o teu que depois eu te ligo’, tu anota, joga fora...tu nunca mais vai ver a mulher na sua vida. Se ela me fala ‘sou judia’, você pode ter certeza de que você vai ver ela de novo ou tu vai ver uma amiga dela, com tida certeza...isso por experiência própria. Eu já ‘fiquei’ com uma garota que eu esculachei e depois veio uma amiga dela me zoar, uma garota de São Paulo, e veio uma amiga dela que eu não conhecia ‘pô! Tu já ficou com ela, né ?’. *Quando tu ‘fica’ com alguém que não é judia, tu tá cagando pra pessoa, literalmente. Se tu quiser ‘ficar’ com ela de novo, tu liga ou nem liga, esquece, cabou. E judia sempre rola tu encontrar na praia, tu encontrar aqui (num bar), sempre tem uma relação mais próxima, vai encontrar numa sinagoga, numa reunião. Se você freqüenta os meios, ela também freqüenta. Prejudica psicologicamente, tu se sente mal*” (Idem)

Quando se consegue burlar o controle social, o desejo reprimido aflora e a moralidade que deveria caracterizar as relações amorosas entre judeus e judias é esquecida momentaneamente.

⁴⁵ Goffman, Erving op.cit

“A maioria se conhece. Cara, Angra (dos Reis, cidade do litoral fluminense), eu não tava namorando a ...(diz o nome da namorada), não ‘fiquei’ com ninguém, não sei o que aconteceu naquela viagem, ninguém me explica. A gente levou dez garrafas de vinho, tava tudo no meu quarto, *todo mundo se liberou, gente que tu não imaginava ficou alucinada de beber muito, agarrar mulher, mulher que depois eu descobri que fez a maior sacanagem com o cara*. ‘Comer’ é um caminho natural, sacanagem pesada mesmo, com um ou mais. *Lá era um clima que ninguém sabe o que aconteceu, o hotel era praticamente nosso, Angra, bebida na cabeça e 250 jovens, só...foi absurdo*. Eu sei que eu fui acordado na segunda noite, do meu lado, com a mulher gritando ‘pára !!!’, e eu sabia quem era. *O clima favoreceu, que era verão, tava sol, neguinho pelado na praia, só de biquini. Foi tudo oposto ao que acontece na praia (no RJ)*” (R., estudante de jornalismo)

Existe uma maior tolerância em relação aos rapazes judeus quando o assunto é “ficar”, principalmente quando trata-se de não-júdiás, já que os homens são considerados pelas moças “naturalmente” com maior necessidade de extravasar seus instintos animais. Na “região de fachada”⁴⁶, onde se deve representar um papel condizente com a imagem projetada sobre si, pela comunidade judaica, jovens de ambos os sexos aprendem a reprimir a atração física que sentem uns pelos outros. Relegam para os “bastidores”⁴⁷ a liberdade de sentir desejo, “tesão” por alguém. A interpretação que coloca os rapazes judeus como mais vulneráveis às tentações físicas, e que devem ser resolvidas fora do âmbito comunitário, tem sua contrapartida na necessidade de desqualificar o tipo de relacionamento que se possa ter “lá fora”, e a estratégia utilizada para que se evite manchar o nome perante a comunidade por se relacionarem com “impuras” é interessante.

Duas situações exemplificam a proteção das fronteiras étnicas por parte dos rapazes, quando o assunto é sexo com não-júdiás. A primeira se passou numa das reuniões do grupo Kadima. I., que não fazia parte do grupo, apareceu e resolveu participar da pauta do dia quando, num dado momento, Z. disse “I., é pitbull”, ou seja, sai com um monte de garotas⁴⁸. L. aproveitou para pegar no pé e falou que I. estava saindo com “goy”, que estava saindo da comunidade, ao que I. respondeu, rindo, que “goy é pra transar”. A outra situação ocorreu numa das sextas-feiras no Lubavitch, onde conheci dois rapazes australianos que

⁴⁶ Goffman, Erving op.cit

⁴⁷ Idem

⁴⁸ “Pitbull” é uma raça de cachorro conhecida por sua violência e agressividade. Os lutadores de jiu-jitsu passaram a utilizá-lo como animal de estimação, geando um série de piadas a respeito devido à má fama de ambos. Parte dos lutadores se envolveram em brigas em boates, aproveitando-se do conhecimento de artes marciais e do físico avantajado. Fazem sucesso entre certos grupos de meninas, que apreciam um corpo “malhado, sarado”. “Pitboy” foi o apelido dado a todo homem que consegue muitas mulheres, não necessariamente devido ao físico ou à afirmação da masculinidade por meio da violência física

estavam de férias na cidade. Um deles me perguntou sobre a proporção de casamentos mistos na comunidade judaica carioca, lamentando que na Austrália, devido à pouca oferta de mulheres principalmente, a porcentagem era bem alta. Seu colega disse que tinha um “caso” lá, nada de muito importante porque ela não era judia (ele usou a palavra “shikse”, equivalente ao que os cariocas chamam de “goy”. Aqui, o termo “shikse” é usado pejorativamente no sentido de “empregada doméstica”). Para ele, a não-judia servia para “spank” (transar).

O corpo do jovem judeu, aqui, representa a estrutura social da comunidade judaica, e tudo aquilo que está nas suas margens é fonte de perigo⁴⁹ e ameaça de caos e desordem. Ele deve controlar tudo que queira entrar, tudo que possa ser incorporado, impedindo, desta maneira, a “sujeira” simbólica de desmontar o sistema de classificação que divide o mundo em sagrado e profano. A relação sexual com uma não-judia pode ser comparada ao ato de “comer”, de alimentar-se, de englobar um corpo pelo outro⁵⁰ e é aqui que ocorre o mecanismo de defesa. O jovem destitui a não-judia de tudo aquilo que lhe confere humanidade⁵¹, ela deixa de ser “comida”, impregnada de relações sociais e formadora de identidades, para se transformar em “alimento”, necessário à sobrevivência física do corpo. A relação amoralizada é um meio de manter a identidade étnica intacta porque, apesar de haver intenso contato físico, a distância social⁵² entre os dois é enorme, o grau de intimidade e confiança é mínimo.

Uma segunda estratégia de proteção é a modificação do tipo de representação que o jovem desempenha de acordo com a situação. Quando se encontra com seu “rolo”, age com ternura e carinho, demonstrando interesse no relacionamento, ao passo que, ao retornar ao grupo de origem, utiliza técnicas que depreciam a não-judia. O exemplo mais forte é a palavra “goy” que, a princípio, significa apenas “não-judeu (ia)”, sem o caráter pejorativo, mas que serve também para desqualificar moralmente os que nela se enquadram, fortalecendo laços de solidariedade interna. Desumanizar é um meio eficaz de agir com imunidade moral e emocional⁵³, daí que o jovem judeu não irá incorporar o

⁴⁹ Douglas, Mary *Pureza e Perigo*, SP, Perspectiva, 1976

⁵⁰ DaMatta, Roberto *O que faz o Brasil, Brasil ?*, RJ, Rocco, 2000

⁵¹ Vilaça, Aparecida “O exo-canibalismo” in *Comendo como gente*, RJ, IBAC, 1992

⁵² Park, Robert E. “Distância Social” in Pierson, Donald (org) *Estudos de organização social II*, SP, Livraria Martins Editora, 1949

⁵³ Goffman op.cit

estigma de “mau judeu” contanto que utilize os mecanismos de defesa. A expressão usada por uma das entrevistadas, “goy não dói, judia outro dia” é aplicada nestes casos de realinhamento de identidades conforme a situação. Se, por um acaso, este jovem resolver levar à frente sua relação proibida, aparecendo em ambientes judaicos, como festas e jantares, tem de estar consciente de que sua conduta é “desviante” para boa parte dos outros jovens presentes.

Estas estratégias de proteção das fronteiras étnicas são bastante eficazes nesta fase dos relacionamentos afetivos. As coisas começam a se complicar quando surge o oportunidade de iniciar um namoro com aquele rapaz ou aquela moça com quem tanto se sonhou, e que podem não ser judeus. A identidade judaica destes jovens é bastante influenciada pela religião e, segundo esta tradição, a pureza do povo judeu é mantida pelo casamento (conseqüência do namoro) endogâmico, sendo que a opção da conversão existe mas não é lembrada pela grande maioria dos entrevistados. A Tradição, que impõe uma concepção de mundo baseada em determinados dogmas que não podem ser transgredidos, sob pena de enfraquecer moralmente o grupo, vê-se frente à frente com a Modernidade e suas premissas, cuja mais importante aqui é a liberdade de escolha.

O jovem judeu se encontra no meio de um terrível dilema, uma vez que pode vir a se apaixonar por uma não-judia mas querer manter as tradições de seu povo. Aqui, novamente se expressa a influência da religião na definição do ser judeu, na medida em que o casamento endogâmico é posto do lado da “cultura”, do socialmente aceito, enquanto o casamento misto é colocado no domínio da paixão irracional, animal, ou seja, no mundo da “natureza”. Na verdade, a única solução, fora a endogamia, também é no âmbito religioso, via conversão. A escolha dada a cada jovem judeu desafia um determinado padrão de classificação da realidade social, religioso, e veremos a seguir que a ambigüidade, muito mais que um discurso homogêneo, marca a escolha daquele (a) com quem se passará, ao menos teoricamente, os restos de seus dias. Prova disso é o fato de o número de casamentos mistos entre jovens judeus vir aumentando.

2. Namorar pra casar

A escolha do (a) namorado (a) diminui drasticamente a margem de manobra destes jovens porque, a partir de agora, agirão como um único corpo comparecendo, na

maioria das vezes, juntos aos lugares onde se pode encontrar a juventude judaica. O “ficar” permitia a manipulação da identidade, deixando do lado de fora da comunidade, visualmente se possível ou moralmente quando empregada a palavra “goy”, aquele que não pertencesse ao grupo.

Há uma preferência por namoros endogâmicos, na medida em que eles são considerados o último passo antes do casamento, quase inexorável. Esta preferência é justificada com base, primeiro, na pressão exercida tanto por pais, mães e avós quanto pela comunidade judaica em geral no sentido de perpetuar o povo judeu através da pureza do ventre materno; em segundo, na suposta tendência do enfraquecimento da judeidade pelo aumento de casamentos mistos e; terceiro, pelo amor e paixão que podem surgir entre os dois. O segundo ponto fica claro pela pressão exercida também sobre as moças judias que, teoricamente, por serem judias, já teriam garantido a continuidade do povo. As justificativas, então, misturam argumentos religiosos ou tradicionais, como o princípio da matrilinearidade, e modernos, pela possibilidade de abandono ou não do judaísmo como uma escolha individual. Percebe-se, também, a praticidade de se conseguir um parceiro judeu, aliviando a tensão sofrida pela autoridade moral familiar e juvenil.

“Pra ‘ficar’, pra mim, tanto faz quanto tanto fez, porque não tô querendo nada sério, mas no dia em que eu quiser uma coisa mais séria, eu prefiro (ênfase) que seja com judeu. Vai que acontece de eu gostar muito de um cara que não é, não vou falar ‘tchau porque você não é judeu’” (S., estudante de desenho industrial)

“Namorar, eu não vou namorar com um não-judeu. Eu quero casar, eu quero casar com um judeu. Eu quero, por mim e pelos meus pais, é uma coisa que, pra eles é fundamental” (I., estudante de arquitetura)

“Namoro (não-judias), mas não acho que vai ser a mulher da minha vida. Meu filho não vai ser judeu, e isso pesa muito, a não ser que um dia ela queira se converter. O fato do meu filho não ser judeu e não ser que nem eu, pesa muito, ser discriminado. Filho de pai judeu e mãe ‘goy’, de um ventre mão-judeu, é discriminado, eu tenho uma prima que é assim, perante a comunidade ela não é judia. (...) Pra mim, judaísmo é identidade, *mas o meu filho não vai crescer comigo, ele vai crescer num meio judaico*, é meu objetivo, e ele vai ser discriminado. A minha namorada eu acho que se converteria *porque ela não tem identidade nenhuma com o cristianismo, catolicismo*, é apaixonada por mim e, se eu desse uma ‘dura’, eu acho que ela...ela até brinca, eu ensino umas palavras, os pais dela são super interessados na cultura judaica” (D., “promoter”)

“Pra ‘ficar’, não (tem preferência por judeus), pra namorar sim. Porque eu sei que na minha casa iam me encher o saco. Eu já namorei um ‘goy’ e eu me estressei muito, minha avó dizia que estava doente por minha causa, minha mãe não falava comigo, meu irmão se mostrava completamente indiferente...eu me sentia isolada. A mãe do cara chegou uma vez e falou ‘por que o meu filho não pode ir na sua casa?’. Agora, você imagina se fosse o contrário, ‘olha, não quero que você traga sua namoradinha aqui porque é judia’, o quê você ia fazer? ‘Racismo, porque é um absurdo, tem que entrar com um processo contra

essa mulher, é inafiançável, imprescritível'. Ao judeu é permitido falar 'não, não vai entrar porque é goy', mas imagina se fosse o contrário, por que uma minoria pode discriminar a maioria e a maioria não pode discriminar a minoria ? (...) Eu acho muito mais fácil achar um não-judeu interessante do que um judeu interessante, mas eu acho que, hoje em dia, eu já briguei tanto por causa de namorado, que eu prefiro ver qual é a do cara (não-judeu). (...) Eu continuo sendo sociável, continuo saindo com quem me dá vontade, mas eu tento ver qual é antes, dou preferência pra judeu porque existe a predisposição de que judeu é gente boa. É lógico, eu teria menos problemas" (I., advogada)

"Os ortodoxos são os únicos que mantêm a religião ao pé da letra e, se você pegar as progressões da comunidade judaica fora do meio ortodoxo, ela diminui. Porque a mulher que não tem o ventre judaico, já não é o filho judeu, aí você pega aí no meio da comunidade judaica uma porrada de gente que não é judia, pros números. A comunidade não cresce porque a quantidade de casamentos mistos é fora do comum e aí a identidade cai mais ainda. Se você pegar os casamentos mistos, grande parte não vai colocar em colégio judaico (...)" (D., "promoter")

"Namorar você namora quando você gosta de uma pessoa, às vezes você tem a pretensão até de casar com ela. Acho que, aí, podem gerar alguns problemas, dois tipos de problemas básicos. Primeiro, eu com ela alguns conflitos...é aquela questão, religião é f... de se discutir, a tua religião é melhor que a dela ? O filho vai representar qual religião ? Segundo, o conflito em casa né ? Se meu pai soubesse...esse conflito é preocupante porque 'ah! Vai se converter'. Vai se converter não, vai se converter pra casar comigo" (D., estudante de direito)

"Seria um passo para se manter o judaísmo de uma forma melhor (casar dentro), um passo muito grande. Fica complicado (o casamento misto), depende da não-judia que eu vá casar. Se for uma moça que não tiver uma religiosidade do lado de lá muito grande...o problema seria minimizado. O primeiro problema é quando o menino nasce, vai fazer circuncisão ou vai se batizar ? Vai fazer primeira comunhão ou vai fazer 'bar-mitzvá' ? E o casamento ? São problemas que podem dar um nó no casamento, então essa coisa tem que ser discutida. (...) Pela lei judaica, judeu é filho de uma mãe judia, eu acho que ele seria judeu porque judaísmo é mais povo, é mais cultura, é mais o que eu passo pra ele. É claro que, como uma formalidade, eu tentaria buscar ficar de acordo com a lei judaica até pra não criar problemas. Eu espero, realmente, me casar com uma judia" (B., estudante de jornalismo)

"É fato, né ? Pelas leis judaicas, o meu filho nasce judeu. Eu gostaria de dar uma educação judaica, no colégio judaico, mas sempre aberto, entendeu ? Eu quero conhecer outras e, de repente, escolher outra. É óbvio que eu acho que o judaísmo deve ser perpetuado, é uma cultura bonita, mas..." (M., historiadora)

Devemos ter sempre em mente que a dicotomia razão *versus* emoção está ligada à influência da tradição, ou religião, sobre a construção da identidade étnica destes jovens. Neste sentido, posso qualificar a paixão de dois modos, um "positivo" e outro "negativo". O positivo acontece quando o casal é "100%" judeu, já que, no fundo, na sua "essência" (termo usado por um rabino do Lubavitch), o que norteará a relação será a educação judaica. Por outro lado, o modo "negativo" de apaixonar-se é aquele onde um dos dois não é judeu, sem fundamento racional, cultural que pode, caso aceito pelo não-judeu, ser resolvido pela conversão religiosa. O amor além das fronteiras desafia a supremacia da definição religiosa do ser judeu e, por terem sido socializados nas instituições judaicas sob forte influência de idéias tradicionais, estes jovens judeus, apesar de não-religiosos, se vêem numa "sinuca de bico", numa encruzilhada. Diferentemente da sociedade tradicional,

onde o indivíduo já nascia dentro do grupo e informado por uma identidade imutável, adscrita, o indivíduo moderno tem, a seu dispor, possibilidades para manter esta tradição ou reapropriá-la de uma nova maneira. A simples possibilidade de namorar ou casar com um “goy” relativiza a supremacia da versão religiosa.

“Eu acho que a gente não escolhe nada, a gente apenas pensa no que pode acontecer. Amor é uma coisa que ninguém escolhe, ninguém vai chegar e ‘pô! Vou me apaixonar por ela porque ela é judia, vou deixar de me apaixonar pela outra porque ela não é’. Você não escolhe, vai acontecer quando tiver que acontecer e, se for com uma não-judia, que reze para que ela aceite que meu filho estude numa escola judaica ou que, pelo menos, eu possa ensinar a ele...que ele tenha a mesma educação que eu tive” (R., estudante de administração)

“Eu não vou falar assim ‘eu nunca vou me casar com uma não-judia’, pode ser que sim, até porque ninguém pode controlar uma paixão, eu sou bem claro nesta questão” (B., estudante de jornalismo)

“Eu acho que os jovens, hoje, eles estão muito dispersos. Infelizmente, nós estamos num país que não é judaico, no Brasil, que o contato com as outras pessoas é muito grande e o amor é uma coisa muito forte que supera até a religião em grandes casos. A diáspora, cada vez a assimilação é maior e as comunidades cada vez mais diminuem mais e, se a gente puder ajudar em alguma coisa, é sempre importante” (Z., empresário)

Para que a “tentação” de se identificar com não-judeus (ias) seja abortada, organizam-se os eventos já mencionados. Neles, é possível descobrir que se tem afinidade com alguém de seu grupo, alguém que *realmente* tenha algo em comum, algo mais profundo do que uma paixão arrebatadora mas aparente. A aparência, quando relacionada à “essência” judaica, é considerada legítima, o que pude verificar na “Noite da Pizza”.

A certa altura, as meninas da mesa começaram a olhar para trás de mim, que estava sentado de costas para o corredor que levava de um salão ao outro e, quando me virei, vi o ator/modelo Luciano Szafir. Não sabia que era judeu e me perguntei o que fazia ali, num evento para jovens da comunidade. Uns me disseram que “essa gente aparece se você paga, eles recebem cachê pra fazer eventos”, mas um dos rabinos me disse que ele era conhecido de um dos organizadores do evento. Sua presença tem grande valor simbólico, arrancando suspiros das moças, na medida em que contraria a máxima, dita por uma ex-colega do colégio, presente ao evento, de que “tem que escolher: ou judeu ou bonito!”. Apesar de não constatar nas entrevistas o mito, passado desde as piadas no colégio até a idade adolescente (como, na prática, confirma esta menina), de que os não-judeus e não-judias são mais bonitos e atraentes que seus pares judeus, este comentário e a caracterização da festa de Halloween como “judaica” pelo fato de os judeus não serem

“sarados” (fortes, pela frequência às academias de ginástica), é possível que a presença de um judeu “lindo e maravilhoso” dilua a idéia de uma feiúra inter-geracional judaica. Se um dos objetivos, secundários que seja, é procurar um par na comunidade, a prova de que ele existe e é bonito e atraente, influencia psicologicamente no (a) jovem. “Se há um Luciano Szafir na comunidade, eu posso arranjar um só meu”, pensariam as meninas.

Esta mesma lógica também parece estar presente na revista “Messibá”. A preferência pela parte estética, com dezenas de fotos de jovens considerados atraentes (mas não só, já que qualquer evento social registrado em fotografias pode entrar) pelos editores, é um meio de mostrar para a comunidade judaica aquelas pessoas que estão disponíveis no mercado matrimonial, que são potenciais namorados ou namorados, maridos ou esposas.

“Hoje em dia, a assimilação é 50%, sei lá ou por aí. É tudo tão perigoso que eu acho que tudo é válido, eu não acho que uma festinha de ‘sushiokê’ ou ‘karaokê’ seja a melhor forma. Mas, tendo isso ou não tendo, eu acho que isso é legal. Nem que seja pra encontrar as pessoas, vai que você vai num ‘sushi’ desses, você ‘fica’ com uma menina e começa namorar. Pronto, tem judaísmo aí, sabe ?” (M., jornalista)

“Acho que todo mundo deveria estar mais inserido em comunidade...eu não faço nenhuma amizade na faculdade, por exemplo, não gosto muito. Fora que eu sei...deve ter umas cinco pessoas lá que eu me dou mais que são judeus, não é coincidência não. É porque eu conheço. Aí eu falo ‘pra tudo é bom ser prevenido na vida, né ?’, alguém fala que conheceu uma menina que não era judia e começaram a namorar. Conheceu do nada ? Eu procuro não criar essas oportunidades, e eu acho que, na nossa idade a faculdade é um perigo nesse sentido” (Idem)

“Têm várias pessoas fora da comunidade interessantes, têm várias pessoas que, pô, muito legais, muito bonitas, muito tudo, tem muita coisa a ver com você. Só que eu acho que você tem que direcionar, você tem como escolher um pouco. Se você dá chance, as coisas acontecem mais fáceis do que se você não der. Eu não tô falando que eu, fazendo tudo isso, não possa chegar pra uma pessoa e falar ‘me apaixonei’, ser o cara da minha vida, casar e ser muito feliz. Mas eu evito” (B., estudante de medicina)

O desafio à manutenção da identidade étnica no futuro, pelos filhos, está ligada, segundo a interpretação religiosa, à incompatibilidade entre “emoção” e “razão”, “essência” e “aparência”, termos usados pelos rabinos em suas prédicas. Nos vários meses em que frequentei o Beit Lubavitch, pude acompanhar, em algumas ocasiões, o discurso utilizado pelos rabinos no convencimento dos jovens, moças e rapazes, de que o correto é casar-se com um parceiro do mesmo grupo. Uma das vezes foi durante a festa de “Simchat Torá”, quando se comemora o fim da leitura do Pentateuco e o início de outro ciclo.

No início da noite se inicia a cerimônia, ainda com poucos presentes, cantando canções e rezando preces acompanhados no livro especial para datas festivas. O ambiente é bastante alegre, descontraído, as crianças (meninos) carregam, nos ombros,

pequenas “torot” (plural de “Torá”) compatíveis com seu peso. Uma das canções é bem longa, com muitas estrofes. O rabino se encarrega de iniciá-la sendo repetido, após cada uma, pelos presentes. Terminada a última, a canção é reiniciada só que, desta vez, cada homem repete, em pé, uma estrofe, sendo acompanhado pelos demais. Há uma terceira rodada e, após cerca de uma hora e meia, a cerimônia é interrompida. Homens e mulheres se encontram no hall da sinagoga, onde uma mesa comprida, com travessas de risoles de carne e salame kosher e garrafas de vinho e whisky, é logo cercada pelos convivas. O rabino se coloca numa das cabeceiras, enche um cálice com vinho, profere uma bênção que é respondida por todos com “amém” e, em poucos minutos, as travessas se esvaziam tendo que ser repostas, assim como as garrafas de vinho. O whisky, por enquanto, não tem grande saída.

Todos retornam ao interior da sinagoga, cada sexo na sua parte exclusiva. Alguns rapazes chegam com sacos plásticos contendo, pelo contorno formado pelo objeto, mais garrafas de whisky. O ritual continua, com mais canções e preces, até o Armário Sagrado ser aberto, de onde são tirados alguns rolos de Torá protegidos por um pano e com coroas de metal por cima dos dois cabos superiores. Alguns dos homens que os carregam nos ombros usam o “talit”, outros não, e todos eles descem as escadas e começam a caminhar pela parte masculina, dando voltas e mais voltas por entre as poltronas, num trajeto meio circular. São acompanhados por muitos, que cantam e batem palmas, enquanto aqueles que ficaram parados em seus lugares, à medida em que os “carregadores” passam, tocam a Torá e beijam os dedos.

No final, mulheres, senhoras e moças podem descer as escadas e juntar-se aos homens. Em seguida, todos sobem ao salão de festas, onde há mesas com bebidas refrigerantes e cadeiras para os mais cansados e idosos. Esperava-se com ansiedade o jantar japonês a ser servido aos jovens. Enquanto os grandes barcos, contendo “sushis” e “sashimis”, não chegavam, jovens (rapazes) e religiosos da sinagoga se agrupavam em volta de uma “bimá” (bancada), batendo-a com suas mãos e cantando bem alto diversas canções do folclore e religião judaicos. Outros andavam em círculos, ao redor dos “cantores”, com os rolos nos ombros, sendo substituídos por qualquer homem disposto a carregá-los. Os menos animados acompanhavam de pé este momento de alegria, em que os próprios rabinos e outros religiosos da sinagoga encarregavam-se de servir álcool a quem

desejasse. “Simchat Torá” é uma das festas mais alegres, se não a mais, e a bebida alcoólica serve como relaxante, causando cenas inusitadas como quando o rabino vestiu-se de “sushman” e serviu os jovens.

Já satisfeitos, muitos foram embora para casa ou para outros lugares. Neste momento, o rabino Aboutboul começou a falar do significado daquele evento. Naquele dia, ocorria o Free Jazz Festival no Museu de Arte Moderna e muita gente, àquela hora, já estava lá, sendo o jantar um aperitivo para o principal prato da noite. O discurso do rabino foi interessante. Ele perguntou como era possível que, àquela hora, uma hora da manhã, havia ainda tanta gente na sinagoga, com a concorrência tanto do Festival quanto da boate R9 (de propriedade do jogador de futebol Ronaldinho), localizada ao lado. Ele mesmo respondeu, observando que há algo dentro de nós, nossa essência, que nos impele a casar-nos com um (a) judeu (ia), mantendo a tradição. E nada melhor que um jantar japonês, regado a whisky e bastante peixe para expressá-la. Por que o peixe é importante ? O quê ele tem de judaico ? Segundo o rabino, o peixe é o único animal que vive apenas em um ambiente, a água, fora da qual a sobrevivência torna-se impossível. O judeu, assim, casando fora da comunidade judaica seria um “peixe fora d’água” que não teria muita chance de sobreviver e, assim sendo, não procuraria e não reproduziria o povo judeu. Não “procriaria”, lembrando o que um membro do Kadima disse sobre os objetivos do grupo.

A segunda oportunidade que tive para entender o ponto de vista do Lubavitch a respeito de casamentos mistos apareceu na palestra, organizada pelo departamento juvenil da sinagoga, intitulada “Casamento misto e assimilação no século XXI”, proferida pelo rabino Gabriel Aboutboul. Era um quinta-feira à noite, e no salão de festas foram colocadas dezenas de cadeiras à frente de uma mesa improvisada com um microfone. A entrada estava condicionada à doação de um quilo de alimentos não-perecíveis, exigido pelo departamento juvenil da sinagoga, que colocava os sacos numa mesa juntamente com uma lista de presença. Compareceram por volta de 120 pessoas, a maioria de jovens não-religiosos, identificados tanto pelo tipo de vestimenta quanto pelo tipo de perguntas que foram feitas ao final da exposição.

O rabino começou dizendo que o problema que mais aflige os judeus, hoje, com a frieza dos números, é a assimilação via casamentos mistos. Citando fontes estatísticas norte-americanas, afirmou que, em 2076, sete milhões de judeus irão se afastar

via assimilação. Seria um segundo holocausto, já que 80% dos jovens universitários estão nesta condição (a preocupação com a faculdade também existe aqui, como vimos) e, numa projeção para quatro gerações, a quantidade de judeus irá diminuir, aumentando apenas entre os ultra-ortodoxos.

Mas os ortodoxos, segundo o rabino, não são os únicos representantes legítimos do povo judeu, a beleza do povo judeu está justamente no seu mosaico cultural, mas é preciso reproduzir as gerações para que ele continue. O “holocausto espiritual” de que nos fala está direcionado aos judeus seculares de hoje, que caminham da mesma forma que os judeus caminhavam para as câmaras de gás. Mas, lembrou, aqueles não tinham escolha. Sabe-se duas músicas de Natal, mas não do “shabat”, então, pergunta ele, “o que sabemos sobre NOSSA cultura?”.

Fazendo uma metáfora, comparou a manutenção da identidade judaica com a sanidade de um corpo, afirmando ser melhor prevenir do que remediar. A prevenção é o estudo da cultura judaica, fortalecendo a identidade (o corpo) e levando os judeus naturalmente a casarem entre si. Seria como um espírito de sobrevivência, que só faz sentido na medida em que há um conteúdo a ser passado às outras gerações, daí a idéia de que o judeu não pode se assimilar se não sabe nada de sua cultura. Ao incorporar as tradições de seu povo, chegará à sua essência, entenderá que só é possível ser um bom ser humano sendo judeu, “quando existe uma mão nossa estendida, nós a pegamos. Se não tiver, nós pegamos qualquer uma”. Deve-se buscar aquilo que é seu, “pra quê pegar na xerox, se tenho o original?”. O rabino Aboutboul ilustrou esta perspectiva, de que cada judeu deve procurar sua essência e que esta essência impele ao casamento endogâmico, por meio de seis pequenas histórias.

A primeira, que se passava na Itália, contava que um rapaz tinha vontade de relacionar-se com uma “goy”. O rabino da cidade lhe disse que sentia inveja pois tinha opções, “sua escada é maior, a minha é menor. Você tem força para subir a escada e passar pelo teste”. A dificuldade de encontrar parceiros judeus aumenta o perigo da assimilação, *se as oportunidades estão nas ruas é necessário fornecer meios, criar ambientes propícios para jovens. Quando um jovem judeu diz “encontrei a felicidade!” casando ou namorando uma “goy”, deve-se perguntar se ser judeu significa ser feliz. Vimos, segundo o rabino, para trazer felicidade e não necessariamente iremos usufruí-la. Faz parte do povo judeu o*

sacrifício da felicidade em nome da continuidade das tradições. Quando a emoção já está ultrapassando a razão, é difícil trazer as pessoas novamente para o judaísmo. OS exemplos de discriminação, culminando no holocausto é um sinal de que os judeus não teriam vindo à Terra para serem felizes. O que Hitler conseguiu através da força, os gentios estão conseguindo por um meio natural, o casamento misto.

A segunda estória conta que, certa vez, um importante rabino caminhava com seus discípulos pela rua. Todos eles, alunos de “ieshivá” (escola talmúdica), usavam aquelas grandes barbas que caracterizam os religiosos. A certa altura da caminhada, o grupo encontra um rapaz vestido com sobretudo negro e o chapéu, como qualquer estudante de “ieshivá”, porém sem as grandes barbas. O rabino foi trocar algumas palavras com o sujeito quando, ao retornar a seus alunos, percebeu uma perplexidade diante do fato de dar mais atenção a um “desviante” que aos verdadeiros judeus, aqueles que se trajavam mais corretamente. Diante do sarcasmo dos jovens, o rabino disse-lhes que o rapaz era muito inteligente e que é preferível um judeu sem barba, porém com conteúdo, do que um judeu com barba, apenas como invólucro de um corpo vazio.

A terceira conta que, durante 23 gerações, um frasco de perfume foi passado de pai para filho até que o descendente 24^a geração recebeu-o vazio, apenas o cheiro do perfume ainda era possível sentir. O menino, então, pergunta ao pai “pai, pra quê serve um vidro de perfume vazio?”. Com o judaísmo ocorre a mesma coisa: não adianta visitar o museu judaico para conhecer o “shofar”⁵⁴, ou admirar um quadro com a foto do avô, grande ativista da comunidade. Para ele sobreviver, é necessário que ele esteja vivo, dinâmico, que o “shabat” esteja na sinagoga e que se faça o “shabat” às sextas-feiras à noite, num grande jantar para celebrar a união entre Deus e o povo judeu. O judaísmo é como o vidro de perfume: ele só vale a pena se existir conteúdo, algo que a próxima geração vai aproveitar e ajudar, assim, a perpetuar a comunidade judaica. A moral da estória é que o conteúdo é mais importante que a forma.

A quarta diz respeito a três irmãos que realizavam um trabalho cooperativo, plantavam sementes que, no futuro, se transformariam em lindas árvores frondosas. O primeiro deles era o responsável por cavar um buraco na terra; o segundo, era o responsável pela correta colocação da semente no buraco; o terceiro, finalmente, era o encarregado de

tapá-lo, para que o processo de germinação se iniciasse. Aconteceu de, um dia, o irmão encarregado pela colocação da semente ficar com uma baita febre, e faltou ao trabalho. Apesar disso, os outros dois continuaram realizando suas tarefas sem se importarem com a falta de uma delas, causando estranhamento num senhor que passava pelo local. Perguntou ele “o que estão fazendo ? São malucos ? Por que um cava e o outro tapa o buraco, se nada preenche o vazio ?”. Assim também é o judaísmo: é na angústia, na crise de identidade, no vazio, que se deve preenchê-lo com conteúdo judaico para o pleno desenvolvimento das tradições judaicas, a continuidade do povo judeu.

A quinta nos leva para um quarto escuro e, lá fora, cai uma tempestade assustadora, que nos dá um grande medo. De repente, um intenso relâmpago, que desapareceu numa fração de segundos, ilumina o ambiente e permite que localizemos o interruptor. Aproveitamos a chance e ligamos a luz. O judaísmo é o interruptor, ou melhor, ele é a luz que ilumina o ambiente, e o relâmpago é o lampejo que a alma do judeu dá em momentos de vazio existencial, levando-o à sua cultura e tradições.

A sexta mostra um rapaz caminhando por um grande bosque, numa época em que o sol, brilhando no céu, disputava com o vento a primazia das sensações: calor ou frio. Decidiram que uma boa maneira de resolver o problema era fazer com que o jovem tirasse o pesado casaco que o protegia da temperatura baixa, era inverno. Primeiro, o vento começou a soprar forte, cada vez mais forte, mas sem resultado prático. Continuou gastando suas forças enquanto o sol ria às suas costas e o rapaz segurava com todas as suas forças o casaco. Então, o vento desistiu, dando a vez ao sol, que zombou: “pra quê esse desperdício de forças ?”. *Ele transformou o cenário de belos bosques numa linda praia, mais precisamente Ipanema no posto 9 e 42 graus de calor.* Imediatamente, o jovem tirou o pesado casaco, passou bronzeador e foi jogar bola com os amigos. Moral da estória: a liberdade é muito mais perigosa que a perseguição. Na época dos guetos, não havia escolha, na Alemanha pré-Hitler os judeus eram bem aceitos, e logo depois veio o holocausto. *No Brasil, onde temos liberdade de culto, é difícil manter o judaísmo, por isso a liberdade pode ser aparente se não nos esforçamos para a perpetuação da comunidade judaica e suas tradições. A liberdade, na verdade, pode ser um engano.*

⁵⁴ Chifre de carneiro, usado como instrumento de sopro. Em ocasiões especiais é tocado, como no fim do “Yom Kipur” quando é marcado o fim do jejum e o início do novo ano

O rabino fez questão de dizer que não há racismo na idéia de evitar casamentos mistos, pois se trataria da própria sobrevivência do povo judeu, mantendo sua identidade. O bom não-judeu, então, é aquele que mantém sua identidade, da mesma maneira que o judeu, “ele é uma boa pessoa mas não é pra mim, ele tem a sua missão e eu tenho a minha”. Utiliza a noção de “almas gêmeas”, fundamentais para o cumprimento das 613 “mitzvót” (mandamentos divinos), cuja origem é a mesma, Deus. Apenas dois corpos iguais e sagrados, por isso isolados de tudo que é profano, podem unir-se no matrimônio. A união representaria, no plano social, o que a sacralização da relação entre Deus e o Povo Eleito representa no plano cosmológico.

“Por que não abrir uma fábrica de conversões?”, perguntou o rabino. Deve-se combater o fogo, e não incitá-lo. A conversão deve seguir os princípios da lei, *sem interesse passional ou financeiro. A identidade judaica é marcada pelo que ele (o judeu) é, e não pelo que ele faz, há 613 “mitzvót” por ser judeu e não para sermos judeus.* O exemplo dado é o de duas mães que dão a luz, uma judia e outra “goy”. O filho da não-judia faz “brit-milá” (circuncisão), bar-mitzvá (maioridade religiosa aos 13 anos), entra na “ishivá” e se torna um grande sábio; o filho da judia é batizado, vai à escola católica etc. Quando for desvendada a troca, será necessário fazer a conversão do filho da não-judia. Neste momento, surge um mal-estar na platéia, entre alguns jovens, em relação à inevitabilidade de nascer-se judeu, principalmente quando trata-se da conversão e das almas gêmeas.

Um rapaz lembrou que judeus assimilados, na Alemanha nazista, foram mortos apesar de não se identificarem com o judaísmo (o fato de classificá-los como “judeus” mostra como a definição religiosa é preponderante no meio jovem) e a dificuldade de ignorar-se uma paixão. O incômodo se explica pelo fato destes jovens não-religiosos, dotados de liberdade de escolha, basearem sua identidade cultural exatamente num sistema cultural que deixa pouca margem de manobra na construção da judeidade.

A questão dos casamentos exogâmicos, ou “mistos”, envolve a própria definição do que é a judeidade, ser judeu. De um lado, a incorporação destes jovens à sociedade brasileira mostra que se pode transformar e manter a identidade étnica *apesar* do intenso contato com formas culturais e estilos de vida que, de início, nada teriam de judaicos (funk, churrasco, sushi, feijão, pagode). De outro, a definição tradicional, baseada

no princípio da matrilinearidade e na possibilidade de incorporar novos membros pela conversão religiosa, juntamente com a idéia de uma afinidade histórica, enraizada no horror do holocausto, impõe critérios rígidos (pois a conversão, o caminho da incorporação do não-judeu, é a única solução) para que se realizem uniões extra-comunitárias.

A tensão entre o pensamento moderno, que prega a liberdade de escolha e a contínua transformação da identidade, da localização das fronteiras étnicas, de acordo com o contexto histórico, e o pensamento tradicional, que limita o fluxo de indivíduos entre os dois grupos, judeus e não-judeus, e a própria noção do “ser judeu”, se expressa nas justificativas relativas à importância da endogamia na perpetuação do povo. A ambigüidade acaba surgindo num mesmo depoimento. Há jovens que questionam a obrigatoriedade do casamento endogâmico; os que vêem nele a solução para o problema do anti-semitismo; os que acreditam numa afinidade histórica, notadamente em relação à tragédia do holocausto, uma certa origem em comum.

“Uma amiga minha casou com ‘goy’, odeio esse termo, com um não-judeu, e quase que foi...a família ficou um tempão sem falar com ela, agora que tá aliviando. Eu nunca tive isso, até porque meu pai não é judeu, minha família é toda assimilada...isso é meu, isso que é interessante. *Eu sou judia porque eu sou, porque eu escolhi*, é importante pra mim, não sei. Eu sou a ..., brasileira, carioca, vascaína, historiadora, judia...são as minhas identidades, minhas escolhas, minhas afinidades. Casaria, pensei seriamente em casar com um não-judeu, eu ficava protelando essa discussão (sobre educação). Mas eu gostaria de fazer ‘brit-milá’ no meu filho, dar uma educação laica. Eu tentaria mostrar o judaísmo mas eu não compraria a briga...quer dizer, se ele topasse uma escola judaica, sem ser religiosa, um Liessin ou Eliezer, maravilha. (Natal ou Chanuká) Normal, muitas pessoas fazem isso. São duas culturas que...cada um quer manter a sua, cada um acha a sua válida, maravilha. Não é melhor nem pior, é diferente e é importante pras pessoas, entendeu ?” (M., historiadora)

“Eu sou um que, pra eu namorar uma ‘goy’, eu vou ter que me apaixonar muito por ela, muito mesmo. Porque é, porque eu tenho a minha cabeça formada pra casar com uma judia, *pra manter a minha religião*, pra não ser discriminados porque os judeus são um pouco discriminados. Eu acho que, por exemplo, se eu casar com uma ‘goy’ e me separar dela, ela vai falar ‘ah! Aquele judeu que casou comigo, um judeuzinho que não pagava nada, que era pão duro’, entendeu ? Depois que separar sim, e até durante o casamento alguém da família dela vai falar ‘ih! Mas ele é judeu, é ?’, aí ela vai falar ‘é, ele é judeu mas é legal’. São coisas que acontecem, não tem como negar” (Z., empresário)

“Não necessariamente (o casamento misto leva à assimilação). Isso pode contribuir *mas existem pessoas não-judias que admiram a cultura judaica, mesmo sem se converter eles seguem a religião judaica* porque é uma cultura rica, de costumes bonitos, que valoriza a natureza, a formação filosófica, a cultura, a educação, entendeu ? Por mais que possa ir à sinagoga somente em Yom Kipur e Rosh Hashaná, mesmo assim tem gente que *cria seus filhos dentro de um ambiente judaico, e não necessariamente pelo fato de um dos cônjuges que isso gera a assimilação*. Assimilação...existem muitos casais judeus, ambos pai e mãe, que apenas fazem o ‘bar-mitzvá’ porque os avós querem, que põe seus filhos em escolas não-judias, que não levam seus filhos a movimentos juvenis, que nunca levaram seus filhos a Israel, que eu acho importante ter experiência de conhecer Israel, levar nos lugares históricos. A assimilação está muito mais entre os judeus do que no casamento misto. *No casamento misto o judeu, por ser bastante egoísta, ele impõe a religião ao outro, normalmente o judeu impõe que o outro se converta*” (I., advogada)

“(...) esse negócio de ‘não pode’ me coisa como coisa de século XV. É um risco real mas, ao mesmo tempo, é isso, não adianta senão vira século XV. Se não forem judeus, é uma tendência (se afastar), mas não é obrigatório. Pode ser que você se case com uma católica e você tenha filhos e não se afasta, nem você, nem sua mulher, nem seus filhos. Não é uma coisa que tá dita, é uma tendência mas pode não acontecer desta forma. *A tendência é os judeus acabarem casando com judeus, se é o meio em que você vive a vida inteira, mas eu acho muito esquisito proibir. Eu posso casar com uma judia e não ter qualquer relação com a religião, como têm vários por aí que não sabem...são porque são mas...A verdade é que, se você não tem essas coisas introjetadas em você, se você não dá importância a isso, não adianta ser judeu, casar com uma judia e seus filhos serem judeus, que vão viver como católicos*” (D., jornalista)

“Eu acho que teria mais a ver, entendeu (casar com judeu)? Ter afinidade, mas isso não é uma verdade absoluta (...).Eu não vou tá com alguém que eu não gosto, que não me completa pura e simplesmente porque a pessoa é da comunidade judaica. Eu acho que tem a ver com o sobrenome (...). Uma pessoa que, provavelmente, teve tudo o que eu tive no sentido de educação, de absorção de valores humanos, não necessariamente quanto à religião, até porque você sentir na pele discriminação de milhares de tempos atrás até tempos atuais. Isso afeta um pouco, época de Inquisição, época de guerra, tô falando nesse sentido. As pessoas elas podem ter escutado falar, podem ter estudado, mas é uma coisa que não vai afetar tanto a pessoa se você soubesse que seu avô tava lá, seu tataravô tava lá, é uma coisa mais próxima, muito mais de sangue do que uma pessoa que tá ouvindo como estudante” (S., estudante de marketing)

O modo como estes jovens judeus classificam seus relacionamentos afetivo-sexuais, desde o mais superficial deles, o “ficar”, até o casamento, revela uma série de paradoxos típicos de um tempo em que há mais de uma referência na definição da identidade. O primeiro deles baseia-se na perspectiva religiosa da judeidade, apesar de serem laicos; a segunda coloca na balança aspectos religiosos ou tradicionais junto com características eminentemente modernas, como o poder de escolha; e a terceira, acredita na convivência harmoniosa de diferentes identidades numa única pessoa. É difícil afirmar que cada um destes jovens adota apenas uma destas perspectivas, o que acontece mais freqüentemente é a mistura de elementos das três, uns com maior e outros com menor preponderância. A ambigüidade, contudo, não elimina a importância de analisar o que cada uma delas coloca, cujos atributos servirão para a *bricolage* étnica.

Para os que vêm no casamento misto uma ameaça à integridade física e moral do povo judeu, o mundo se divide em *sagrado* e *profano*, quer dizer, duas maneiras opostas e incompatíveis de classificar coisas e pessoas. Aquele, as proibições protegem e isolam, a este se aplicam essas proibições e que devem se manter à distância⁵⁵. A maneira de portar-se frente o “ficar” com um (a) não-judeu (ia) é ilustrativa desta corrente de pensamento. A passagem entre uma realidade e outra exige atitudes que, de acordo com o sistema de representações do exprimem a natureza do sagrado, retiram todo e qualquer

⁵⁵ Durkheim, Émile op.cit

vestígio de impureza do indivíduo. A punição instituída pelos sábios e pela Torá a todo judeu ou judia que mantivesse qualquer tipo de relacionamento com não-judeus, com ou sem intenção de casamento (prostituição, divertimento etc.), as chicotadas, ou a desqualificação moral dos não-judeus de hoje são ritos de passagem necessários à purificação dos que mantiveram contato com o incompatível. Não pode haver nenhum contato entre os dois mundos, cada um com seu código moral excludente, evitando a profanação do sagrado. A solução encontrada para a manutenção da ordem das coisas foi a amoralização da relação imoral, onde a paixão irracional sobrepõe-se à razão, à essência de cada judeu responsável por sua identidade. O sagrado, assim, se torna imune ao profano. A mulher judia, que por si só já perpetuaria o povo, deve casar-se com um judeu sob o risco de ver sua prole seguindo outra *religião*, a de seu marido. Muitos jovens têm medo de não convencer seus cônjuges não-judeus a dar a educação judaica, concebendo a identidade de forma estática, imutável.

Esta perspectiva tradicional permite pensar na oposição “natureza” *versus* “cultura”, onde tudo aquilo que não esteja de acordo com o sistema de classificação da realidade é fonte de perigo porque fora do controle das regras culturais. A atração por uma pessoa não-judia se torna física, aparente, bem como a paixão, representações da animalização das relações sociais. Dar o número de telefone errado ou “esculachar” uma não-judia não traz conseqüências negativas no futuro, na medida em que ela não participa do mesmo meio dele, judaico, sem o direito de exigir um tratamento moral.

Nesta mesma linha, coloca-se a diferenciação entre “clima propício” e “clima não-propício” para “ficar” e “comportamento dentro da comunidade” e “comportamento fora da comunidade”. Se, no âmbito comunitário, o jovem tem de agir “socialmente”, fora dele ele pode divertir-se e aproveitar a ausência de controle sobre suas ações, pode até mesmo “quebrar a boate”, como afirmou um dos entrevistados. A diversão está condicionada à possibilidade de realizar desejos mais profundos sem ter de dar satisfação a ninguém, como no caso da viagem à Angra dos Reis, onde instituiu-se uma espécie de contrato de confiança, segundo o qual as informações sobre o que aconteceu ficaria restrito ao grupo que participou do evento. Como ninguém (ou apenas pessoas de confiança) soube, sociologicamente é como se nada tivesse acontecido.

A segunda maneira de conceber as relações afetivas indica uma certa relativização da influência religiosa sobre a definição da identidade, a distância entre paixão e razão, essência e aparência diminui um pouco. Aqui, a descendência é construída tanto pelo princípio da matrilinearidade quanto pela educação e passagem de valores através dos anos. Os jovens que partilham desta visão concordam que é possível negociar a identidade dos filhos, independente da mãe ser ou não judia, apesar da noção de “lei judaica” se igualar, muitas vezes, à “lei religiosa judaica” onde o fato da mãe não ser judia determina a origem não-judaica da criança. Dois exemplos desta “geléia” de idéias são, primeiro, a frase “judeus não identificados com o judaísmo” e, segundo, a indignação, por parte de alguns jovens com as palavras do rabino proferidas na palestra sobre casamentos mistos e assimilação.

Na frase, percebe-se um descolamento entre “origem” e “identidade”, em que a manipulação da segunda não esconde, ou evita, a existência da primeira, na essência. Neste caso, é possível retornar, ou não, às origens de acordo com as escolhas individuais, revelando o diálogo entre Modernidade e Tradição. A indignação dos jovens se deve ao fato do rabino não separar “essência” da “aparência”, ou “origem” e “identidade”. A aparência (identidade) só adquire significado se é reflexo da essência (origem). A manutenção das tradições, com conteúdo, só se realiza quando os dois cônjuges são *essencialmente* judeus. Foi aqui que os jovens discordaram pois valorizam a ortodoxia, mas não parecem dispostos à incorporá-la nas suas vidas. A sinagoga, a ortodoxia e o rabino são importantes como referência a um passado, mas que não se impõe nas suas vidas no presente. Esta visão é típica de um tempo em que a identidade judaica destes jovens não deseja comprometer-se rigidamente com nenhuma sistema de pensamento que afete sua liberdade de escolha e que forneça um sentimento de continuidade com o passado. A religião é um porto seguro neste sentido, mas o fato de serem jovens laicos e de terem vontade de escolher sua identidade e de guiar a de seus filhos cria conflitos com a ortodoxia, solucionáveis na medida em que a identidade não é ideologicamente construída e, por isso, mais flexível e pela modificação da própria maneira usada pela sinagoga para atrair os jovens. Ela tem de se adequar à Modernidade.

Outro exemplo de ambigüidade do discurso é a construção da identidade por meio dos conceitos “afinidade” e “sangue”, que se assemelham aos de “essência” e

“aparência”. Estes jovens herdaram uma memória baseada em acontecimentos trágicos, que marcaram profundamente o sentimento de pertencimento ao grupo, a identidade, e que fortaleceram os laços de solidariedade interna. Muitos viveram “por tabela”⁵⁶ os horrores do holocausto através de familiares ou amigos de, e mesmo acontecimentos ocorridos fora do espaço-tempo da pessoa ou do grupo, como a Inquisição e a escravidão no Egito, são recordados nas escolas e nas festas tradicionais, moldando a identidade judaica em oposição aos não-judeus. Por isso, há a idéia de que a continuidade física, moral e psicológica do povo judeu se dará pelo casamento endogâmico, que se encarregará, pela perpétua passagem desta memória herdada, da manutenção das fronteiras comunitárias. Neste sentido, a identidade social não pode ser negociada porque a memória não o é, é o “sangue”. Contudo, o estabelecimento de relações afetivas com não-judeus, e a conseqüente afinidade entre os dois, abre caminho para a negociação de identidade já que ela, juntamente com a memória “não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”⁵⁷.

A terceira maneira de conceber as relações afetivas ilustram a compatibilidade entre “sangue” e “afinidade”, acabando com a distância entre paixão e razão. Ao contrário do dualismo religioso, o corpo é experimentado de diversas formas, de acordo com o contexto, tudo passa a ser uma questão de negociação de identidades, e o significado do corpo só é definido na ação do indivíduo. Ao invés de discutir qual das duas *religiões* (repare-se que muitas vezes a identidade judaica é confundida com a religião judaica) é a melhor, se o judaísmo ou o catolicismo, como ocorre na perspectiva religiosa da judeidade, aqui o Natal convive com o Pessach (festa de libertação da escravidão do Egito), e a árvore de Natal divide o espaço com uma mezuzá presa na soleira da porta.

Estes jovens judeus cariocas estão totalmente integrados à sociedade brasileira e representam diferentes identidades de acordo com a situação que se apresenta. A identidade judaica não é a única permitida, e mesmo ela não está definida de modo rígido, com fronteiras bem demarcadas e imutáveis, pelo contrário. A “judaização” do sushi, por exemplo, ou a “goyficação” da sinagoga pela implementação de um prato japonês, não-judaico, demonstra que mesmo a tradição religiosa, fechada em seus dogmas, tem de se adaptar aos novos tempos e às necessidades e exigências de uma juventude que

⁵⁶ Pollak, Michael “Memória e identidade social” in *Estudos Históricas*, RJ, vol.5, n.10, 1992, 200-212

vê, na religião, uma referência, ainda que efêmera, para suas vidas. Em relação ao casamento misto, ficou claro que é considerado um assunto tabu, é visto como um evento desagregador da identidade coletiva judaica já que a endogamia ainda é o forte elemento de diferenciação entre o “nós” e o “eles”. A tensão entre a Modernidade e a Tradição, no discurso destes jovens, explicita tanto a integração à sociedade brasileira quanto o sentimento de “guetização”, de fechamento rígido das fronteiras, como meio de protegê-las do perigo exterior, historicamente construído (discriminação, perseguição, anti-semitismo etc). Ao mesmo tempo, mostra que a religião ainda tem um papel importante na definição do “ser judeu”.

⁵⁷ Idem p.204

Conclusão

O tema deste estudo é a construção e manutenção da identidade étnica para um grupo um grupo de jovens judeus cariocas de classe média. Admitindo a sua amplitude, realizei um recorte, enfatizando os espaços de sociabilidade e a escolha do cônjuge como catalisadores do processo de identificação com a chamada “judeidade”. A sociabilidade e o casamento são duas partes fundamentais deste processo já que, a primeira, diz respeito à inserção do indivíduo numa rede de relações particular (judaica), e o segundo diz respeito não apenas à perpetuação física do grupo mas à sua reprodução cultural. O trabalho foi estruturado de acordo com a trajetória pessoal/comunitária destes jovens, muitas vezes superpostas.

O capítulo I tratou do início de sua vida no interior da comunidade judaica. É no colégio que se estabelecem as primeiras amizades e é lá também que se inicia o contato com o judaísmo, através do estudo da história judaica (incluindo as festas mais tradicionais) e da bíblia. Os movimentos juvenis sionistas são uma outra opção para estes jovens, onde é possível ampliar o leque de amizades e travar os primeiros com Israel. Mais do que o desejo de abandonar a diáspora e reencontrar as “origens”, as viagens para a “Terra Prometida”, além do conteúdo cultural, se transformam num outro espaço de sociabilidade. Para lá se levam velhos amigos e de lá se trazem novos.

A entrada na faculdade marca o início de uma nova fase. É a primeira vez na qual este jovem judeu se vê diante do “outro” de forma concreta, nascendo a necessidade de refletir sobre sua identidade judaica. Fazer ou não fazer novas amizades na faculdade, num ambiente não-judaico, passa a ser um dilema moral, um desafio à manutenção de sua ‘judeidade’. Fora da escola da escola judaica e dos movimentos juvenis, ele quer manter os vínculos com a comunidade mas não sabe como, ainda que adaptado ao ambiente universitário e com amigos “goy”.

Para suprir esta demanda, surgem grupos juvenis com o intuito específico de criar oportunidades de encontros e reencontros. Festas e jantares são organizados, sem nenhuma periodicidade definida, amigos e ex-colegas do colégio se reencontram, moças e rapazes podem se conhecer e iniciar um relacionamento afetivo. Uma das preocupações dos

grupos organizadores é com o aumento de “casamentos mistos”, ou exogâmicos, por isso, além de rever velhos amigos e conhecidos, dá-se a oportunidade de manter a endogamia.

Os espaços escolhidos para a realização dos eventos variam. Pode ser num clube judaico, numa cobertura na Avenida Atlântica, na Cobal do Leblon ou, ainda, numa sinagoga ortodoxa atraindo, contudo, jovens não-religiosos. O apelo gastronômico, seja com uma pizza ou sushi “kosher”, preparado segundo os preceitos alimentares da tradição religiosa judaica, ou com queijos e vinhos, atrai mais jovens do que se fosse oferecido um prato típico judaico trazido pelos imigrantes da Europa Oriental, por exemplo, o “guefilte fish” (peixe recheado). Nos eventos com música, evita-se o gênero tradicional judaico em favor dos ritmos predominantes nas boates mais badaladas da cidade do Rio de Janeiro, inclusive o “funk”, oriundo dos subúrbios cariocas.

O capítulo II tratou da sinagoga ortodoxa como novo espaço de sociabilidade para parte destes jovens entrevistados, não-religiosos. A ausência de atividades sócio-culturais para a juventude judaica carioca sem caráter religioso; a crescente subjetividade desta “judeidade”, onde a reflexão discursiva dá lugar ao “sentir-se judeu”; a percepção, por parte deles, de que os ortodoxos praticam o “judaísmo verdadeiro” ou “autêntico” e a adaptação da corrente ortodoxa, representada aqui pela seita Habad, ao estilo de vida e consumo modernos desta juventude, , nos ajuda a entender o que chamo de “fenômeno Lubavitch”.

O capítulo III tratou do tema que parece ser o mais sensível de todos, qual seja, o da perpetuação do povo judeu pela endogamia. Todos os eventos programados para a juventude judaica, mesmo que anunciado como um momento de encontrar velhos amigos, têm, como pano de fundo, o medo do casamento exogâmico enquanto meio desagregador da identidade judaica. Apesar de não-religiosos, estes jovens foram socializados, tanto nas suas casas quanto nos colégios judaicos, num ambiente que definia o judeu segundo o princípio da matrilinearidade. A integração à sociedade brasileira faz com que a decisão quanto ao namoro e ao casamento (um passo mais adiante) tome contornos dramáticos. Novamente apresenta-se aqui, como no caso da amizade fora da comunidade judaica, um dilema moral.

A maneira de comportar-se nas festas judaicas e nas boates abertas para o público juvenil em geral, e a diferenciação feita entre o “ficar” e o “namorar” nos dão pistas

sobre como este grupo de jovens encara o problema dos relacionamentos afetivo-sexuais dentro e fora da comunidade judaica. Enquanto o “ficar” é definido como um relacionamento de curtíssima duração (uma única noite, na maioria dos casos) e sem maior envolvimento emocional, o “namoro” envolve um comprometimento moral. O “ficar” estaria relacionado aos instintos animais e ao desejo carnal apenas, ao passo que o “namoro” se encontraria no âmbito das relações morais, eminentemente sociais, através do compartilhamento de experiências e valores.

Neste sentido, podemos entender o porquê da retração nas festas exclusivas para a juventude judaica e o “extravasamento” dos instintos num meio não-judaico. Naquela, todos os presentes seriam parte do mesmo grupo e devem ser encarados enquanto tais, partilhariam de uma determinada identidade judaica. Neste, tanto moças quanto rapazes poderiam comportar-se “naturalmente”, quer dizer, sem a preocupação de estarem sendo observados pelos demais na medida em que, no meio da multidão, o anonimato e a amoralização da relação permitiriam a manutenção da “pureza” étnica. A acusação de “galinha”, aquele (a) que não está disposto (a) a estabelecer estável com ninguém e tem vários (as) parceiros (as), mesmo quando a grande quantidade deles não é de judeus (ias) (revelando a influência das relações de gênero neste tipo de situação) é rechaçada pela desumanização dos que entram em contato com o “nós”, com o sagrado. Apesar destas estratégias, muitos admitem casar com não-judeus, afirmando que a paixão muitas vezes supera a razão e as fronteiras entre o sagrado e o profano.

Creio que a pesquisa me permite formular, se não conclusões, pontos que merecem alguma atenção na análise desta identidade judaica juvenil. O diálogo entre a Tradição⁵⁸ e a Modernidade ou, como formulado por Giddens, “sociedade pós-tradicional”⁵⁹ facilita a compreensão daqueles aparentes paradoxos colocados na introdução e explicitados ao longo do trabalho.

Em certos momentos, como em festas para a juventude judaica que não exibem, explicitamente, símbolos judaicos ou na Cobal do Leblon domingo à noite,

⁵⁸ A definição de Tradição que utilizo aqui é a dada por Hobsbawn para “tradição inventada” (1997), segundo a qual “entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado”

⁵⁹ Giddens, op.cit

percebe-se o alto grau de integração deste grupo à sociedade brasileira. À primeira vista, podem confundir-se com qualquer outro freqüentador, tanto pelo tipo físico quanto pela vestimenta e jeito de falar. Nas festas, por exemplo, a música tocada faz parte do gosto musical de uma grande parcela da juventude carioca de classe média, transcendendo a questão étnica. Mas não é por isso que o evento deixará de ser judaico, constatado na apresentação do sobrenome considerado típico, no reconhecimento dos presentes, no modo de agir com relação ao sexo oposto e na conversa que se tem neste tipo de ambiente.

A pizza e o sushi “kosher” mostram como estes jovens não-religiosos apropriam-se da Tradição na elaboração de sua identidade judaica sem ter de abdicar de seu estilo de vida moderno. Não estão dispostos a seguir um padrão de conduta baseado na rígida interpretação das leis divinas, preferindo transformar símbolos religiosos em elementos de diferenciação grupal sem ter de tornar-se religiosos. A crescente subjetividade da ‘judeidade’, a necessidade de “sentir-se judeu” mais do que refletir sobre a questão “o que é ser judeu ?” é uma das explicações da grande atração exercida pela corrente ortodoxa Habad sobre parte dos jovens entrevistados, pois aqui ocorre o mesmo processo de secularização ou modernização da Tradição, da ortodoxia. O jovem sente-se bem na sinagoga ortodoxa, ela lhe fornece um senso de continuidade com o passado, mas não abre mão de vestir-se como um jovem de classe média de uma metrópole como o Rio de Janeiro e se vê no direito de chegar cinco minutos antes do fim do serviço religioso de sexta-feira. A sinagoga Beit Lubavitch tem de adaptar-se às exigências destes jovens modernos. A liberdade de escolha dos elementos mais apropriados para a expressão de sua identidade judaica, e o não-comprometimento moral com esta ou aquela corrente de pensamento são dois lados de uma mesma moeda: o fluxo da ortodoxia para o mundo não-religioso e vice-versa.

A religião deixa de ser um símbolo de conservadorismo, lembrada apenas nas festas mais tradicionais e ainda assim por pressão dos avós, transformando-se numa dentre as diversas formas de expressão da ‘judeidade’, sempre de acordo com as necessidades de momento do jovem não-religioso. Parafraseando Myrdal⁶⁰, diria que o “dilema judaico” surge quando o assunto é sexo e casamento. Se, em relação às amizades e às atividades sócio-culturais o dilema moral se resolve pela dialética entre Tradição e

⁶⁰ Myrdal (1997)

Modernidade, uma modernizando-se e a outra “tradicionalizando-se”, de acordo com a dinâmica da etnicidade, quando a pergunta feita é “você namoraria um (a) goy ?” a resposta não é tão fácil. A assimilação de formas culturais não-religiosas e não-judaicas à esta identidade judaica juvenil foi constatada em diversos momentos (a dança da bundinha, a camisa da seleção brasileira, o sushi, amigos etc), mas a religião, mesmo que secularizada em alguns aspectos, é uma fonte importante de definição de quem é e quem não é judeu. É verdade que muitos depoimentos revelam como é difícil aceitar a verdade imposta pelo princípio da matrilinearidade e como, se assim tiver de ser, ele será transgredido. Também é verdade que, segundo as estatísticas disponíveis, o número de casamentos mistos vêm aumentando constantemente nos últimos anos mas, ao menos no nível do discurso o casamento exogâmico continua sendo um assunto tabu.

Se esta pesquisa ajudou na compreensão de uma certa “judeidade” carioca, me sinto com o dever cumprido. A maneira como o pertencimento à etnia judaica se expressa varia no tempo e no espaço, para isso é só compararmos o estilo de vida dos avós da minha geração com a nossa própria. Mesmo no interior desta entidade abstrata chamada “juventude judaica carioca” há diversos grupos com diferentes estratégias na elaboração de sua identidade étnica. Eu escolhi um deles, mas a cultura, sob a forma da etnia, é como a “matrioska”, aquela boneca russa que se divide em outras menores ou é englobada por uma maior. O consenso, se existe, é contextual.

Referências Bibliográficas

ARI (Associação Religiosa Israelita) *Serviço Vespertino de Shabat*, RJ, 1986

BARTH, Fredrik “Grupos étnicos e suas fronteiras” in Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne *Teorias da etnicidade*, SP, UNESP, 1998

BOURDIEU, Pierre *O poder simbólico*, RJ, Bertrand Brasil, 2000

CLASTRES, Pierre *A sociedade contra o estado*, RJ, Francisco Alves, 1978

CLIFFORD, James *Routes, travel and translation in the late twentieth century*, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1999

DAMATTA, Roberto *Carnavais, malandros e heróis*, RJ, Zahar, 1979

_____ *O que faz o brasil, Brasil ?*, RJ, Rocco, 2000

DOUGLAS, Mary *Pureza e Perigo*, SP, Perspectiva, 1976

_____ “The irish bog” in *Natural symbols*, Pennsylvania, Pantheon Books, 1970

DUMONT, Louis “Introdução” in *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*, SP, EDUSP, 1995

DURKHEIM, Émile “Definição do fenômeno religioso e da religião” in *As formas elementares da vida religiosa*, SP, Martins Fontes, 1996

ENCICLOPÉDIA *Conhecimento Judaico*, RJ, Editora Tradição, 1967, vols 1 e 3

FRIEDMAN, Menahem “Habad as Messianic Fundamentalism: from local particularism to universal jewish mission” in Marty, E. Martin & Appleby, R.Scott (eds) *Accounting for fundamentalisms, The fundamentalism project*, Chicago, The University of Chicago Press, 1994

GEERTZ, Clifford “A religião como sistema cultural” in *A interpretação das culturas*, RJ, TLC, 1989

GOFFMAN, Erving *Estigma*, RJ, Guanabara, 1988[1963]

_____ *A representação do eu na vida cotidiana*, RJ, Vozes, 2001[1975]

GIDDENS, Anthony “A vida em uma sociedade pós-tradicional” in BECK,U GIDDENS,A & LASH,S *Modernização Reflexiva*, SP, UNESP, 1997

_____ *Estudos Históricos*, RJ, vol.8, n.16, 1995, pp.291-305

GRIN, Mônica “Diáspora minimalista: a crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro” in SORJ, Bila (org) *Identidades judaicas no Brasil Contemporâneo*, RJ, Imago, 1997

GRINBERG, Keila “A formação da identidade étnica na escola judaica: um estudo de caso” in LEWIN, Helena (org) *Judaísmo: memória e identidade* (2 vol), RJ, EDUERJ, 1997

GRUN, Roberto “Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil” in Fausto, Boris (org) *Fazer a América*, SP, EDUSP, 1999

_____ “Identidade e representação: os judeus na esfera política e a imagem da comunidade” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.26, ano 9, outubro/94

_____ “Intelectuais na Comunidade Judaica Brasileira” in Sorj, Bila (org) *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*, RJ, Imago, 1997

HALL, Stuart “Globalização” in *A identidade cultural na pós-modernidade*, RJ, DP&A, 2000

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs) *A invenção das tradições*, RJ, Paz e Terra, 1997

LÉVI-STRAUSS, Claude “O feiticeiro e sua magia” in *Antropologia Estrutural*, RJ, Tempo Brasileiro, 1970

LEWIN, Helena “O olhar do jovem sobre sua identidade judaica” in LEWIN, Helena (org) *Judaísmo: memória e identidade*, RJ, EDUERJ, 1997

MAUSS, Marcel “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’” in *Sociologia e Antropologia*, SP, EDUSP, 1974

MYRDAL, Gunnar *An American Dilemma* (2v.), Transaction Publishers, New Brunswick, 1997

MITCHELL, J. Clyde *The kalela dance: aspects of social relationships among urban africans in Northern Rhodesia*, Manchester, Manchester University Press, 1968[1956]

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de “Identidade étnica, identificação e manipulação” in *Identidade, etnia e estrutura social*, SP, Livraria Pioneira Editora, 1976

PARK, Robert “Distância social” in PIERSON, Donald (org) *Estudos de organização social II*, SP, Livraria Martins Editora, 1949

PINSKY, Carla *Pássaros da Liberdade: jovens, judeus e revolucionários no Brasil*, SP, Contexto, 2000

POLLAK, Michael “Memória e identidade social” in *Estudos históricos*, RJ, vol.5, n.10, 1992, pp200-212

RICHARDS, A .I “Características das organizações de parentesco matrilinear na África Central” in RADCLIFFE-BROWN, A .R & FORDE, Daryll (orgs) *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982[1950]

SACHAR, Howard “The impact of western culture on jewish life”, “The rise of jewish life in the new world”, “The growth of the American-Jewish community” in *The course of modern jewish history*, NY, Vintage Books, 1990

SAHLINS, Marshall *Cultura e razão prática*, RJ, Zahar Editores, 1979

SORJ, Bila “Conversões e casamentos mistos: a produção de ‘novos judeus’ no Brasil” in SORJ, Bila (org) *Identidades judaicas no Brasil Contemporâneo*, RJ, Imago, 1997

SCLIAR, Moacyr *Judaísmo*, RJ, Ática, 1994

VILAÇA, Aparecida “Exo-canibalismo” in *Comendo como gente*, RJ, IBAC, 1992